



Narrativas quilombolas: dialogar – conhecer – comunicar



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Narrativas quilombolas: dialogar – conhecer – comunicar

Acácio Sidinei Almeida Santos
Sérgio Augusto Queiroz Norte

Organizadores

Renato Ubirajara dos Santos Botão
Silvane Silva

São Paulo
2017

SUMÁRIO

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR

Geraldo Alckmin

VICE-GOVERNADOR

Márcio França

SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO

José Renato Nalini

SECRETÁRIA ADJUNTA

Cleide Bauab Eid Bochixio

CHEFE DE GABINETE

Wilson Levy Braga da Silva Neto

COORDENADORA DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Valéria de Souza

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR E GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Regina Aparecida Resek Santiago

DIRETOR DO CENTRO DE ATENDIMENTO ESPECIALIZADO

Cristiano de Almeida Costa

NÚCLEO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL

Carolina Bessa Ferreira de Oliveira

Julieth Melo Aquino de Souza

Renato Ubirajara dos Santos Botão

COORDENAÇÃO, ELABORAÇÃO E REVISÃO DO MATERIAL

ORGANIZAÇÃO

Renato Ubirajara dos Santos Botão
Silvane Silva

REALIZAÇÃO

Núcleo de Inclusão Educacional

AUTORES

Acácio Sidinei Almeida Santos
Sérgio Augusto Queiroz Norte

ELABORAÇÃO DAS ATIVIDADES

Carmen Lucia Campos

TRANSCRIÇÃO DAS NARRATIVAS

Camila Matheus da Silva

EDITORAÇÃO DAS NARRATIVAS

Bóris Fatigatti

GRUPO DE REFERÊNCIA NA REALIZAÇÃO DAS RODAS DE CONVERSA NAS COMUNIDADES

Amador José Marcondes Garcia - DE Caraguatatuba
Aparecida de Fátima dos Santos Pereira - DE Registro
Cleonice Maria Vieira- DE Votorantim
Ilza Looze - DE Apiaí
Jefferson Roberto de Castro - DE Apiaí
Maria Helena Zanon Salvador - DE Registro

Foto da capa: Quilombo Cangume - Itaoca - SP | ©Acervo NINC/SEE-SP.

SUMÁRIO

Sumário

Prefácio	7
Apresentação	11
Contadoras e contadores	15
O método.....	16
Uso didático das narrativas.....	18
Africanos no Brasil.....	27
A resistência africana e afro-brasileira à escravidão.....	28
As várias formas de resistência e combate à escravidão.....	30
Capítulo 1 – Quilombos, comunidades de valores	37
O que é, oficialmente, um quilombo?	38
Capítulo 2 – Memória coletiva	49
Conversando sobre a vida de antigamente.....	49
Capítulo 3 – Práticas culturais	59
Línguas remanescentes.....	59
Conheça algumas línguas africanas que vieram para o Brasil.....	61
Festejos e tradições	63
Alimentação.....	71
Conversando sobre cura de doenças e parteiras	74
Ritos de morte	82
Capítulo 4 – Valores civilizatórios	87
Família e socialização	87
Terra	97
Associação.....	103
Produção: roça, produtos artesanais e turismo étnico.....	107
Então, até breve	115
Referências bibliográficas	121



Fernandes Dias

Quilombo São Pedro - Eldorado - SP.

SUMÁRIO

Prefácio

Em março de 2012 ingressei no Núcleo de Inclusão Educacional da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, com a responsabilidade de implementar as Diretrizes Nacionais para Educação Escolar Quilombola, juntamente com o professor Renato Ubirajara. Para esta difícil tarefa iniciamos os trabalhos com uma reunião com as lideranças das comunidades quilombolas de Eldorado na EE Maria Antônia Chules Princesa. Nesse momento a preocupação das lideranças era com a falta de material didático que contasse a história das populações negras no Brasil, em especial as histórias dos quilombos, de uma maneira que valorizasse o direito à posse e permanência na terra, bem como os modos de vida quilombola. Foi então que decidimos registrar as histórias das comunidades para que fossem utilizadas como recurso didático. Ouvimos as/os quilombolas por meio de “rodas de conversa” em 13 comunidades quilombolas do Estado de São Paulo. Deste primeiro contato resultaram mais de 60 horas de gravações em áudio. As conversas foram transcritas e selecionados os temas que mais apareceram: terra e território, valores, identidade, festejos e personagens importantes. Convidamos dois professores doutores especialistas em História da África e História Afro-brasileira para escrever textos introdutórios às narrativas, Acácio Almeida e Sergio Norte e a professora Carmem Lucia Campos, com vasta experiência na publicação de paradidáticos, para elaborar atividades com base nas narrativas.

Consideramos um passo importante a publicação desse material não apenas por possibilitar mais subsídios didáticos para as/os educadoras/es que trabalham com estudantes quilombolas, mas principalmente para que as/os próprios estudantes possam se apropriar da história das/dos suas/seus mais velhas/os não como folclore ou lenda, mas como História do Brasil com H. Na historiografia brasileira são poucos os trabalhos que falam dos quilombos contemporâneos, como se estes tivessem ficado congelados no passado. As comunidades quilombolas estão aí presentes, mais vivas e potentes do que nunca. São mais de 5 mil no Brasil e mais 80 no Estado de São Paulo. Essa história precisa ser conhecida e valorizada por todos as/os estudantes e educadores/as.



Muito ainda está por ser feito na implantação das Diretrizes Nacionais para Educação Escolar Quilombola: construção de escolas, formação de professores quilombolas, legislação específica para o funcionamento das escolas quilombolas. Para tratar dessas questões foi criado o Conselho de Educação Escolar Quilombola do Estado de São Paulo. Como diz o poeta “um passo à frente e não estamos mais no mesmo lugar”. Que venham muitos mais materiais didáticos construídos juntamente com as/os quilombolas.

Seu Ditão, griô do Quilombo Ivaporunduva, sempre nos ensina que em se tratando de quilombo não existe o eu, existe o nós. Portanto, meus mais sinceros agradecimentos a todas as/os quilombolas que fizeram e fazem História e que generosamente compartilharam algumas dessas histórias conosco. A Renato Ubirajara, parceiro de todas as horas, aos especialistas que gentilmente cederam seus conhecimentos: Acácio Almeida, Sergio Norte, Carmen Lucia Campos, Bóris Fatigatti que realizou a editoração das narrativas, Camila Matheus que realizou exaustivo trabalho de transcrição. Às educadoras e aos educadores que colaboraram para a realização desse material nas Diretorias de Ensino das regiões de Apiaí, Caraguatatuba, Registro, Votorantim e no Núcleo de Inclusão Educacional (NINC) da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. À Imprensa Oficial pela edição final. E também à professora Maria Elizabete da Costa e Sergio Roberto Cardoso que acreditaram no projeto de publicação quando era ainda apenas uma ideia.

Silvane Silva



Boneca Abaiomi, Quilombo Caçandoca - Ubatuba - SP.



Quilombo Caçandoca - Ubatuba - SP.

Apresentação

“§ 2º A Educação Escolar Quilombola:

I – organiza-se precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais, mas fundamenta-se, informa-se e alimenta-se da memória coletiva, línguas reminiscentes, marcos civilizatórios, práticas culturais, acervos e repertórios orais, festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;”

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CEB 8/2012. *Diário Oficial da União*, Brasília, 21 de novembro de 2012, Seção 1, p. 26.

O livro *Narrativas quilombolas: dialogar - conhecer - comunicar* representa uma parte da resposta oferecida pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo - SEE/SP, por meio do Núcleo de Inclusão Educacional/NINC à demanda colocada pelas comunidades quilombolas. O livro tem como objetivo oferecer possibilidades para a utilização de elementos do patrimônio material e imaterial quilombola em sala de aula. A educação tradicional quilombola é amparada em valores da oralidade que orientam e dão sentido à vida em comunidade. Por isso, é possível considerar o patrimônio material e imaterial quilombola enquanto portadores de uma dimensão didática, enquanto instrumentos de transmissão de cultura, história e tradições, cujo conhecimento, além de ser imprescindível no diálogo intercultural, pode contribuir para a melhoria da qualidade do sistema educacional, oferecendo novos recursos pedagógicos, pensados a partir de realidades particulares.

No dia 29 de setembro de 2003, a Unesco adotou uma convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.

O patrimônio cultural imaterial compreende as tradições e as expressões orais, as artes, as práticas sociais e rituais, os conhecimentos e práticas concernentes à natureza e ao universo, os saberes e fazeres ligados ao artesanato tradicional. E o principal meio de transmissão desse patrimônio imaterial é a oralidade.

Por isso, nas sociedades tradicionais, o conto é um dos meios mais utilizados para transmitir o patrimônio cultural de uma geração a outra. A ele cabe o domínio do maravilhoso, do irreal e do imaginário.

Eu já vi. Ver não, já ouvi perto assim. Eu *tava* numa casa – isso também que aconteceu é novo – eu *tava* numa casa trabalhando, tirando palmito também, e peguei um companheiro pra trabalhar comigo, que é parente nosso, filho de []. Aí, quando era de manhã, a gente deixava as panela lá em cima assim do negócio lá, da tarima – a gente fala tarima, sabe, não é mesa, é tarima – aí começava. Dava umas quatro e meia, cinco hora, começava barulho na panela, igual que *ponhava* água na panela, igual que tirava, igual que tirava do lugar... Aí eu falei pro companheiro; ele falou assim: “Nossa, mas cê viu mesmo?”. Falei: “Eu vi”. “Então, cê me chama pra mim ver também?” Falei: “só que tem uma coisa, é... você tem coragem pra ver?”. Aí ele pensou um pouquinho e falou: “É, eu tenho sim coragem”. Eu falei: “Porque se cê não tiver coragem, é bom que não mexa”, porque, assim, gente medroso, que nem a mulher dele tem medo, tem medo dessas coisas, tem medo de fantasma, tem medo de... tem medo! Então, quando eu vejo essas coisa, eu nem falo pra gente medroso, eu não tenho medo memo. Aí ele falou: “mas cê chama?”. Eu falei “chamo”. Quando foi quatro e meia, começou o negócio mexer nas panela, mexer nos prato – esses prato que, até agora, não faz muito tempo, a gente ainda tinha esses prato de ferragato, faz um barulho danado, até no chão faz barulho aqueles prato – aí eu chamei ele, né, quatro e meia da manhã, chamei ele. Aí, como era só nós dois – nós dormia quase junto, assim, ó, uns quarenta, cinquenta centímetro um longe do outro, né, era só nós dois, todo dia era só ir trabalhar e voltar, era a nossa rotina –, *tá*, chamei ele, falei: “Olha...”, cutuquei a costela dele, né, “o negócio *tá* mexendo lá”. Rapaz, mas arrependi na hora que eu chamei ele, Quando eu vi, a perna dele fazia isso, ó, mas tremia. “*Tá* com medo?” Ele: “Rapaz, eu pensei que era mentira de você, é verdade mesmo”. Eu falei: “Não esquentar a cabeça, se ele não tocar *ni* nós, não dá briga” <risos>, “agora, se tocar *ni* nós o pau vai quebrar”. *Óia*, mas o coitado tremeu até *crarear* o dia, até *crarear* o dia ele tremeu. (Sr. Maurício/André Lopes)

São narrativas, as narrativas apresentadas neste livro são transcrições de conversas realizadas nas comunidades quilombolas. *Transcrição* é quando alguém escuta outra pessoa falando (pode ser ao vivo ou em uma gravação) e transforma o que está sendo dito em um texto verbal escrito, para que todos possam ler depois. A pessoa que escreve esse texto é chamada de *transcritor*.

O que são todos essas conversas que aparecem neste livro?

Porque algumas palavras das narrativas estão em **itálico**?

Quem são as/os **griôs**?

Por meio do conto é possível desenvolver a memória auditiva, a memória visual, a imaginação, as funções da linguagem, o conhecimento do meio ambiente, a sensibilidade, a lógica e a afetividade, conhecer o patrimônio cultural, a moral, a ética, a estética e as funções sociais, morais e educativas.

Por isso, os contos, em sociedades tradicionais, constituem uma literatura oral apropriada à transmissão dos saberes das sociedades onde eles são contados e estão inseridos. Eles são, em geral, o reflexo da sociedade, e não de suas/seus contadoras/es (e autoras/es).

Os temas encontrados são extremamente variados, são moralizantes e podem abordar toda sorte de aspectos da vida cotidiana, tais como: a **cosmogonia**, as estações, a fecundidade, a esterilidade, a morte, a iniciação, a riqueza, a pobreza e as lutas pela terra.

Portanto, contrariamente ao que normalmente se imagina, os contos não têm como alvo unicamente as crianças. Adultos, jovens e crianças se encontram para escutar as/os experientes contadoras/es, verdadeiras/os depositárias/os da palavra. Por isso, a/o contadora/or deve ser uma/um “artista” polivalente – com as qualidades, por vezes, das/dos comediantes, poetisas/poetas, cantoras/es e dançarinas/os.

O conto, nas sociedades tradicionais, é o lugar de encontro de todas as artes, característica que o faz extremamente rico. Ele revela valores caros às sociedades tradicionais, como a obediência, a discrição, a sabedoria, a hospitalidade, a justiça, a honestidade, a gratidão, a bondade e a generosidade.

Por isso, podemos afirmar que os contos são uma importante ferramenta pedagógica para a transmissão de valores tradicionais de uma geração a outra, educando de forma contínua os indivíduos e a coletividade.

Assim, os temas dos contos, em estreita relação com os valores morais tradicionais, podem auxiliar na melhor compreensão de tais valores.

Você provavelmente vai perceber que muitas das palavras das narrativas estão em *itálico*. **Itálico** é essa letra diferente, meio “deitada”. Você sabe o porquê disso?

As palavras que estão em itálico foram ditas pelos mais velhos de uma forma diferente daquela que está nos dicionários, ou seja, diferente daquilo que se considera a norma-padrão da nossa língua. Ninguém fala exatamente como se escreve. Dificilmente dizemos “Eu estou aqui”, mas sim “Eu tô aqui”. Mas, na hora de por no papel, escrevemos “Eu estou aqui”. O modo de falar das pessoas que vivem no meio rural, principalmente as mais velhas, também tem características próprias.

Durante o processo de organização das narrativas, procuramos levar em conta que se trata de um texto escrito, que precisa respeitar a norma-padrão da língua. Mas também procuramos levar em conta que se trata de narrativas, e, assim, procuramos respeitar as características do modo como se fala. Por isso, destacamos essas palavras “diferentes” no meio do texto. Assim, você poderá identificá-las e entender melhor as diferenças entre o modo como se fala e o modo como se escreve. Veja um exemplo: “Agora, se tocar *ni nós* o pau vai quebrar”. *Óia*, mas o coitado tremeu até *crarear* o dia, até *crarear* o dia ele tremeu.”

O **griô**, nas sociedades africanas, é um historiador, um contador de histórias, um cronista. É o guardião da memória coletiva de um povo, de uma comunidade, de uma família.

Ser griô significa ter nascido em uma família de griôs, pertencer a uma casta de griôs, mas o desenvolvimento de suas competências e habilidades dependerá dos ensinamentos transmitidos pelo seu mestre. Ele é acompanhado, geralmente, da *kora*, instrumento com 21 cordas.

Cosmogonia: “Doutrina mítica, religiosa ou filosófica de explicação da origem do universo [...]. Explicação da origem do sistema solar”.

Muito embora o livro *Narrativas quilombolas* não trabalhe propriamente com contos, ele se aproxima de tal universo ao buscar a história de vida e as narrativas de mulheres e homens mais velhas/os quilombolas.

O papel das histórias vivas, recolhidas nas comunidades quilombolas, é estabelecer relações entre as representações e dar sentido ao que crianças, adolescentes, adultos e os mais velhas/os vivem.

Ao escolher trabalhar com as memórias das/dos moradoras/es das comunidades quilombolas, o desejo da equipe da SEE/SP foi de revelar a função cognitiva que preenche a narrativa, evidenciando aquilo que as memórias revelam sobre as especificidades de cada quilombo visitado: as histórias, a tradição, os conflitos, as transformações, a educação, as relações geracionais...

Então, pra vocês, que alguns já conhecem aqui o lugar, né, pra nós a história é longa, eu vou apenas {Abreviar} abreviar, né, porque a história mesmo da comunidade começou há quatrocentos anos atrás, *depois* aí vem vindo sofrendo mudanças, né, drástica, mas *tá* mudando, porque a gente costuma falar que não há vitória sem luta, né, então a luta continua e assim a gente vem conseguindo melhoria, essas coisas, falta muito, mas assim, agora, a história que você quer saber é a história do passado, atual? (Dona Diva/Pedro Cubas)

Por isso as narrativas registradas nas comunidades quilombolas são histórias particulares, reveladas por uma ou mais pessoas, mas não são individuais; elas estão muito além dos significados e dos sentidos de um simples discurso descritivo, elas revelam o saber/fazer da comunidade comunitária, construída e reconstruída pelas palavras, os gestos, as danças, as músicas, o silêncio.

As histórias trazidas pelas/os contadoras/es são conhecidas da comunidade, mas seguem ainda sendo ouvidas, justamente porque elas mostram como os fatos passados podem explicar os fatos e tempos presentes, servindo de instância de compensação social onde a comunidade projeta de forma simbólica sua própria visão de mundo. Por isso, a narrativa não é uma simples transposição da realidade social quilombola, mas um processo de representação de uma representação coletiva onde as imagens expostas traduzem as aspirações culturais do tipo ideal construído coletivamente. Nessas condições, ao organizarmos as narrativas percebemos o quanto elas interpretam a cultura local, sua desestruturação produzida e reproduzida a partir de relações internas e externas.

As coisas que a gente faz de bom no mundo, tem que ter diversão! Eu sempre falo isso pra ele, ele não é *memo* muito bem de recordação, mas eu acho

que uma pessoa como ele, pelo que ele passou, ele também tem história dele, história maravilhosa, uma pessoa que, canoieiro como ele foi, ele teve uma vida dura aqui do Vale da Ribeira, transportar carga de canoa, do porto até (Vale) do Batatal, Iporanga, uma pessoa *desse* tem história, só que não gosta de contar, eu tento falar pra ele, “vamos juntar tudo essas historinha e por num livro...”¹ (Dona Jovita/Galvão)

Contadoras e contadores

Temos nas histórias recolhidas um discurso produzido pelas/os quilombolas, sobre os quilombolas e para os quilombolas. Logo, propriedade coletiva, mas, especialmente, expressão coletiva que aparece como discurso plural e complexo, em que a coletividade se exprime e se revela. Por isso, cada uma/um das/dos contadoras/es, cada uma/um daquelas/es que revelou a sua história, que é também parte da história coletiva, é uma entidade social.

As histórias recolhidas ocupam um lugar importante na elaboração da vida da comunidade. Seu conhecimento aprofundado constitui uma via privilegiada de acesso a certos mecanismos da construção das relações sociais. A análise dessas diferentes funções permite perceber como as comunidades tradicionais estruturam os elementos de base que presidem as relações humanas, por meio da interação entre o permitido e o defendido e suas múltiplas gradações: recomendado, reprovado, aceito, admitido, tolerado etc. Assim, as histórias reiteram refinadamente a relação entre o social e o indivíduo e cumprem uma função reguladora na resolução das tensões sociais.

O que percebemos é que as histórias que vocês lerão parecem ter função reguladora na resolução das tensões sociais, através de atitudes intermediadoras. Isso sem nunca deixar de condenar as atitudes negativas que podem colocar em risco a vida da comunidade e a vida em comunidade. Ao preservar a sociedade das tentações destruidoras e das atitudes aventureiras que podem ameaçar a segurança dos membros da comunidade, as histórias confirmam a ideia de organização social.

Mas não podemos nos esquecer de outro importante elemento das narrativas coletadas, a função lúdica, que não está separada da função educativa.

As narrativas oferecem um material pedagógico suficientemente rico para que seja garantido o seu lugar nos programas escolares quilombolas. Compreender o outro e dialogar com ele é uma maneira de promover a diversidade cultural.

1 Neste trecho da narrativa, Dona Jovita comenta sobre o seu marido, o Sr. Jabor. Ela diz que ele é muito tímido e insiste para que conte suas histórias, que são muitas, mas ele não gosta de falar.

Aqui (Cafundó) também teve (resistências) de brigas, houve morte também, porque o interesse por essas terras aqui é grande. E aí não sei por que, mas o negro sempre tem que não ter nada, o negro sempre serviu pra... O negro serve mais de ato de pesquisa, só serve pra isso, mas o negro nunca tem nada, nunca pode ter nada. Porque antes, no tempo dos nossos antepassados, eles já vieram como escravos, então não tinha outro jeito. Então eles colocavam eles no tronco, batiam, eles tinha que sujeitar porque não tinha outro jeito, e agora o negro é mantido como escravo de outra maneira. Hoje a turma leva chicotada e não vê o chicote. Antes o negro já sabia, tomava chicotada, mas via o chicote. Agora continua sendo escravo, mas sem ver o chicote... Muito se fala da história do negro, mas nas escolas ainda está cheio de preconceito da história do negro, porque nunca contam a história real do negro. A turma cria uma história que diz que é do negro, mas é desviado, não é a história verdadeira. E aí, infelizmente, as pessoas de agora, os adolescentes de agora estão aprendendo desse tipo de história que a turma está criando. Não conta do sofrimento, como eles sofreram quando chegaram aqui, como foi o *exportamento* da turma, quando chegaram aqui. Isso aí a turma desvia um pouco, porque, se for na realidade mesmo, quem levantou o Brasil foi o próprio negro. E o negro, hoje, praticamente é descartado, porque o negro, em todos os sentidos, ele é usado! Esses tempos agora, eles sofreram vários preconceitos com os alunos, com os adolescentes que iam pra escola. [...] Quando saiu aquele filme do (Paulo Betti), eles tiravam sarro na escola: "Ah, vocês são aqueles lá do tal quilombo de Cafundó que o Paulo Betti fez esse filme, o tal de quilombo Cafundó, que fica lá nos Cafundó do Judas". (Sr. Marcos/Cafundó)

O método

Para os objetivos propostos, a equipe de Educação Escolar Quilombola da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE-SP), visitou as seguintes comunidades quilombolas paulistas: André Lopes, Caçandoca, Cafundó, Cangume, Galvão, Ivaporunduva, Nhunguara 1 e 2, Pedro Cubas de Cima, São Pedro e Sapatu. O material recolhido, obtido por meio de entrevistas diretas e rodas de conversas, foi organizado e reagrupado de forma a abordar, ora de forma mais direta, ora de forma indireta, os seguintes tópicos:

- quilombos, comunidades de valores
- memória coletiva;
- acervos e repertórios orais;
- língua reminiscente e falares;
- festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas;

- práticas culturais;
- tecnologias e formas de produção do trabalho.

Os relatos revelam-se maravilhosos instrumentos didáticos, possíveis de serem explorados nas diferentes disciplinas que formam a educação básica, em diferentes contextos.

Hoje nós *tamo* no total de quarenta e oito famílias e cento e cinquenta e sete pessoas, isso são os habitantes, né, e... Então, São Pedro *tá* a uma distância de sessenta quilômetro de Eldorado – acho que isso é um registro, um detalhe mais *craro*, né – e *tá* no limite de município de Iporanga e Eldorado [] e a escola primeira que teve aqui foi em mil novecentos e oitenta, né, oitenta. Essa escola foi uma história muito *compricada* pra o povo daqui na época, na qual foi trabalhado tudo o material trazido na escola no lombo de animal, da balsa até aqui, pra poder os aluno, né, as criança, estudarem aqui, né. E ainda não tinha uma balsa como é hoje, mas era canoa, atravessava na canoa. E hoje, aqui, nesse momento, aqui, são poucas pessoa que trabalhou esses dias, né, ele [], mas acho que mais sofreu aqui foi o [], ele trabalhou, ele era mais novo, mas também já ajudou. Mas o que sofreu mais na questão de broco, de telha, de... Ele trabalhou, eu trabalhei, mais pessoas, lógico, mas que não *tá* aqui. Então foi muito complicado, era muito difícil mesmo porque as pessoas tinha que trazer um *broco*, três *broco* nas costa de lá da balsa aqui na... aqui. Cada pessoa, animal trazia dois saco de cimento, era cem quilo. Então era uma dificuldade muito grande. O homem que trazia quatro broco aqui, ele se fazia com ares de melhor que o outro, né, porque tinha assim uma vontade de ajudar a fazer. Telha, dessa telhinha pequena, era três telha que trazia, então foi muito difícil. Isso foi em mil novecentos e oitenta, aí depois foi melhorando um pouco e foi, assim, aumentando também a forma, porque aumentou os aluno e aí também foi aumentada a escola, então é... Passou a ser duas escolas, né, mas porque uma *tava* muito pequena foi mudando pra outra. Isso já foi no outro... no outro administração do governo. Também já tinha estrada aqui, então a partir daí já melhorou bastante. Hoje nós *tamo* com um pouquinho de dificuldade porque a escola estadual, ela municipalizou, né. Então tivemos uma, várias discussões, o por que municipalizar, né. Talvez não *tava* nem numa época de municipalização, porque tem a dificuldade de carência em questão de merenda, em questão de transporte, então era muito difícil. Mas é o governo, é um trabalho do governo que *impranta* para o município. A gente não conseguiu segurar que ela municipalizasse, mas conseguimos aí resgatar que não saíssem todos os alunos daqui pra estudar noutro lugar, igual que era a programação, né. Então a gente conseguiu resgatar os alunos que, mesmo sendo municipalizado, continuassem no Nhunguara. Mudou um pouco, saiu um pouco depois que se tornou [] mas aconteceu isso, eu hoje não sei quantos aluno *tá* estudando aqui, mas na média de uns dezessete, né. Então são vários aluno que *tão* estudando aqui, então. (Sr. Aurico Dias/São Pedro)

E, no caso, o que eu queria falar também sobre a escola é que a gente sempre conversou assim entre liderança, né. A educação diferenciada, cês já devem tá sabendo, né, nós lutamos por essa educação diferenciada. (Dona Diva/Pedro Cubas)

Todas as pessoas envolvidas no livro, direta ou indiretamente, tinham como denominador comum o interesse pela educação. As narrativas devem ser enriquecidas pelas experiências das/dos professoras/es, preocupadas/os com a interação entre os valores tradicionais quilombolas e a sua integração no sistema moderno de educação, como proposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. No artigo 7º, inciso XVII desse documento, é expresso como um dos princípios que regem da Educação Escolar Quilombola o “direito dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades quilombolas de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade”².

Uso didático das narrativas

O uso didático de um documento é a operação que consiste em transformá-lo ou explorá-lo para que ele sirva como meio ou objeto de ensino-aprendizagem. Esse processo implica geralmente uma análise pré-didática de essência linguística, para identificar aquilo que pode ser ensinado. Explorar didaticamente o patrimônio oral quilombola significa integrá-lo aos programas escolares por meio de atividades autônomas e interdisciplinares. O livro de narrativas será acompanhado de um caderno de sugestões de atividades que poderão ser realizadas por professoras/es e alunas/os.

A integração de textos como os recolhidos durante o trabalho realizado pela equipe da SEE-SP é uma necessidade, para não dizer uma obrigação, por uma simples razão: os quilombos podem nos ajudar a resolver problemas dos modos de vida urbanos, bem como a memória dessas comunidades pode ajudar na resolução de problemas contemporâneos. O saber/fazer quilombola é essencialmente de origem oral, o que significa dizer que, conhecendo verdadeiramente a ideologia veiculada pelos depoimentos, poderemos:

- revelar a existência de um quadro lógico de utilidade pedagógica que deve servir de referência ao uso didático do patrimônio oral quilombola;
- mostrar que as histórias narradas pelos quilombolas podem contribuir de forma significativa para o desenvolvimento de competências.

2 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17417&Itemid=866>. Acesso em: 31 mar. 2014.



Escola Estadual Profª Anezia Amorim Martins que recebe alunos do quilombo Cangume - Itaoca - SP.

Os objetivos que formam os pilares dessa iniciativa aspiram conservar, definir e elaborar as modalidades pedagógicas permitindo a plena exploração de um material original, sem negligenciar a exploração textual, gramatical e sociocultural de base.

Por isso, é importante a preparação das/dos jovens das comunidades quilombolas para a coleta, transcrição e interpretação dos textos. Com isso, pretende-se que cada comunidade tenha uma casa da memória, que sirva para conversar e para transmitir às gerações mais novas os saberes tradicionais. As tradições orais são, antes de tudo, um patrimônio que precisamos conservar, conhecer e estudar.

Graças a Deus, os nossos alunos hoje já sabem, é, assim, mais ou menos alguma coisa, porque a gente passa, né... mas não que a escola... a tradição mesmo, o que que é comunidade tradicional? Tradicional é passar de um para outro. Então, nossa tradição é essa, continuar passando, senão nossos aluno, nossas crianças esquecem, né. E tivemos da minha época pra cá, até as criança mesmo recente, que *tão* com dezesseis, dezessete, quinze ano, eles sofreram muita discriminação na escola, porque, na comunidade, eles andavam era de pé no chão ou chinelinho de dedo e ou trancinha ou lenço na cabeça. Aí eles iam pra escola assim; quando chegava lá, era reparado, né. Então teve, eles vinham chorando pra casa que xingavam eles na escola. Enfim, até hoje a gente ainda tem muita reclamação das criança na escola. Tipo assim, né, é triste falar, mas tem, *tá*. Então tudo isso a gente quer que os professores aprendam, entendeu? Aprendam. (Dona Diva/Pedro Cubas)

Este livro é fruto dos esforços de muitas pessoas, nasceu dos sonhos de muitas/os quilombolas, é patrimônio transmitido oralmente pela força da palavra de cada um das/dos depoentes ao ouvido de cada uma/um de nós.

Agora, você poderá ler algumas histórias contadas por homens e mulheres quilombolas.

Algumas intenções educativas que podem ser desenvolvidas a partir das narrativas:

- Despertar para a noção de memória.
- Perceber que a memória é constitutiva da identidade.
- Perceber a importância da palavra, do depoimento e da memória.
- Compreender a memória como um direito e um dever.
- Como todas as memórias individuais das/dos quilombolas podem ser estruturadas em uma memória coletiva quilombola?
- Até que ponto a memória coletiva quilombola influencia a memória individual?

Represento a Associação do Quilombo do bairro André Lopes, eu *tô* aqui pra gente ouvir aí os senhores e as senhoras que têm mais experiência de vida, e a ideia é contribuir. Eu não sei se o nome verdadeiro é esse, nós estamos (procurando) o nome ainda, se é a verdadeira educação diferenciada ou talvez outro nome. Mas a ideia é fazer com que a nossa juventude possam entender a nossa realidade e que nós possamos ter, talvez daqui um tempo, tenha um mundo melhor aí, pra nossa geração que *tá* vindo aí. Obrigado. (Seu João/ André Lopes)

Sou nascido aqui, *tô* com cinquenta e cinco anos; meu pai faleceu com oitenta e dois anos, também nascido aqui; meu avô é nascido aqui. Então, se for pra contar a história da vida pessoal da pessoa, vai um dia inteiro pra contar. Mas como aqui a gente *tá* vendo que o foco da coisa é uma educação diferenciada, então, principalmente, o que eu tenho que passar é o seguinte: Que meu pai, segundo tudo isso que já falaram aí, [], a Marisa, então, isso aí é a nossa cultura, que eles aprenderam um passando para outro; desde o meu bisavô passando um para outro. E, principalmente, o que eu tenho que passar hoje, o que eu aprendi, é que ele me ensinava a respeitar (aquilo que era dos outros), trabalhar com sinceridade; aquilo que era meu, zelar. Meu pai e minha mãe sempre falavam pra mim "Ó, é o seguinte, tudo aquilo que é seu você guarda direitinho, você zela, você respeita aquilo ali dos outros". Nós tinha a

nossa roça, passava na beirada da roça de outro, vizinho, nós não tirava uma es-
piga de milho, não tirava um pepino, não tirava um arroz, não tirava uma abó-
bora. Então a minha mãe, ela passava isso, falava: “Meu filho, isso é educação,
é doar aquilo que eu aprendi pra vocês, porque a pessoa que é bem educado,
ele entra e sai em qualquer lugar, ele sabe respeitar”. Então ainda dizia assim,
a gente vê que de acordo das necessidades das coisas é que a gente vai evo-
luindo e a educação também vai evoluindo. Então, o que acontece, ela sempre
falava, hoje em dia, se você saber falar e for bem educado, você vai em Roma
– tem esse ditado, né... Então ela passava isso pra nós. Então a gente aprendeu
também, como se diz, a nossa matemática, a nossa ciência, a nossa geografia,
a nossa história. Não *tava* num livro escrito, mas era assim uma vida vivida que
eles passavam pra nós. Eles falavam pra nós prestar atenção na natureza, nos
pássaro. Não, é verdade, de manhã, o [] acordava a gente, à tarde os (uru).
Então isso aí que eles ensinavam pra nós, esse tipo de coisa – e nós entendia,
tudo nós entendia; quando um falava com o outro, todo mundo entendia o que
um *tava* falando. (Sr. Assis Pereira do Santos/André Lopes)

Então, meu nome é João Mota, mas sou conhecido por João (Catá). Se
chegar e falar João Mota, ninguém sabe, mas se falar João (Catá) todo mundo
{João o quê?} João (Catá), apelido, o nome é João Mota, mas sou conhecido
por João (Catá). Eu, como pra mim é motivo de muita satisfação, porque foi
uma coisa que eu sempre falei isso dentro da comunidade, desse *trabaio* que
cês *tão* falando. Só que eu falei uma coisa que ninguém acha que “Ah, isso aí
[]”, a escola do, a Chules, aquela escola ali nasceu através de uma conversa
dessa. Eu... acho que alguém conheceu o professor Antonio... eu e o professor
Antonio ali do, que já morreu {De acidente, né?}, é, e a professora Neuza, Neu-
zinha, aquela pequeninha, então, a gente, nós fizemos uma conversa. [] Aí nós
ficamos falando um dia, vamos chamar a Secretaria. Aí *chamemos* a Secretaria
da Educação de Registro, eu não lembro o ano certo, a data certa, isso eu não
lembro. [...] Aí nós falamos: “Não, o que nós queria é que fizesse uma esco-
la, não pro Nhunguara, não pra suprir o Nhunguara, pra tudo as comunidade
próxima, pra vim estudar aqui, pra vim estudar aqui”. Aí ficou *despois* pra, aí
passou, aí saiu a escola, só que ali na escola não fala dessa história que eu
tô falando. Eu *tô* falando que foi nós que {Idealizamos}, é, a ideia, só que ali
na escola tem muitos que não conhece {Essa história, né}, porque ali *tá* Maria
Chules e, né, porque saiu lá no outro bairro. Isso aí não tem *pobrema*, mas pra
nós isso aí. E eu também sempre falei: “Não, mas a gente tinha de ter, os fio
da gente conheçam a história da gente”. A minha, começar por mim, eu nasci
em mil novecentos e cinquenta e quatro, doze do um, foi o ano que o [] deu
aula aqui, não foi? Que foi a professora era Zirda, dona Zirda do (Castelhano).
Despois, quando veio, eu já *tava* com doze anos de idade. Aquela vez dava
pra estudar, porque não tinha isso de data de estudo, mas eu era o mais *véio*

da *famia*, meu pai, naquele tempo, ninguém se pensava em estudo. Há cinquenta anos atrás, os quilombolas não se pensava em estudo, se pensava *deis* gerar *famia* pra levar pra roça, isso que era a história *deis*. Eles não... quando falava em estudo, "Eu vivi sem estudo, meu *fio* também vai viver". Então eles pensavam dessa maneira, não é o pensamento de hoje, eles pensavam dessa maneira, e logo ir pra roça. *Malemá* (eu faço) meu nome, eu sou analfabeto, porque eu não tive essa oportunidade. Só que isso eu não penso pro meu *fio*, eu quero que o meu *fio* *teja* oportunidade. Sempre eu brigo, lá onde o *fio* de [] *tá* estudando, eu queria que o meu também tivesse a mesma oportunidade, né, porque não são (direitos) humanos. {Os direitos são iguais, né.} Então, eles também têm esse direito. {Sim.} Mas, infelizmente, isso não acontece. {Não aconteceu ainda.} Então, e hoje meus *fio* tem oportunidade de estudar, só que o que acontece é que às vezes não dá muito valor. O meu *fio* mais *véio* foi até o primeiro, parou, o segundo tem o básico, tem um de onze que *tá* na... quinta. E eu, pra mim, deu uma alegria, só que eu não penso do tipo que meu pai pensou, meu avô pensou, "Não, vamos levar pra roça", porque hoje eu *tô* vendo a *farta* que ele faz, hoje eu *tô* vendo a *farta* que faz. Já tive muita oportunidade e não pude porque não tinha os estudo. Se eu tivesse, né, o meu (ponto) de vida seria outro. Não *tô* dizendo que *tô* triste, eu entendo os dois lados, porque eu entendo que meu pai também, eu preciso do estudo, mas meu pai também precisava me levar pra roça. {Da mão de obra.} É, pra mão de obra, porque a ideia de cinquenta anos atrás era isso. {Era, o pensamento era esse}. A ideia era isso, não era... a realidade não era a realidade de hoje. Então a gente tem que entender isso que {Cada época tem a sua necessidade, né.} É, então tinha essa necessidade. Então foi meu caso, né, que não deu pra estudar (...) (João Mota [João Catá]/Nhunguara)

É, eu me chamo Laurentino Morato de Almeida, nasci no bairro do Nhunguara, *tô* com oitenta e, quase oitenta e oito anos. (Aqui, dentro daqui) conheci o começo da escola do Nhunguara, (quando foi formado), desde o começo, até agora. Eu não tive escola, eu aprendi assim sem escola, né, um dava alguma coisa, outro dava outro, assim eu fui crescendo. E, hoje, pela misericórdia de Deus, não é igual como quem tem estudo, eu não sei perguntar, que às vezes faz pergunta, quem lê, quem *tá* na escola, faz as pergunta, sabe. Então eu não sei responder pergunta nenhuma, porque eu não tive essa oportunidade [...] Então, quer dizer, pra mim, a maior alegria de saber que o bairro *tá* crescendo, né, porque quatro, três, nós era três. E naquele tempo eu fazia o título pra pessoa só assinar e ir votar. E, hoje, quem não sabe, não tem voto, né. {É tem que saber assinar.} Então, aquele tempo foi um tempo dificultoso. Não tinha estrada, só tinha que ir por caminho, nós tinha que ir pela ribeira [] Hoje, pela misericórdia de Deus, o carro *tá* chegando aqui. Foi em (mil novecentos e cinquenta) que o finado Jonas [] parente nosso [] quando eu falei que a estrada

vinha até aqui, ele foi a maior briga [] “Como que vai ser?” Mas aquele tempo as coisa era difícil mesmo, tudo era difícil. “Como que vai ser, vai ter carro [] na porta?” Se ele fosse vivo, né... Agora, a maior razão que eu *tô* alegre, porque foi numa reunião, né, com a essa nossa comunidade [] aquela reunião que o [] fez na sua casa... {Ah, sim, sim.} Então, ele fez uma reunião, o povo pediu ônibus, pediu casa, ele falou assim, *óia*: “Ônibus eu dou, não dou o dinheiro pra viajar, a casa eu não posso fazer porque é muito, não tem possibilidade”. Aí eu fui pro André Lopes, encontrei com o [], que tudo mundo conhece ele {{Zé Paulo}}, (Zé Paulo), aí ele saiu da igreja lá: “Seu (Lauro), o que sucedeu na reunião?”. Digo: “A reunião saiu neutro”. “Por quê?”. “Porque pediram as coisa, ele não vai dar”. Né, ficou nada. Aí ele falou pra mim bem assim: “Olha, se você não formarem uma comunidade, daqui a pouco tempo vocês não vão ter lugar pra *prantar* um pé de abacate. O Ibama, a Florestal, o Meio Ambiente não vai deixar.” [] Aí cheguei aqui, convidei meu sobrinho. Pensei que era fácil de se começar, né, eu pensei assim: “Vou formar uma associação porque como que nós vamos ficar num mato desse, sem poder *prantar* nada?”. Aí *formemos*. *Formemos* e, hoje, como diz, esse povo que *tá* vindo aqui através dessa história abriu a porta pra outros [] através dessa história da associação, que foi uma porta aberta *memo*. {Ficou conhecida, né.} {O senhor lembra que ano foi isso?} Setenta e... noventa e sete. Então, duas rocinhas que eu tinha ali – nem era minha, uma era dele e outra era da minha *fia* –, o policial veio aqui, veio o sargento e o policial, (aí eu tinha aquela carta), então ele falou assim, eu dei ela pro sargento ler, né, ele disse: “Muito bem, mas não faça igual a muitos, [] continue que o Estado vai ajudar vocês”. Então o que *tá* sucedendo é isso aí, né. Então é motivo pra gente ficar alegre, contente, porque vocês *tão* aqui, através da Associação [] Eu fui até no palácio do Covas, o tempo que ele era governo, fui lá. Ele já *tava* falando bem ruim quando eu fui lá, ele já não (*tava* falando), já *tava* perto de morrer *memo*. Então isso é a primeira história, do tempo que nós *tamo* aqui, a dificuldade que não é, é um imenso dificuldade pra (eu contar, se eu for contar lá do começo) {Pode contar.}, porque eu *tô* aqui tudo esses tempo. {Eles disse que *tão* sem pressa.} Eu conhecia Registro com uma casa e uma Pernambucanas, a história dessa casa era um barzinho, nem aqui no nosso bairro não tem um barzinho (igual lá). Nós ia daqui *trabaiar* lá em Miracatu, aí nós pegava o ônibus aqui em Eldorado, ia lá pro [] de [] voltava pra Registro, levava uma hora pra atravessar lá a ribeira e lá nós [] Então quando nós vinha de lá pra cá, que nós embarcava primeiro, nós chegava em Registro, chegava naquele barzinho, comprava, (gente que) dava dinheiro pra gente comprar, comprava tudo que tinha ali, o que vinha outros, o que vinha pra trás tinha que vim pra [] comprar *arguma* coisa e hoje será [] Da onde nasceu tanta gente, tanto estudo, tanta coisa, né. Eu vou lá, às vez que eu vou lá (no médico), às vez eu converso com alguma pessoa, eu conheci com duas casa, quantas casa tem hoje? Então uma história que eu vi muita coisa e as *dificurdade*, hoje *tô* vendo.

Eldorado eu conheci com (três carrinho); hoje, quanto tem, né? Então eu tenho muita história pra contar e o (estudo) foi a primeira coisa que sucedeu e *tá* sucedendo. Então nós, pra contar tudo a nossa história, bem confirmada, vai tempo, né. Não é historinha de pouquinho momento, de dizer sucedeu assim assim, né, porque aqui {Só uma perguntinha, o senhor falou que quando ia pra Registro, trabalhava lá em Miracatu, o senhor pegava, atravessava [] em Eldorado, e daqui a Eldorado, qual era o meio de...?} Ah, às vez nós ia a pé, tinha o motor, o barco, né, ou então no barco, né, mas às vez nós ia a pé daqui lá [] Era a *dificurdade*, em quarenta e oito, eu fiz não sei quantas viagem daqui. Eu *trabaiava* com, hoje ele morreu, [] o tempo que tinha só três carro lá. Então eu ia daqui a pé, saía daqui cedinho. Quando era ali pras sete, oito horas, *tava* chegando lá, caminho, caminho que às vez o caminho era aqui eu fazia a volta por lá [] Era assim, eu fiz tudo essas coisa. Então hoje eu *tô* vendo a *dificurda-de* que tinha e o que tem hoje, né. Hoje *tá* aqui, a pessoa, essa pedra *tá* aqui, cinquenta e quatro ano que eu *tô* aqui, agora que essa pedra chegou aqui [] cinquenta e quatro ano {Pra colocarem esse cascalho aí} É, então, mas através de quê? Do registro [] {Quem eram os seus pais?} Meu pai? {Seu pai e sua mãe?} Minha mãe se chamava Ernestina Morato de Almeida {Ernestina?} é {Que que o senhor lembra dela?} Ah... eu vou falar a verdade, que ela foi parteira de setenta criança {Eu sou um desses setenta!} {Ai que legal!} ela foi parteira de setenta criança e criou nós, meu pai morreu eu tinha seis ano. {Seis? Ah, então ela que criou?} É, ela que criou. {Como era o nome do pai do senhor?} Pedro Dias Batista. {Então fale de sua mãe.} (O pai da minha mãe?) {Fale mais como que era, que que ela fazia.} Ela *trabaiava* na roça {Trabalhava na roça.}; como diz, quando precisava, chamavam ela, ela ia [] *trabaiava* na roça. {Quantos irmãos o senhor tem?} Nós era em doze. {Nossa!} Eu me criei pro mundo {Não foi ela que criou?} Não foi minha mãe que me criou, aquele tempo era muito difícil (todas as coisa), então precisava [] eu já tinha vinte e quatro ano. Mas também ela não morreu no meu colo, porque dali pra lá [] eu larguei ela lá, (viajei). Quando cheguei aqui, contaram que ela tinha morrido, quase que morre no meu colo. Ela foi uma mulher muito querida de tudo mundo aqui no bairro, muito *memo*. Tudo mundo estimava ela, que era uma *muié* que servia à comunidade inteira, né, precisava ela *tava* ali (não morreu) [] na mão dela, foi uma mulher que trabalhou muito. {Ela era parteira?} É, era parteira. {E ela sabia também fazer remédio de ervas, essas coisas, pra ajudar as crianças que *tavam* doente?} Sabia... é, isso ela sabia, tem gente que sabe até hoje. {Sabe até hoje, o senhor sabe também?} É, conforme o tipo, a gente ainda sabe qual é a erva que precisa, qual é, qual não é, né. Então a gente não esqueceu de muita coisa, né. {Até porque vocês ficavam aqui bem longe de médico, de tudo, né?} É, ô! Antigamente, médico, não falava em médico, falava em cirurgião, né {Curandor,}, curandeiro {curandeiro.}; médico é de pouco tempo pra cá. (Laurentino/Nhunguara)



© Renato Ubrirajara | ©Acervo NINC/SEE-SP

Foto do sítio arqueológico do Cais do Valongo - Rio de Janeiro - RJ (Nesta e na próxima página). Reportagem sobre o Cais do Valongo: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-07/rio-de-janeiro-cais-do-valongo-e-reconhecido-patrimonio-cultural-da->>, Acesso em 26 set 2017.



©Renato Ubrajara



Fotos do sítio arqueológico do Cais do Valongo - Rio de Janeiro - RJ.

Africanos no Brasil

É necessário termos entendimento de que, antes da vinda forçada de africanas/os escravizadas/os para o Brasil, estas pessoas já eram usadas em Portugal e nas ilhas atlânticas na produção do açúcar. Quando do início do tráfico negreiro para o Brasil, Portugal já dispunha de experiência e tecnologia para tal tarefa. Há uma escassez de documentação sobre as formas de produção de escravos antes do século XVII, principalmente quando tratamos do interior do território africano. Contudo, temos indicações precisas de que, desde o início, as guerras eram o instrumento básico pelo qual se produziam escravos para serem vendidos no litoral. Há estimativas que permitem afirmar que, ao longo de toda a existência de tráfico negreiro pelo Atlântico, três de cada quatro africanas/os vendidas/os para as Américas resultavam de guerras causadas pelos conflitos no interior das estruturas sociais e econômicas das várias regiões da África Ocidental.

A produção e a venda de africanas/os escravizadas/os tiveram um papel fundamental nas sociedades africanas. Muitos das/dos cativas/os destinavam-se à utilização pelas/os próprias/os africanas/os, com o que, dependendo da região, se instaurava ou se acentuava a existência de relações escravistas em solo africano. Esse movimento ligava o tráfico atlântico ao tráfico interno africano, o que levou e leva várias/os pesquisadoras/es a concluir que, sem a existência do primeiro (atlântico), não se entende a existência do segundo (interno). É importante perceber que o escravismo existente na África antes da chegada dos europeus era radicalmente distinto do escravismo criado pela colonização do “Novo Mundo”. Na África, as pessoas quando eram escravizadas paulatinamente incorporadas ao grupo étnico que os tinha escravizado, perdendo, dessa forma, a condição de cativas, e podiam ocupar cargos de mando, tais como os de ministra/o ou de general.

Cabe ressaltar que o padrão de consumo imposto as/os africanas/os pelos europeus era particularmente importante no fortalecimento da produção de escravos, já que a venda destes permitia as/aos africanas/os o acesso a manufaturados europeus e americanos e, especialmente, o acesso a pólvora e armas de fogo, além de cavalos – meios de guerra por excelência que, por sua vez, fabricavam mais escravos. O tráfico aumentou o número de guerras, os atos de violência, fortaleceu os chefes guerreiros e os estados bélicos que viviam em função da produção de escravos. Os grupos dominantes africanos viam no tráfico um instrumento para fortalecer seu poder. Com isso, aumentavam sua capacidade de produzir escravos e, consequentemente, de controlar os bens envolvidos no comércio escravista.

A crescente demanda americana por escravos fortaleceu vários Estados africanos. Não foi por acaso que, nos séculos XVII e XVIII, aconteceu o apogeu dos grandes Estados no interior africano: Daomé, Oyo, Ardra, Ashante, entre outros. Na segunda metade do século XVII, o atendimento à demanda de escravos esteve intimamente relacionado com os primeiros

ensaios da *Jihad* (guerra santa) islâmica, levada a cabo por estados interioranos islamizados contra os pagãos. Os derrotados, islâmicos ou não, eram escravizados e empregados nas plantações, no exército e mesmo na administração, sendo que boa parte deles era vendida a mercadores que os colocavam no circuito do Atlântico.

A resistência africana e afro-brasileira à escravidão

A escravidão de africanas/os nas Américas roubou cerca de 15 milhões de homens, mulheres e crianças de suas terras, sendo que no mínimo 6 milhões vieram para o Brasil. Processo que marcou a formação do mundo moderno, a criação de uma economia-mundo e, talvez o mais importante, proporcionou o surgimento de uma consciência pan-africana originária das experiências negras na diáspora em terras americanas. Trabalharam em engenhos, fazendas, cidades, minas, fábricas, cozinhas, salões, estavam presentes na totalidade da vida social brasileira e deixaram marca própria e original em todos os aspectos da cultura material e espiritual de nosso país: culinária, arquitetura, música, artes, dança, religião, sexualidade e na ciência em geral.

Mas onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob a ameaça do chicote, da tortura, da morte, escravizadas/os negociavam espaços de autonomia com os senhores: faziam corpo mole no trabalho, quebravam ferramentas, agrediam ou matavam senhores e feitores, incendiavam plantações, enfim, rebelavam-se individual e coletivamente. Uma das formas mais estudadas pela historiografia é a fuga e formação de grupos de escravizadas/os fugidas/os, os quilombos. Porém, a fuga nem sempre levava à formação desses grupos, ela (individual ou grupal) poderia diluir-se no anonimato da massa escrava e das/dos negras/os livres nas cidades.

A formação de grupos de escravizadas/os fugidas/os foi comum em toda a América: *palenques* e *cumbes* na América hispânica, *maroons* na América inglesa, *grand marronage* na América francesa (diferente de *petit marronage* – fuga individual). No Brasil, esses grupos foram chamados de quilombos e mocambos, sendo suas/seus moradoras/es chamadas/os de quilombolas, calhambolas ou mocambeiros.

Quilombo é uma palavra de origem banto³ (quimbundo) que, no Brasil, assume o significado de resistência das/dos africanas/os e de suas/seus descendentes escravizadas. Sua existência espalhou-se por todo território brasileiro, do extremo sul ao extremo norte. Em carta enviada em 1740 ao Conselho Ultramarino (responsável pela administração das colônias por-

3 Atualmente, não há um consenso sobre a utilização da grafia africana “bantu” e a grafia aportuguesada “banto”. No entanto, neste livro, usaremos a forma aportuguesada “banto”, pois é aquela registrada nos dicionários brasileiros. (Nota do editor)



Fachada da Casa do Sr. Vadir - Quilombo Ivaporunduva - Eldorado - SP.

tuguesas), o rei Dom João V caracterizava quilombo como sendo “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, ainda que não tenham ranchos, nem pilões”. É então que toda documentação oficial referente a tais comunidades adota o termo quilombo, sendo que antes estes eram conhecidos como mocambos (do quicongo *mukambu*, que significa cabana). Hoje, o termo está consagrado e é usado quando tratamos das comunidades negras descendentes das/dos escravizadas/os.

Muitas/os pesquisadoras/es acreditam que os quilombos foram uma versão brasileira das comunidades homônimas que existiram em Angola nos séculos XVII e XVIII. Porém, não havia qualquer semelhança entre os quilombos daqui e os de Angola; foram fenômenos históricos totalmente distintos. As comunidades quilombolas no Brasil eram, na verdade, uma negação do quilombo angolano. Isso porque os quilombos foram criados em Angola pelos *imbangalas* (chamados pelos portugueses de *jagas*), guerreiros nômades que usavam o quilombo como acampamento militar e como local onde viviam os grupos que eram derrotados e escravizados temporariamente, pois muitos eram incorporados ao exército *imbangala*.

Na metade do século XVII, a rainha angolana Ginga, por meio de acordos com o reino de Portugal, decide cessar a resistência ao colonialismo. Como era aliada aos *imbamgalas*, faz dos quilombos enormes empórios de escravos. Deste modo, os quilombos angolanos contribuíram para o tráfico negreiro, enquanto que os quilombos brasileiros foram essencialmente uma forma de luta e resistência ao escravismo colonial. Assim, o termo “quilombo” não trazia boas lembranças aos escravizados, pois muitos que foram vendidos pelo tráfico colonial haviam permanecido nesses empórios. Para o historiador Clóvis Moura, foram os senhores de escravos e não as/os escravizadas/os que denominaram de quilombos os locais de escravizadas/os fugidas/os, pois, de sua perspectiva, os mesmos eram depósitos de negros a serem reescravizados. Lembremos que os palmarinos chamavam o seu território de *Angola Janga*, ou seja, pequena Angola.

Desde o final do século XVII, cronistas coloniais destacavam a resistência quilombola, mas principalmente para enaltecer as autoridades coloniais que a reprimiam. Os quilombos e, principalmente, o grande quilombo de Palmares, foram vistos como uma forma de resistência à “aculturação europeia”. Alguns irão afirmar que Palmares seria um verdadeiro Estado africano no Brasil, uma África do outro lado do Atlântico. Essa visão “restauracionista” entende o quilombo enquanto uma comunidade isolada e isolacionista, uma verdadeira alternativa à sociedade escravocrata que lhe circundava.

Na verdade, seria mais frutífero ver como as/os quilombolas continuavam, com ritmo e meios diferentes, a formação de uma sociedade afro-brasileira que já havia começado nas senzalas.

As várias formas de resistência e combate à escravidão

Para além da necessária e conflituosa integração das/dos africanas/os e de seus descendentes na sociedade escravocrata, tivemos várias formas de resistência à escravidão, seja negando-a totalmente pela formação de quilombos e pela fuga, seja negociando melhores condições de vida e trabalho. O recurso mais radical de recusa à escravidão era a fuga, milhares fugiram durante todo o período da escravidão, para os sertões, para as redondezas das cidades, embrenhando-se nos matos, nos mangues. Resistindo e construindo novas sociabilidades, fugiam juntas/os ou sozinhas/os. Os quilombos podiam contar com dezenas, centenas ou até milhares de indivíduos, não eram formados apenas por escravizadas/os fugidas/os (negros e índios), mas também por desertores, foragidos da justiça, mestiços e até mesmo brancos.

O quilombo mais estudado e conhecido foi o quilombo de Palmares, que começou a ser formado nos primeiros anos do século XVII e só foi completamente destruído em 1694. O que sabemos do seu cotidiano e de sua organização nos remete aos povos bantos

da região de Angola, o que desfaz o mito da passividade dos povos bantos em relação a nagôs, hauçás, jejes e outros. É importante lembrar que foi exatamente no século XVII que tivemos as guerras de Angola (resistência das várias etnias de Angola aos colonizadores portugueses), cujos prisioneiros eram enviados para o Brasil, principalmente para Pernambuco. As técnicas militares dos quilombolas de Palmares muito lembram as dos *imbangalas* de Angola. Usavam de técnicas de guerrilha contra as expedições que tentavam acabar com o quilombo e realizavam ataques às fazendas e aos viajantes. Defendiam suas cidadelas por meio de paliçadas e fossos cheios de estrepes. Palmares era composto por um conjunto de aldeias subordinadas a uma delas, onde estava o chefe principal. Sua estrutura política semelhante às africanas estruturava-se em um chefe para cada aldeia. Esses chefes faziam parte de um conselho que governava a todos, uma confederação, o que também era comum na África centro-ocidental.

Ganga Zumba foi um dos líderes de Palmares e, mesmo tendo derrotado várias expedições inimigas, aceitou, em 1678, firmar um acordo de paz com o governador de Pernambuco. As/Os quilombolas teriam terra para viver, poderiam comerciar com a vizinhança os nascidos no quilombo seriam reconhecidos como pessoas livres e súditos do rei de Portugal. Esse acordo não foi aceito por todos, e os opositores, liderados por Zumbi, reiniciam a resistência. Logo em seguida, todas/os as/os quilombolas que haviam sido declarados livres foram reescravizadas/os. Finalmente o quilombo é destruído por uma expedição chefiada por Domingos Jorge Velho. Palmares e Zumbi tornaram-se símbolos da resistência negra à escravidão.

Tínhamos, além de Palmares, milhares de outros quilombos espalhados por todo o Brasil, que podiam ser dos mais variados tipos. O historiador Clóvis Moura, citando outro historiador, Décio Freitas, afirma que, no decorrer da história do Brasil, tivemos sete tipos de quilombos, classificados de acordo com suas formas de subsistência (MOURA,1978):

- 1 – Agrícolas (praticavam agricultura de subsistência, e eram majoritários)
- 2 – Extrativistas (coletavam e vendiam as chamadas “drogas do sertão”, como castanha-do-pará, guaraná e cacau, na região amazense)
- 3 – Mercantis (comerciavam produtos que adquiriam dos povos indígenas na região amazense)
- 4 – Mineradores (extração de ouro, diamantes e outras pedras, principalmente nas regiões de Minas Gerais, Bahia, Goiás e Mato Grosso)
- 5 – Pastoris (criação e manejo de gado nos campos do Rio Grande do Sul)

- 6 – De serviços (quilombolas artesãos, marceneiros, toneleiros, barbeiros, alfaiates e carregadores que se misturavam às populações de negros livres e prestavam seus serviços nos centros urbanos)
- 7 – Predatórios (viviam de saques e desapropriações realizadas nas estradas e em fazendas de escravocratas).

Clóvis Moura ainda nos fala de quilombos mistos, onde mais de uma forma de subsistência era praticada, como o quilombo do Ambrósio, em Minas Gerais, em meados do século XVIII. Os mais isolados viviam do cultivo da terra, da caça, da pesca e produziam seus tecidos, sua cerâmica, seus instrumentos de trabalho e suas armas. Outros se estruturavam próximos a aglomerações urbanas ou mesmo cidades e, frequentemente, comerciavam seus produtos com a sociedade circundante. Sempre perseguidos por expedições militares, resistiram no decorrer de séculos; são exatamente os relatórios da repressão que permitem aos historiadores reconstruir a sua história e seu cotidiano.

Mas nem sempre a fuga era pretexto para se formar um quilombo ou juntar-se a um. Muitas vezes, fugiam para que, quando voltassem, pudessem negociar melhores condições de vida e de trabalho com os seus senhores. Essas negociações, pouco a pouco, se tornam parte do sistema escravista, que muda através dos séculos. Dessa forma, mesmo não tendo nenhum direito legal, as/os escravizadas/os foram estabelecendo limites ao poder sem freios dos senhores. Tivemos ainda centenas de rebeliões, quase sempre sufocadas antes de acontecerem de fato, nas quais as/os escravizadas/os planejavam matar senhores e feitores e ocupar o seu lugar, assumindo o poder. A mais importante delas foi a Revolta dos Malês, em 1835, em São Salvador da Bahia, quando escravizadas/os muçulmanas/os tentaram controlar a cidade. Os rebeldes eram centenas; setenta foram mortos na luta, quinhentos foram punidos com deportações, açoites e prisões e quatro deles, condenados à morte.

Em São Paulo, mesmo lembrando que a população escravizada só aumentaria durante o ciclo do café, tivemos resistência por meio de fugas e formação de quilombos desde o final do século XVI. Em 1723, já havia relatos de escravizadas/os negros e índios que, resistindo ao trabalho forçado, destruíam reiteradamente as forcas, como escreveu Afonso de Taunay: “negros da terra e de Guiné repetidamente destruíram aquele instrumento de morte” (MOURA, 1988). Antes ainda, em 1635, andavam a matar gado pelos campos e, armados com seus arcos e outras armas, assustavam os escravocratas. No decorrer de todo o século XVIII, o negro fugido passa a ser uma constante na sociedade paulista. Mogi-Guaçu, Atibaia, Santos, Itu, Taboão, Piracicaba, entre outras cidades, tiveram fugas de cativos e formação de quilombos. Mesmo na periferia da capital ocorreu a repressão a quilombos, localizados na Penha, em Cotia, em Conceição dos Guarulhos, em Pinheiros e em São Bernardo. Muitas vezes, negros da terra (índios) e da Guiné uniam-se contra os senhores, como ocorreu na vila

de Jundiáí, onde negros, mestiços e carijós provocavam tumultos e encontravam-se “levantados sem obediência às justiças” (MOURA, 1988).

Muitas vezes, fugiam para a região de Cubatão e Santos, outras vezes, eram os de Santos que fugiam, como em 1785, quando muitos se deslocaram para Paranaguá. Uma característica do período era a fuga individual ou em grupos. No século XIX, contudo, iremos encontrar uma resistência mais organizada, quando os escravizados uniam suas formas de rebeldia às ações abolicionistas. Essa ameaça constante de rebelião desgastava o aparelho repressor das classes dominantes.

Muito se insistiu na historiografia tradicional sobre o papel marginal dos escravizados no processo abolicionista. Porém, sem a participação massiva deles e de negras/os e mestiças/os livres, principalmente a partir da década de 70 do século XIX, não teríamos um movimento da magnitude que assumiu o Abolicionismo. Não se pode falar de um movimento abolicionista na primeira metade daquele século, apesar da constante resistência dos escravizados. Já em 1851, tivemos a proposta da liberdade para os nascituros e a proibição da separação de famílias escravizadas. Tal proposição ficou perdida nos escaninhos da câmara dos deputados, e, somente vinte anos depois, teríamos a aprovação da Lei do Ventre Livre.

O problema da emancipação dos escravizados adquiriu urgência durante a Guerra do Paraguai. O governo concedeu liberdade aos escravizados da nação (escravizados que pertenciam ao governo) que prestassem serviço militar, estendendo a liberdade às suas mulheres. Senhores e filhos de senhores procuravam fugir do serviço militar enviando escravizados em seu lugar. Houve também escravizados fugidos que se alistavam. Terminada a guerra, os que sobreviveram foram considerados livres. Criou-se um movimento de simpatia e apoio aos escravizados que haviam lutado pelo país. Os senhores que tentaram reescravizá-los foram contestados pelas autoridades e pela opinião pública, que condenavam essas atitudes. A participação dos escravizados na guerra fortaleceu aqueles que lutavam pela libertação.

Clubes, jornais, e associações abolicionistas foram organizados nas principais cidades do país. Em São Paulo, um negro ex-escravo organiza uma campanha jurídica em favor da libertação. Luiz Gama apoiava-se na lei de 1831 que proibia a escravização de africanas/os que tinham entrado no país depois daquela data e, brilhantemente, conseguiu sua liberdade do cativeiro. A campanha organizada por Luiz Gama era uma ameaça real para os escravocratas, pois um grande número de escravizados nessa época tinha de fato entrado no país após 1831, e seu cativeiro era ilegal.

A elite escravocrata apegava-se ao que considerava um direito seu, o direito da propriedade. Acusava qualquer projeto de emancipação de ameaçar com a ruína os proprietários e colocar em risco a economia nacional e a ordem pública. Alguns chegaram a acusar os projetos emancipatórios de comunistas. Em 28 de setembro de 1871, é aprovado o projeto que libertava os recém-nascidos. Estes, no entanto, ficariam sob a tutela dos senhores até a idade de oito anos. Nessa idade, o proprietário poderia entregar a criança ao

Estado, recebendo uma indenização, ou mantê-la até a idade de vinte e um anos, em troca da prestação de serviços gratuitos, ou seja, mantinha-se a escravidão. É importante lembrar que a data de 28 de setembro foi comemorada até meados do século XX pelo movimento negro e pela imprensa negra, o que mostra a construção de uma memória social autônoma construída por negras e negros e transmitida para seus descendentes.

A aprovação da liberdade dos recém-nascidos não resolveu a questão da escravidão e muito menos diminuiu o ímpeto da campanha abolicionista. Estava claro para todos que os libertos continuariam a viver como escravizados, a ser vendidos com suas mães, a ser castigados como qualquer outro escravizado e obrigados a cumprir as mesmas tarefas que teriam de cumprir se não tivessem sido libertos pela lei de 1871. Para negras e negros, a liberdade continuava uma promessa a ser cumprida num futuro não determinado.

O importante é recuperar o protagonismo social e histórico das negras e negros em seu processo de libertação e de construção de uma identidade própria. Pensar a formação do Brasil é resgatar a importância das/dos afro-brasileiras/os na sua construção.



Rio Ribeira de Iguape, visto de pousada localizada no Quilombo Ivaporunduva - Eldorado - SP.

1

Quilombos, comunidades de valores



Quilombo Galvão - Eldorado - SP.

Capítulo 1

Quilombos, comunidades de valores

Multiforme, real ou imaginário, o quilombo concentra uma multiplicidade de vidas. O quilombo, enquanto lugar de habitação, é criador de sentidos que afirmam os valores civilizatórios herdados das sociedades africanas e que favorecem a coesão social, a solidariedade e a reciprocidade.

A consciência dessa multiplicidade é imprescindível para a manutenção das relações comunitárias idealizadas, fundadas no uso da palavra: aprende-se a aprender aprendendo primeiro a escutar; aprende-se a aprender aprendendo a ouvir, antes de falar de maneira consciente.

Por isso, quando dizemos que as/os quilombolas habitam o quilombo, estamos também dizendo que o quilombo habita as/os quilombolas. É uma característica ambígua, às vezes difícil de ser compreendida por aqueles que vivem e fazem parte de um mundo de relações pensadas pelas leis de mercado que privilegiam o *ter* e não o *ser*. Assim, cada quilombola leva o seu quilombo aonde quer que vá. Mas isso não significa dizer que a terra é uma simples abstração. A terra marca o ser quilombola, são lugares de habitação de homens e de mulheres, onde gravitam vidas plurais que dão sentido à existência humana.

Os quilombos não são estáticos, são espaços dinâmicos de produção de alimentos para a vida, de inovação, em particular de técnicas culturais locais, e de preservação da fertilidade. Mas é também um espaço duramente atingido pelas desigualdades, pelos conflitos de terra, pela violência, pela proletarianização e também por parte dos problemas provocados pela globalização e pelo neoliberalismo.

“Art. 3º - Entende-se por quilombos:

I - os grupos étnico-raciais definidos por autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica;

II - comunidades rurais e urbanas que:

a) lutam historicamente pelo direito à terra e ao território o qual diz respeito não somente à propriedade da terra, mas a todos os elementos que fazem parte de seus usos, costumes e tradições;

b) possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória.

III - comunidades rurais e urbanas que compartilham trajetórias comuns, possuem laços de pertencimento, tradição cultural de valorização dos antepassados calcada numa história identitária comum, entre outros.”

Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CEB 8/2012. *Diário Oficial da União*, Brasília, 21 de novembro de 2012, Seção 1, p. 26

O que é, oficialmente, um quilombo?

Os territórios quilombolas são, em sua maioria, formados por rios, montanhas e planícies, que suportam suas atividades, essencialmente agrícolas.

Os quilombos de André Lopes, Cafundó, Caçandoca, Ivaporunduva, Galvão, Sapatu, Nhunguara, Pedro Cubas de Cima e São Pedro estão ligados e integrados às colinas, aos rios e às esferas da natureza. Essa dispersão no espaço é uma característica da ocupação do território. Cada quilombo é um centro de vida, uma unidade de produção onde se gere a economia, o social e a ecologia. O mesmo vale para as práticas religiosas e as festas.

Por isso, os quilombos são detentores de uma história que os leva, hoje, por um momento, a se reagruparem, seja por razões de autodefesa, seja pelas oportunidades econômicas.

O quilombo é uma família extensa. As crianças crescem, tornam-se homens ou mulheres e ali também poderão se instalar. Todos deverão ter acesso à terra para poder, assim, produzir.

O quilombo vive com uma concepção de mundo que guia a organização do hábitat, a instalação das áreas de produção (as roças) e os ritos. O mundo é simbolizado pelas alianças estabelecidas com a terra, inclusive nos ritos funerários.

Uma coisa que também eu não sei se *ocês* falaram aqui ou se eles ouviram é o... que hoje não existe mais, é carregar defunto. [...] O penúltimo defunto que eu ajudei carregar aqui, era caminho ainda, né, não tinha estrada, agora tem estrada até no André [] Aí, o que aconteceu, antes de sair, (teve uma *tromenta*), assim, *tava* o tempo *bão*, tempo *bão* que ninguém achava que ia dar (*tromenta*) [] duas *tromenta*: uma de noite, na hora que ele morreu, e outra de dia, na hora que... na hora de sair com ele pra *ponhar* na rede; o pessoal carregava na rede, na época. Aí ele, é, deu a *tromenta* e era caminho, aí o pessoal falou assim: “Ó, não pode cair e não pode parar com o defunto, *tá* no caminho não pode parar, porque o lugar que parar fica assombrado ali, o lugar que cair também fica assombrado.” [] Outro: “Segura que vai”,

“Não pode derrubar o defunto”, “Vamos lá e segura”, “Não, não, cair não, companheiro”, “Vamos, segura e vamos embora”. E o defunto não pode cair, se cair [] Como eu era da turma mais novo e não tinha prática, né, eu fazia de tudo pra segurar o defunto. Falei: “Não, cair eu não vou”, e segurava, porque cê tem que colocar no ombro, e diz também que a gente não pode deixar o ombro da gente cansar com o defunto, né [] É. Então, quando a [] não *guenta*, outro já pega; aí vai assim, um pega, outro pega, pega um na frente, outro atrás e vai indo. Só que, nesse dia, *tava* liso, a gente esbarrava, mas o defunto não caía no chão, sabe, e outro gritava: “Segura, não esbarra não, senão cê vai deixar assombrado aí. Segura, vai, se apoia aí no mato aí”, e outro chegava e já pegava, sabe, outro já pegava. Aí outro lá atrás: “Pega de cá que o outro lá já *tá* quase cansando”, porque não pode cansar, sabe, não pode cansar. {Tem que ter uma coordenação []} Mas só que é caminho, o caminho é vinte centímetro, trinta centímetro, então tem que passar correndo no mato e outro já pegar e já colocar na mão do outro, né. E aí, a gente cair, eu *memo* não caí [], mas bastante gente que carregou defunto aí... Na época eu era criança, eu só olhava. {Mulher cansa no caminho, né?} É, e também não pode ninguém andar na frente do defunto, só aquele que *tá* segurando o defunto, aquele sim, mas quem *tá* sem nada não pode andar na frente. {Tem que ir atrás.} É, só tem que ir atrás mesmo. {E qual a explicação pra isso?} Então, porque quem vai na frente, é... o defunto, né, ele tem que *tá* uma pessoa segurando, tudo bem, mas quem *tá* na frente sem nada, dizem que essa pessoa que *tá* na frente, quando o defunto for enterrado, ele vai adiantar a viagem dessa pessoa, a pessoa sempre vai andar e nunca vai chegar onde ele quer. {Tem que deixar ele na frente.} {E quando o defunto vai também, que vai levar o defunto, não pode []} <comentários simultâneos> (Sr. Maurício/André Lopes)

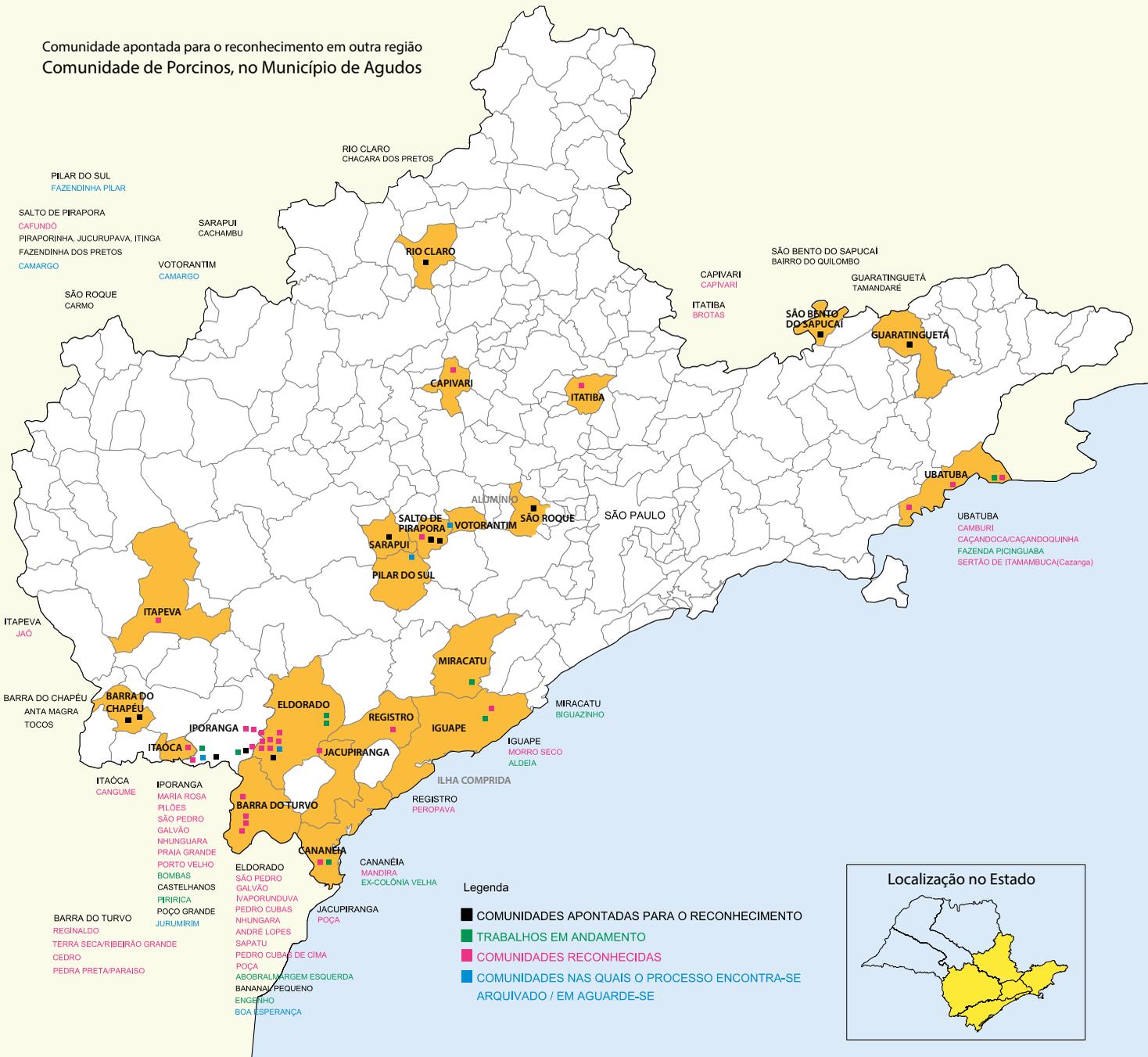


©Silvane Silva

Bananicultura - Quilombo Ivaporundiva - Eldorado - SP.

COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Comunidade apontada para o reconhecimento em outra região
Comunidade de Porcinos, no Município de Agudos



Fonte/Consulta online: Itesp/SJDC (www.itesp.sp.gov.br).

No quilombo são realizadas também atividades artesanais, tais como a produção de farinha e de doce de banana, de artefatos com a palha da bananeira e de peças cerâmicas. Tecnologias para o cotidiano, tecnologias para a vida. Ele é também um lugar de concepção logística que permite assegurar a produção.



Casa de taipa, localizada no quilombo Cangume - Itaoca - SP.

O saber/fazer expresso na construção das casas em terra batida (pau a pique) revela uma capacidade ótima de interação com o ambiente. Mas não para por aí. A reprodução das sementes e a variedade de bananas são outros importantes exemplos que revelam o dinamismo e a capacidade de inovação dos quilombolas.

O quilombo é também lugar de interpenetrações com o mundo exterior, pelas ingerências das políticas públicas, da modernidade, do mercado, da cidade.

Esse tipo de comunidade permite aos seus visitantes conhecer um outro mundo, outras lógicas e outras formas de organização, o que pode exercer um papel importante no quadro de referências individuais e coletivas.

A modernidade se coloca pela cidade, pelo desenvolvimento das estradas que cortam a região e favorecem as interconexões, pela valorização da biodiversidade, pela busca dos saberes locais pelas universidades que visitam as comunidades e lá iniciam projetos científicos.



©Renato Ubirajara/SEE-SP

Placa indicando o Quilombo do Jaó - Itapeva - SP.



©Renato Ubirajara/SEE-SP

Centro comunitário, Quilombo da Fazenda Pinguaba Ubatuba - SP.

Essa modernidade é marcada também pela reorganização das comunidades, seja pelas pautas políticas internas, seja pelos projetos de **políticas públicas** sustentados por **ONGs** (Organizações não Governamentais).

O processo de **globalização** e as próprias relações das comunidades com as cidades podem alterar seus valores. No entanto, os novos modos de vida (no campo da alimentação, das tecnologias podem ser incorporados sem ameaçar sua identidade. Essa contribuição coloca a questão sobre o risco que a **urbanização** representa para as comunidades quilombolas.

Minha mãe é Etelevina Rodrigues da Silva, meu pai é Agostinho (Ersulino) da Mota. {Agostinho o quê?} (Ersulino) da Mota. {Ah, (Ersulino).} {Esse Mota é com um “tê” ou com dois “tês”} Um “tê” só! [] mas nós é um só. Meu avô era Lourenço (Ersulino) da Mota, minha vó... Ó, minha história é meio *complicada*, que eu só tenho três **nação**, hein? Uma coisa que cês nunca viram, hein? {Tem o quê?} Três nação, não tenho quatro nação não. {Como é isso?} {Casado com parente.} {Seu avô é Lourenço, e sua vó?} Caetana (Ersulino) da Mota { [] }, outro avô [] Rodrigues de Almeida, {Pode ir falando.} outra vó que é muié do, essa Caetana é *muié* do Joaquim Rodrigues e a *muié* de Lourenço é Antônia Vieira Pereira de Moraes. Aí eu vou contando minha história por que que nós somos três nação. “É, como é que é essa história aí?” <risos> {Três nação, como é isso?} É, porque quando eu falo isso a turma fica {Curioso.}, é, porque Lourenço é irmão de Caetana e Joaquim Ro... {Rodrigues de Almeida.} é, casou com a irmã de {Do Lourenço.} de Lourenço. Então meu pai com a minha mãe eram primo e *depois* eles casaram, então Joaquim se tornou meu avô e Caetana minha vó. E {Joaquim e Antônia também}, eles também, viraram cunhado. Então quer dizer que meus dois avô eram cunhado {Ah, entendi.}, então aí deu três nação, não deu quatro. Porque dois avô, um avô era casado, aí eles eram casados meus dois avô, um era casado com a irmã do outro, então deu três nação, não dá quatro. Pode ver que a minha vó é a mesma assinatura do meu avô Lourenço. Então eu sou três nação. Então, quando ela morreu, eu tinha dezoito anos de idade, eu era o mais *véio* da *família*, dezoito ano, só que ficou uma irmã com um ano e meio de idade. Nós somos em cinco irmão, que é, irmandade, que é (Zico), Santina, que faz trinta ano que eu não sei aonde que *tá*, Dorvalina e Odete. Odete ficou com um ano e meio de idade, aí eu era o mais

Políticas públicas: o conjunto ou a soma das decisões e ações dos governos visando solucionar os problemas que surgem na sociedade buscando garantir uma vida digna aos cidadãos.

ONG: entidade de caráter civil ou social, criada independentemente de governos locais ou organizações internacionais, regionais e nacionais.

Globalização: processo econômico e social que estabelece uma integração entre os países e as pessoas do mundo todo. Por meio desse processo, as pessoas, os governos e as empresas trocam ideias, realizam transações financeiras e comerciais e espalham aspectos culturais pelos quatro cantos do planeta. Urbanização: o processo de transformar certa área em uma área urbana e retirar todas as características silvestres e rurais, inserindo instalações e infraestrutura de uma cidade (ruas, avenidas, rede de esgoto, rede elétrica, edificações, serviços urbanos etc.).

A **urbanização** é um processo que instaura uma cidade, em consequência da demanda populacional, da demanda comercial e do desenvolvimento tecnológico.

Nação: do século XV ao XIX, este era o termo usado pelos negros para designar um grupo com características culturais que os distinguiam e os tornavam diferentes dos demais. Atualmente, esse termo é muito usado para diferenciar um tipo de candomblé do outro. Exemplos: “nação jeje”, “nação nagô”, “nação angola”. Na narrativa apresentada, a palavra nação é utilizada para designar as diferentes famílias.

véio da família, eu fiquei [] ajudando meu pai. Só que minha mãe era uma *muié* que hoje que minhas criança agem diferente. Ela fazia cuscuz, porque aqueles tempos não existia pão. Existia pão, mas era longe daqui, não dava pra comprar. Então nosso pão da café era cuscuz, biju, batata-doce, cará, então esse que era o nosso pão. E outra coisa, nós tomava café, não era açúcar, porque era cana, cana moída, garapa que passava lá pra fazer o café. Então meu *criame* foi bem popular, não foi, quer dizer, foi um *criame* lá *memo* do... lá da roça *memo*, não foi um... {Do sertãozão.} É, do sertão, como diz o caboclo, lá do sertão, o caipira, lá do sertão, um *criame* bem caipirão. Só que hoje eu falo isso pro meus filho, "Ah, pai isso aí..." [] garapa (sozinho) ele bebe, mas, se passar pra fazer café, não bebe, porque diz que é muito forte. Eu já acho bom {Não acostuma, né.} {E é gostoso.}, se (põe bolacha). "Ah, hoje é pão, pai, hoje é pão. (Bolacha), isso aí é coisa do seu tempo. É coisa, isso aí, do seu passado." Então hoje ele acha diferente, eu não *disconcordo* com ele, porque aquela época foi uma coisa. Sobre remédio caseiro, fazia remédio caseiro. Eu, até quarenta e cinco ano de idade, nunca fui num *dotô*. Quando eu fui num *dotô*, eu tinha quarenta e cinco ano de idade. Eu, um dia eu cheguei pra fazer ficha, "Ah, mas num...". Eu falei: "Infelizmente, eu não tenho ficha". "Mas tem, porque tudo mundo tem." Eu digo, "Tudo Nhunguara tem, menos eu. De hoje em dia vou ter", né, porque aí eu tive *pobrema* de gastrite que tenho até hoje, então careceu fazer ficha pra tomar remédio. Só que hoje, *tá* na... principalmente a juventude, *ponhou* na cabeça, porque a gente vai lá no médico, o médico "Não, não toma essa erva porque é veneno". E hoje é difícil *ponhar* isso na cabeça da criançada que, é, mas por que que diz que é veneno? Porque, se eu ficar tomando o meu remédio caseiro aqui {Não vende remédio.}, não vão poder vender, vai vender pouco. E quanto mais ele *ponhar* na cabeça da pessoa que aquilo é veneno, pra ele o consumo lá vai ser mais. Só que a juventude, é difícil a gente por isso na cabeça deles que não é veneno. "Ah, mas o médico falou que é". E, hoje, até porque a gente é *fiô* do sertão, "Ah, mas ele lá estudou, ah, estudou". A gente não tem estudo, mas tem o conhecimento, um conhecimento que já vem da cultura da gente. Até que isso aí é uma coisa que a gente discute muito, que é difícil da gente entender. Como que os (índio), lá no antepassado dos negro, sabiam que essa erva, sem estudo, sabiam que (decidindo) no meio da mata tantas erva o que era {Bom pra cada coisa, né.} É, o que era bom pra cada coisa. Uma ideia que a gente, até hoje, não dá pra entender isso. {Mas os remédio que tem é tudo do mato, sai daqui, as erva daqui.} Então é outra coisa que a gente põe na cabeça. Anador, nós temos anador em *foia*, nós temos penicilina em *foia* e é o *memo* de lá, só que o nosso *tá* em *foia* e o deles já *tá industriado*. Só que é difícil por isso na cabeça de uma (criança), porque o anador que ocês toma, o anador em *foia* faz um chá pra beber, é melhor. Se você põe uma penicilina em formação *quarquer*, pelos uns quatro dias *tá desinframado*, não é que nem o antibiótico lá. {Tem que tomar sete dias, né.} Mas é que isso ninguém conhece. Hoje, é uma coisa difícil *ponhar* na cabeça de uma criança. Agora, se tiver num livro isso, ele, pode ser que ele vá, né, ele vai ler, "Ah, mas meu pai falava isso", o

fio pode não ponhar, mas pode ser um neto, um bisneto pode alcançar aquilo. O *trabaio* que *tá* fazendo, o futuro, né? Hoje, até pra meu filho não pode ter muito valor, até pode não valorizar muito, mas meu bisneto vai, o meu neto e meu bisneto vai valorizar. "Ah, meu avô falava isso aí", né. Porque se a gente alcançar, a gente vai ter de contar. Vai, *memo* acreditando ou não acreditando, mas a gente vai ter de contar essas história. {Sim.} Só que a gente vai contar, ele já vai, quer dizer, ele vai ler, então aí já vai mudar, né. {Que vai *tá* escrito, né.} {Eles vão acreditar mais, vão acreditar e continuar passando, né, que só acreditar e também não continuar praticando também...} Tem que praticar, né. (João Mota [João Catá]/Nhunguara)



©Siviane Silva

Artesanato feito por mulheres do Quilombo Cafundó na língua Cupópia (vimba significa mulher) - Salto de Pirapora - SP.



Placa indicando o Quilombo Ivaporunduva - Eldorado - SP.

2

Memória coletiva



Pousada do Quilombo Ivaporunduva - Eldorado - SP.

©Acervo NINCO/SEE-SP



Quilombo Cafundó - Salto de Pirapora - SP.

©Cleio Velleda/IMESP



Mural da EE Maria Antonia Chules Princesa - Quilombo André Lopes Eldorado - SP.

©Acervo NINCO/SEE-SP



Escola do Bairro São Pedro - Quilombo São Pedro Eldorado - SP.

©Genivaldo Carvalho/IMESP

Capítulo 2

Memória coletiva

A memória coletiva é uma memória compartilhada por um grupo, povo, nação, país ou grupo de países. Ela constitui e modela a identidade e a inscreve na história do grupo. Segundo o sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945), a “memória coletiva” é uma teoria científica que diz que partilhamos a memória e que lembrar não é um ato solitário. Isso significa que nossas lembranças e memórias são, em parte, estruturadas pela sociedade, compartilhadas pelo grupo. Logo, há uma memória coletiva e uma multiplicidade de memórias individuais.

A nossa memória está em constante mudança. Ela muda ao longo do tempo: nós nos esquecemos, nós nos lembramos.... A memória coletiva também se transforma por meio de eventos e ao longo do tempo. Quando partilharmos a nossa memória com as pessoas que estão ao nosso redor, estamos construindo uma parte da nossa memória coletiva.

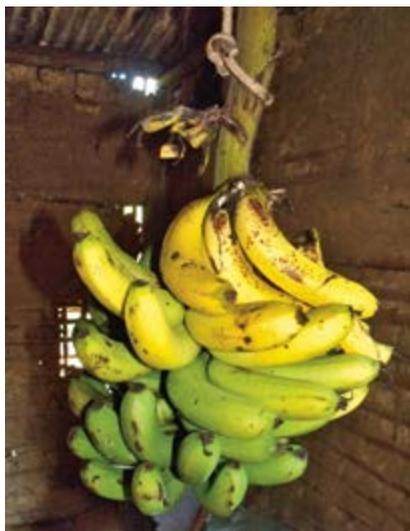
Conversando sobre a vida de antigamente...

Quando a gente começa a contar uma história do passado pros jovens, é história, mas é coisa antiga. Só que pra eles essa história não é história. Mas é uma história de verdade, porque nós estamos contando uma coisa que passou e é a verdade o que nós estamos falando, mas pra ele é uma história... Porque tudo o que fala hoje do passado foi verdade, que muitos jovens hoje não conhece. Agora, se o pai e a mãe não contar pra ele, a pessoa de mais idade, ele acaba não sabendo. E, daqui a pouco, os mais [velhos] vão se acabando também, e vai acabando tudo, porque, se o pai com a mãe não passa pros filhos, aí não aprende nada, então aquilo vai acabando. Então tem que passar sempre, conversar, contar da história como que era primeiro, antigamente, pra ficar pra eles, pra eles aprenderem também, saber também a história. (Sr. João/Sapatu)

Meu nome é Maria da Glória, nascida e criada no quilombo. A minha mãe tem oitenta e seis anos, meu pai já faleceu, mas bastante coisa a gente aprendeu com isso, a educação nossa aqui, quilombola. Então a gente, como diz o Assis aí,

eles ensinava nós respeitar os outros. Nós, até pra ser mais repetido, nós pedia *bença* pras pessoas. Todo mundo era tio, tia, “bença titio, bença titia” ou primo mesmo, ou prima, mas pedia *bença*... Então pra nós hoje é bem diferente, né... o jovem de hoje é bem diferente... Minha mãe, Deus o livre que nós falasse um palavrão. Até agora mesmo, os neto dela, ela corrige, ninguém falava palavrão, ninguém assim... nós mesmo, irmandade, ele é meu irmão caçula. Então a gente tinha que respeitar um o outro... E aí nós se criamos dessa maneira. Eu achei que... aquilo eu aprendi bastante. Eu também não fui pra escola, porque na época não tinha escola, não aprendi nada assim... mas, até agora, eu tenho sessenta e três anos, mas sei viver nessa educação quilombola nossa. Até agora não... assim... (como esses dias eu falei) eu me orgulho de ser quilombola, na criação que fui criada. A gente comia coisas pura; eu digo que a minha mãe está viva porque ela sempre comeu coisas pura. É... batata, cará, banana, banana assada assim num... que nem diz o povo aqui, nós dizemos aqui... no (*borraio*) da taipa, e muita coisa, assim, peixe, caça, carne de porco, é... muita coisa... frango – que a gente não comprava carne de boi, porque era bem difícil, bem difícil mesmo, sabe, só em Eldorado, e era difícil pra pessoa ir lá. O meio de transporte, bom, meu pai fazia aqui, era andar de canoa, levar, assim, quando a pessoa... nessa época, no tempo da colheita de arroz, aí ia levar o arroz pra vender lá em Eldorado. A gente tomava café de cana e caldo de cana [] ou *raspadura*. Aprendi torrar farinha, aprendi socar arroz. Eu, desde os sete anos, a minha mãe ia pra roça e aí deixava eu pra tomar conta dos meu irmão, que era caçula. Eu sou a quase a primeira, porque tinha o [] mas morreu, então, ali eu... Todas essas coisa que, sabe, que a gente imagina que sabe e sei, aprendi torrar farinha – meu pai ia trabalhar, muito trabalhador, na lavoura, minha mãe também –, aprendi colher café, como que se cuida do (café) pra fazer um café, assim, quilombola. Então foi coisas que eu aprendi e fico muito contente por isso e de pertencer, uma pessoa quilombola também. A [] é irmã da minha vó, aí vem o Bernardo [] que era avô da minha vó e da [], que era o primeiro que entrou aqui, segundo a história que contam. Então eu... eu agradeço por tudo essas coisa e a gente ter essa educação; que, hoje, as criança aprendem lá na escola, os professores ensinam, mas sai pra rua falando palavrão, fazendo coisa que é errada, que nós não fazia antes. Eu não fui na escola, mas sei respeitar os outros, nunca falei palavrão, não gosto. Meus filho também veio nessa criação, de não falar palavrão em casa, nem pros outros, (pros meus vizinhos). Então aquilo pra mim foi muito importante! Obrigado. (Sra. Maria da Glória/André Lopes)

É, eu me lembro que do tempo que eu era menina pequena. Nós sempre moremos aqui *memo*, por aqui. E eu me lembro que minha mãe, meus avô, minhas vó iam *trabaiar* pra esse centro de (Capuava), pra lá, e nós ficava por aqui, pra beira da estrada a molecada ficava. Vinha gente [] de lá de serra acima, passava na estrada com aquele bando de boi, boi, era cabrito, era cavalo, era de tudo passava



©Silvane Silva

Produção de banana - Quilombo Ivaporunduva
Eldorado -SP.

na estrada. Eu era menina, mais ou menos de uns dez pra doze ano, e o serviço que os mais *vêio trabaiva* nele é sempre o serviço de roça, porque não tinha estudo *memo* aquele tempo, estudo não tinha, porque eu *memo*, que me criei naquele tempo, não tinha estudo [] Mas na roça eu me lembro que todo mundo era trabalhador da roça, *prantava* de tudo. O que era de *prantar* pra nascer, pra crescer, eles *prantava* e dava. Nós se *criemo* com lavoura da roça; era feijão, era arroz, era milho, mandioca, café, era tudo da roça, tudo, tudo, tudo, lenha pra fazer comida... Hoje *tá* tudo fácil, hoje as criançada, as *moçarada* não querem saber de nada, porque vem tudo facinho, limpo, é tudo limpo. Pra nós buscar

uma *vasia* d'água precisava nós andar daqui lá na estrada, buscar água no rio pra trazer pra dentro de casa. Lenha, *bardeava* lenha desse centro de Capuava pra trazer pra fazer fogo pra fazer comida. Eu sofri, fui do tempo do escravo eu também [] Mas a gente tinha muitas coisa pra falar, mas minha cabeça não dá mais, esqueci de tudo. (Dona Maria Urbana/Pedro Cubas)

Isso aqui agora pra nós [] isso aqui agora é um paraíso pra nós. Isso aqui [] foi do bisavô pro nosso avô e do nosso avô pro nosso pai, isso agora que nós estamos vivendo é o paraíso. Antigamente, não tinha essa estrada, não tinha nada aqui pra nós. O que nós convivia era tudo da roça, era tudo da roça. Então tinha o barco que vinha aqui buscar nossa banana, que saía muita banana daqui, vinha de Santos buscar a nossa... não, vinha buscar a do nosso pai, eu era molecote ainda... Eu era do tempo que... vocês não se lembram ainda... mas eu fui do tempo do quinhentos réis, um mil réis, cento réis; aí depois veio o tostão, aí do tostão já veio dois cruzeiros, do dois cruzeiros já veio pro cinco cruzeiros, que era uma nota [] eu sou desse tempo ainda. Eu *tô* com sessenta e seis anos. Aí, depois que foi começando subir mais as coisas, mas nós aqui, nós sofria, tudo eles aqui dentro sofria. Que nem, agora, dizer que a educação temos aqui pra nós, temos. As crianças de hoje em dia têm a boemia, tem, mas nós, antigamente, nós não tinha boemia. Porque nós, quando vinha, saía da escola onze horas, chegava em casa, nós ia pra roça trabalhar, nós ia pra roça. Quem ia carpir rama ia, quem ia... com meu pai, se tivesse que carregar madeira, nós ia carregar... Hoje em dia, as crianças acabam de sair da escola vai jogar bola, vai sair, vai... Não, antigamente não tinha nada disso não, não tinha nada disso! Nós saía, as mulheres, com as moinhas, ia lavar vasilha, ia lavar a roupa deles lá mesmo, e cada um que se virava, e o nosso pai trabalhando pra sustentar nós. Então, aquele tempo, nós trabalhava

só pra viver. Aqui nós plantava de tudo! Bem dizer, o único que não dava aqui, que era difícil, era o arroz, o único que colhia arroz aqui era lá na [] no tio [] que era primo do meu pai. Então, ele plantava o arroz, mas era o arroz da seca, se dizia que era o arroz da seca que ele plantava, só ele que colhia. Mas o resto aqui, nós criava de tudo e plantava de tudo: era mandioca, era feijão, era tudo, nós plantava tudo aqui, criava galinha, criava porco. Então, quando nós tinha um roçado pra cortar madeira, chegava “Vamos, fulano, vamos lá ajudar nós?”, pedia quatro pessoas, ia mais de dez ajudar, que chamava puxirão. O *jitório* [ajutório] era de meio-dia pra tarde, o *puxirão* era o dia todo. Então, aquilo ali, um chamava o outro de lá, já ia todo mundo... {Um *puxirão* que ia todo mundo. *Jitório* [ajutório] ia de meio-dia pra tarde, também ia todo mundo, mas era só de meio-dia pra tarde}. Então, aquilo ali, um ajudava o outro, era uma união. Um precisava, todo mundo ia. Até falava “Fulano, você foi, tu tava trabalhando lá, por que não me chamou? Ah, mas não sabia que você ia, você tava ocupado... Não, mas ia, mandava meu filho, mandava...”. Era todo mundo, era mulher, era homem, tudo ia, tudo ajudava um ao outro lá. (Sr. Horácio/Caçandoca)

Eu acho que antigamente era melhor do que agora, porque antigamente você trabalhava na roça, você tinha sua comida, você estudava, você ia pra escola de qualquer jeito, ninguém reparava. Você não tinha bolsa de escola, você não tinha mochila, você não tinha sandália, você não tinha nada de marca. E, agora, pra ir pra escola, tem que ter tênis, tem que ter chinelo, tem que ter... E você tem que ir de uniforme, se você não for, é reparado na escola. Antes não tinha nada disso. E, antigamente, você chamava as pessoas pra fazer alguma coisa, que nem ele falou, ia todo mundo, e agora não, e agora você continua sendo escravo ainda, eu acho que continua sendo escravo! Tem a terra e você não pode fazer nada, você não pode fazer nada aqui, você continua na mesma... Os filhos vai estudar lá fora, tá aí que nem escravo, andando a pé porque o carro não desce aqui. Então pra mim antigamente era mais melhor do que agora. A escola era aqui na praia, você atravessava rio, você ia molhado pra escola, você entrava na escola. E agora não, as crianças chega atrasada, já não entra na escola. [...] Então, antes você comia tudo que tinha de comer, você comia, você comia a sua farinha com feijão, você comia peixe com banana, pegava marisco, você comia, saquarítá, você comia, pindá, você comia, você comia tudo! Café da manhã era café de cana, banana, você comia, você comia mandioca, você comia batata cozida de manhã e, agora, não, agora ninguém quer comer nada dessas coisas... Você era sustentado, o pessoal era mais forte antigamente e, agora, o médico já, qualquer coisa, já não pode comer. Eu tenho uma filha que nasceu lá na Raposa, Cláudia, nasceu porque não deu tempo, pra mim ir pro hospital, pra mim ganhar neném sozinha, então eu ganho em casa, ganhei em casa. E minha filha, logo que nasceu, comia banana. A gente amassava a banana e dava pra criança. Todos os meus filhos comeram. E, agora, não, só peito até seis meses, peito, peito, peito, porque se dá comida vai... E antigamente não

tinha nada disso... Então... Você agora tem a terra, você tem tudo, mas você não pode fazer nada. Ta aí congelado isso daqui, porque você não pode fazer, você não pode fazer roça, você não pode capinar, você não pode cortar uma madeira que a [Polícia] Ambiental vem aqui e multa você. Você não pode fazer uma casa porque a [] vem multar ou derruba sua casa, então você tem que continuar na mesma, continua escravo! Não pode fazer nada. Então você continua na mesma, daí tem gente aí com a casa [] os pessoal tão fazendo casa aí de teimosia, tão fazendo casa pela vontade deles mesmo, mas, pela lei, diz que não pode. Se você é quilombola, você tem que morar na casa de barro, não pode fazer de bloco. {Não pode ser feita casa de bloco aqui?} Pela associação aqui não pode {Não pode porque a área ainda está em briga, ainda tá sendo...} {Ah, pra não descaracterizar antes de sair o título} É {Mas aí, com isso, as pessoas sofrem também, porque aí tem a vontade de fazer uma casa, uma moradia melhor, e não podem, porque aí tem toda essa questão, a questão ambiental. Derrubou uma árvore, qualquer coisa que eles façam, a Ambiental já tá aqui multando} {E se vocês não podem mais plantar nem nada, como que é a sobrevivência de vocês?} A gente trabalha, eu trabalho no condomínio [] uma horta em redor da casa. Mas roçar mesmo, fazer a roça igual antigamente não pode. Porque antigamente Caçandoca era tudo cheio de roça, tudo cheio de roça, era a coisa mais linda! {E aí Ambiental não permite?} é, não permite... (Sra. Aldacir/Caçandoca)

De manhã, antes de vim pra escola, eu tinha que moer cana no engenho de cana. O café, a gente colhia o café e depois socava... então, a gente socava o café da roça [] então colhia o café, depois o café botava pra secar, depois a gente socava no pilão. Isso eu fazia, minha mãe ensinava como que tinha que fazer. A única coisa que eu não gostava é peneirar o café, você tinha que jogar pra cima e soprar pra sair aquele pó e ficar só os caroços, depois a gente socava aquilo. Eu falava “Por que a gente tem que fazer isso, comprar no mercado não é melhor?”, falava pro meu pai. Ele falou “Não, minha filha...”, ele falava “o seu avô fazia com nós, falava pila, soca isso, pila e faz isso”. Ele falava “Olha, eu já cheguei a comer”, ele e minha mãe falava “antigamente, nossa vó (colhia,) ia na costeira, pegava aquela craca da costeira, lavava bem lavado e cascava banana verde e botava pra cozinhar. Aí, na hora de comer, pegava banana nanica verde e colocava no pilão e socava, aí botava assim naquele caldo e fazia um pirão, a gente comia”. Falei “Nossa, pai, era tudo difícil assim?”. Ele falou “Era difícil, e você tem que aprender que as coisas hoje não vêm do fácil, não”, ele falava, “tem que sofrer pra ter”. (Dona Maria da Conceição Machado/Caçandoca)

A gente trabalhava com roça. Eu, desde sete anos, já trabalhava na roça com meu pai, plantava arroz, feijão, mandioca, tudo essas plantaçoão. Já trabalhava com ele, já, desde os sete anos já trabalhava na roça. Não fazia muita coisa, mas já gostava de ir pra roça. E era a tradição de ir pra roça, e eu trabalhava na roça. Depois, cheguei na idade de escola (...) meu pai dividia a semana, a gente ia três dias por semana pra escola e três dias na roça. E ai da gente que não fosse,

os pais autoriza aquela quantidade, era aqueles dias que a gente tinha que ir pra escola, não podia ir mais de três dias. Aquele tempo, estudava até dia de sábado (...) eu estudei no Batatal, Barra do Batatal. Eu me criei no Pedro Cubas, eu moro aqui depois de casada, do ano de sessenta e quatro que eu me casei, que eu vim morar aqui, mas eu venho da outra comunidade. E lá era difícil os estudos, a gente tinha que vim andando, não tinha estrada, tinha que vim a pé, andando a pé. Não era estrada, era trilho. Só andava a cavalo, andava a cavalo na estrada, porque não tinha estrada. E eu vinha pra escola, andava doze quilômetros pra vim pra escola, todo dia, esses três dias, era doze quilômetros que tinha que andar pra ir pra escola. (Dona Esperança/Sapatu)

[...] por isso que, quiser chamar de ignorante, que me chama. A coisa que eu mais amo nesse mundo é uma casa de sapé, de barro, porque é onde eu fui criada, que eu sinto o cheiro, as palha, eu gosto muito. Eu falei, gente, é uma coisa que tá dentro da gente, a gente não pode fazer mudar, não pode mudar uma coisa que vem lá debaixo, da raiz da gente, que é uma coisa que eu gosto muito. Por isso que eu falei pro meu marido, eu quero fazer uma casa assim. Tá certo, essa aqui é de barro, ta aí, tá rebocado, mas é barro que ta aí nela {Nós fizemo aqui, foi num *jitório* (ajutório). A comunidade inteira colaborou} Não adianta você tampar o sol com a peneira. Eu quero ser uma coisa que eu não sou, agora, se eu sou uma quilombola, porque que eu vou fazer coisa que eu não sou? Vou mostrar lá fora o que eu sou. É por isso que as pessoas sabem, aonde eu vou, as pessoas falam “Aí vem a quilombola”. Eu não tenho vergonha, porque eu sou! (Dona Maria da Conceição Machado/Caçandoca)

Meu trabalho pra comunidade, falando de dança cultural, por exemplo, eu abracei essa causa, com o objetivo de trazer a juventude, os jovens. Tá sendo um pouco complicado, queria falar para as crianças que não tenham vergonha das nossas tradições, dos nossos costumes, e que possam continuar essa cultura que a gente acha bonito e é um resgate da cultura das comunidades quilombolas. Bom, era isso, como coordenador do grupo eu *tô* fazendo com que... a gente tá procurando fazer, passar para as crianças, no caso, pra juventude, que isso é importante. E falo mais uma vez pra eles não terem vergonha dessa cultural nossa, vamos continuar com filhos e netos, que continue... Sou da comunidade de Sapatu, nascido aqui, fiquei acho que uns vinte e sete anos fora da comunidade de Sapatu, voltei em dois mil e oito e, já de cara, eu já entrei pra cultura, pro turismo também [] como agente cultural e coordenando o grupo [] lutando, como eu falei, pra não deixar morrer a nossa cultura, nossa comunidade, e mostrar a cultura de nossos antigos, de nossos avós, das pessoas da família, mais velhas... (Ivo dos Santos/Sapatu)

Minha memória, tua memória, nossa memória



Conversando sobre as/os mais velha/os

As pessoas idosas fazem parte da nossa sociedade, da nossa história coletiva e merecem o nosso reconhecimento. Como? As pessoas mais velhas geralmente compartilham com grande prazer as histórias que marcaram as suas vidas, mas é necessário demonstrarmos interesse.

Responda as questões a seguir e, depois, converse sobre elas com os colegas e o professor:

1. Na sua opinião, o que é uma pessoa idosa?
2. O que os seus avós ou outros parentes mais velhos significam para você?
3. Quantos anos têm essas pessoas?
4. Sobre o que você costuma conversar com eles?
5. Quais atividades você faz com eles?
6. Você percebe diferenças entre você e eles? Quais? Por quê?
7. É possível superar essas diferenças, caso haja?

Minha memória, tua memória, nossa memória



Compartilhando memórias

Refleta sobre a noção de memória coletiva. Converse com suas/seus colegas sobre as formas possíveis de compartilhar as memórias coletadas, tanto as individuais como coletivas. É possível, por exemplo, organizar uma pequena exposição com fotos das pessoas idosas entrevistadas e trechos de suas narrativas. Vocês poderão também organizar uma reunião e convidar as/os entrevistadas/os para que participem de uma roda de conversa na escola. Assim, poderão vivenciar a relação entre gerações e a construção da memória coletiva.



©Acervo NINC/SEE-SP

Centro Comunitário do Quilombo Caçandoca - Ubatuba - SP.

3

Práticas culturais

SUMÁRIO



©Cleó Velleda/IMESP

Espaço usado para festas e cursos, Quilombo Cafundó - Salto de Pirapora - SP.

Capítulo 3

Práticas culturais

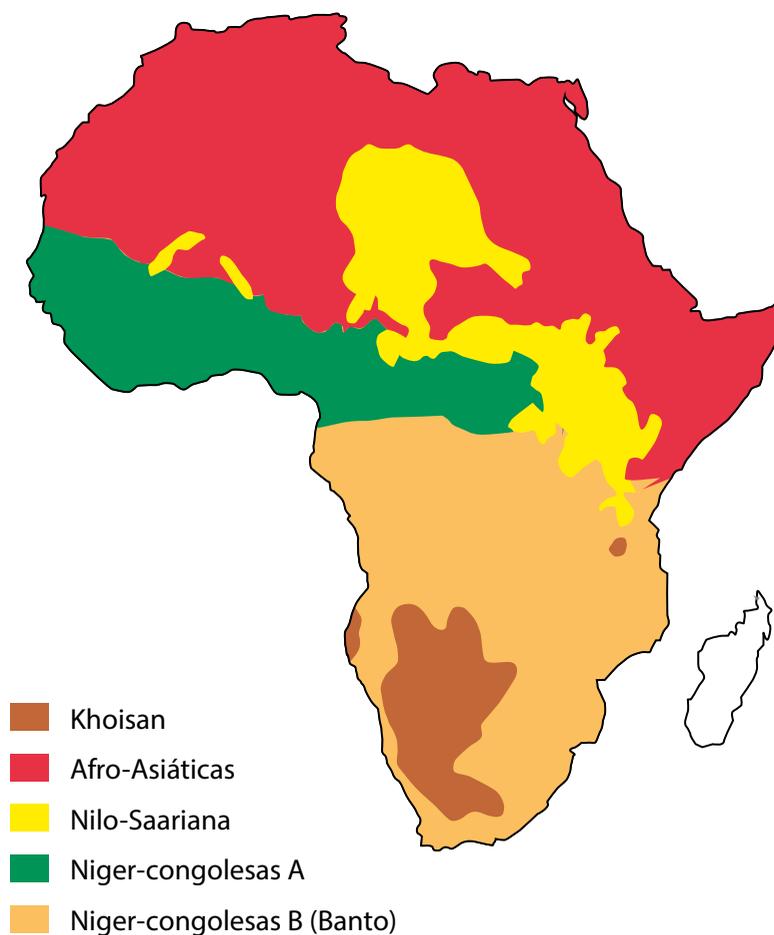
“Artigo 1 – A diversidade cultural, patrimônio comum da humanidade
A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.”

UNESCO. *Declaração universal sobre a diversidade cultural*. 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

Línguas reminiscentes

Segundo dados da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), publicados no *Atlas of the World's Languages in Danger* [Atlas mundial das línguas em perigo], cerca de 2500 idiomas estão sob risco de extinção ao redor do mundo. Entre as línguas extintas há pouco tempo, temos a Aasax, da Tanzânia, desaparecida em 1976. Ainda segundo o este documento, na África subsaariana, região em que cerca de 2 mil línguas são faladas (quase um terço do total de idiomas do mundo), é provável que, nos próximos cem anos, no mínimo 10% delas sejam extintas.

FAMÍLIAS DE LÍNGUAS AFRICANAS



Adaptação de Acácio S. Almeida Santos, Casa das Áfricas, 2010

Fonte: Casa das Áfricas. Disponível em: <www.casadasafricas.org.br>. Acesso em: 3 jul 2014.

No mapa, vemos a família niger-congolesa (representada pela cor verde) nas regiões Oeste e central da África. As línguas banto ocupam todo o Sul do continente, com exceção das línguas *khoisan* (em marrom) na região Sudoeste da África e as línguas malaio-polinésias em Madagascar. Nas regiões Norte e Leste, encontram-se as línguas nilo-saarianas (em amarelo) e, por fim, da região do Maghreb ao chifre da África, as línguas afro-asiáticas (em vermelho).

Conheça algumas línguas africanas que vieram para o Brasil

Cupópia? Se você não é do quilombo Cafundó, talvez nunca tenha escutado essa palavra. Ela é o nome dado a uma língua falada por alguns quilombolas do Cafundó. Leia o que nos contou dona Judite:

Pouca gente fala, mais ou menos uns seis, sete, por aí. Estão ensinando as crianças a falar – às vezes encontram as crianças e falam alguma coisa. Essa língua veio do nosso avô, que veio direto da África. Essa língua foi aprendida por eles. O avô chamava Joaquim Manoel de Oliveira (Congo). Eles não ensinavam muito pra gente, a gente tinha que aprender no dia a dia, escutando eles conversarem. Ia aprendendo devagarzinho, lá um dia aprendia uma palavra... É importante falar essa língua porque é uma coisa que já vem da nossa raiz, do nosso bisavô. Tem que preservar, porque, se os mais novos não aprenderem um pouco, acaba tudo. Não pode perder. No decorrer da vida, com a preocupação de viver, as pessoas se (distanciaram) e até se esqueceram da sua cultura. A gente tem que manter a resistência pra não esquecer dessa cultura, que é a língua da gente. A gente fala cupópia. (Dona Judite/Cafundó)

Veja alguns exemplos de frases em cupópia:

1. O cafômbi cupopiano vavuro a cupópia vimbundo = O (homem) branco (está) falando bem a fala negra
2. O cúmbi cuendano vavuro = O calor (está) chegando forte
3. O tec nâni do cúmbi = A noite nada de luz = Noite escura
4. Anguta cuendô nangá no cúmbi = A mulher levou a roupa no sol
5. O tata vimbundo do injó do mafingue cuendô o cambererá do vava na macura e variamo = O ho-

“Do século XVI ao século XIX, o tráfico transatlântico trouxe em cativeiro para o Brasil quatro a cinco milhões de falantes africanos originários de duas regiões da África subsaariana: a região banto, situada ao longo da extensão sul da linha do equador, e a região oesteafricana ou “sudanesa”, que abrange territórios que vão do Senegal à Nigéria.

A região banto compreende um grupo de 300 línguas muito semelhantes, faladas em 21 países: Camarões, Chade, República Centro-Africana, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo-Kinshasa), Burundi, Ruanda, Uganda, Tanzânia, Quênia, Malavi, Zâmbia, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique, África do Sul.

Entre elas, as de maior número de falantes no Brasil foram o quicongo, o quimbundo e o umbundo. O quicongo é falado na República Popular do Congo, na República Democrática do Congo e no norte de Angola. O quimbundo é a língua da região central de Angola. O umbundo é falado no sul de Angola e em Zâmbia.”

CASTRO, Yeda P. de. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade do Salv. (Org.). *Pasta de textos da professora e do professor*. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

mem preto da casa da família jogou a carne da água na gordura e comemos = O homem preto da casa da família jogou o peixe na gordura e comemos = O homem preto da casa da família fritou o peixe que comemos depois = O irmão fritou o peixe que comemos depois

6. Vimbundo cupopeia nâni na mucanda = O (homem) preto não fala nada através da leitura

[...]

13. Tata vavuro no arambôngui = Homem forte no dinheiro = Homem rico
14. Tata nâni no arambôngui = Homem fraco no dinheiro = Homem pobre
15. Nhamanhara curima nâni = A senhora não trabalha
16. O que cuenda o chipoquê na bugigança = O que leva o feijão à barriga = garganta
17. Nhamanhara acuendô o godema no urubamba do arambuá = A senhora pôs a mão no rabo do cachorro = A senhora bateu no cachorro
18. Tata nâni de cucuero = Homem nada de casamento = Homem solteiro
19. Nangá do viçó = Roupa do olho = óculos
20. Nangá do godema = Roupa da mão, do tórax = luva, camisa, blusa
21. Nangá da tarimba = Roupa da cama = lençol, cobertor
22. Nangá do palulé = Roupa do pé = sapato, meia, etc.
23. Sângi do tec = Ave da noite = coruja, morcego
24. Sângi do tec que vareia mafingue d'ingômbi = Ave da noite que chupa sangue do boi = morcego
25. Curimadô de cuendá o variá = Trabalhador de levar a comida = carroça"

ANDRADE FILHO, Sílvio V. de. O vocabulário e a criatividade da "cupópia". Em *PAPIA (Revista de Estudos Crioulos e Similares)*, n. 13: 168–179, 2003, Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/view/93/115>>. Acesso em 29 jul. 2013. (Texto adaptado.)

Festejos e tradições

No ano de 2013, o Instituto Socioambiental (ISA) publicou o *Inventário cultural do quilombos do Vale do Ribeira*. Nesse inventário, foram catalogados 180 bens culturais, classificados em cinco categorias: Celebrações, Formas de expressão, Ofícios e modos de fazer, Lugares e Edificações.

Nas rodas de conversa realizadas nas comunidades visitadas, foi possível perceber que, a partir dos anos 1990, com o aumento das igrejas neopentecostais nas comunidades quilombolas, diminuiu o número de participantes nas festas da comunidade. Isso porque quase todas essas festas têm relação com as festas religiosas católicas e de religiões de matriz africana, como o candomblé. Por consequência, essas manifestações culturais também estão se tornando cada vez mais raras.

A professora e pesquisadora Glória Moura é pioneira nos estudos sobre a importância das manifestações culturais na educação escolar quilombola. Ela é autora dos livros *Festa nos quilombos* e *Estórias quilombolas*. Veja a seguir um trecho no qual ela fala sobre as festas quilombolas:

“Nas festas dos quilombos contemporâneos, pode-se verificar uma série de atitudes rituais que valorizam as tradições da comunidade com o sentido de perpetuá-las. Mesmo quando os mais jovens, em busca de emprego e salário, saem para trabalhar fora da comunidade, ainda assim mantêm o vínculo com ela, participando das suas festas maiores, das comemorações e dos rituais, e desempenhando nelas o seu papel habitual. A importância de manter o sentido de pertencimento leva os que saem a voltar na época da festa. É assim a necessidade de valorização da sua própria cultura e portanto da afirmação da sua visão de mundo, de entrada na busca do sobrenatural e do tempo mítico da festa, que os impulsiona.”

(MOURA, 1997)

Para saber mais

“O Instituto Socioambiental (ISA) é uma organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos, fundada em 1994, para propor soluções de forma integrada a questões sociais e ambientais com foco central na defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos.

Desde 2001, o ISA é uma Oscip – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – com sede em São Paulo (SP) e subdeses em Brasília (DF), Manaus (AM), Boa Vista (RR), São Gabriel da Cachoeira (AM), Canarana (MT), Eldorado (SP) e Altamira (PA).”

O Inventário Cultural do Quilombos do Vale do Ribeira foi produzido pelo ISA e pode ser acessado pelo link a seguir: <http://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/publicacoes/inventario-cultural-de-quilombos-do-vale-do-ribeira>
Fonte: Instituto Socioambiental (ISA).

Disponível em:
<<http://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa>>.

O livro *Estórias quilombolas*, de Glória Moura, pode ser baixado gratuitamente pelo link a seguir:
http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/estorias_quilombola_miolo.pdf

Silvane: Deixa eu perguntar uma coisa, e vocês... que festas que vocês se lembram, assim, de quando vocês eram crianças? Datas que são importantes pra vocês, que tinha alguma comemoração... alguma coisa? {Festa?} Isso, pode ser festa religiosa, festa por algum...

Maria da Glória/André Lopes: Ah, sim, tinha muita festa... Nós ia a muita festa, é, no [], tinha festa religiosa, no (Casteriano) tinha festa religiosa, a gente ia também, no Nhunguara, é, tinha de (Santa Cruz), no Nhunguara. {Tinha de Santa Cruz, celebrava no dia (treze de maio), né?} É, ali a gente ficava três dia lá festando, três dia lá festando. Ali rezava, que nem diz nós, antigamente, rezava lá dentro da Igreja, depois de outro lugar lá chamado Romãozinho, Romão, né? Aí nós tinha uma cruz lá, nós ia lá. Adorava também, rezava, fazia procissão, fazia um... Pra nós, tudo era importante, a gente não conhecia [] só o que conhecia era isso mesmo. Ainda nós, porque minha mãe era muito religiosa, ia aqui no Batatal [] Eldorado [] depois que nós *começamos* ter acesso em carro, né, aí nós não perdia a festa de Eldorado. Todas nós ia, parte de festa a gente conhece bastante, né, assim... religiosa.

Antes, eu rezava, eu ia a festa, ia a baile, ia a tudo. Mas, aí, depois que... há uns doze anos atrás... que eu me converti, que sou evangélica, então eu não faço mais essa festa... O povo faz, né, aqui. Também eu não digo que não faz, porque cada (qual) tem a sua vontade, porque ninguém não obriga ocê. Se ocê não quiser ir, ninguém vai chegar, arrastar ocê pelo braço, "Vamos"! Então, se ocê quer ir, é porque ocê *tá* gostando ainda. Então, a gente já faz parte de outra parte. {Qual igreja a senhora frequenta agora?} Eu me batizei na Igreja Universal, mas agora eu sempre tô indo na Igreja Mundial, porque já fica mais longe a Universal, é lá na cidade. E aqui em Caraguá, quando nós vamos, só quando ela faz lotação, aí que a gente vai por ela. E às vezes os irmãos vêm aí na igreja, da igreja, vêm aí em casa [] eles vêm aí, trazem Santa Ceia pra gente... E aí a gente vai levando a vida, até Deus quiser... (Dona Dolores/Çaçandoca)

Hoje eu não sou católica, mas sou evangélica, mas isso não muda nada... {Qual igreja a senhora frequenta?} Eu sou da Congregação Cristã. Até hoje não muda nada, não mudou nada, porque o amor é muito grande. Se você não tem amor, você não tem nada... {E quando a gente faz as festas aqui da comunidade, da Nossa Senhora Aparecida, ela sempre ajuda, a Maria sempre *tá* junto. Porque a gente faz azul-marinho pra vender também, e aí ela é uma das que *tá* sempre junto, independente se ela participa ali da missa, *tá* lá cozinhando enquanto a gente *tá* celebrando, mas aí *tá* junto, né, não tem essa separação.} {Não deixa que atrapalhe, né, a cultura} Não atrapalha nada, eles gostam. Eles tiveram uma missa que eles fizeram lá em Caraguá, lá na festa, eu pensei assim, "O que é que eu vou dar pra tia Rosa e a tia Maria levar lá, pra apresentar lá, o que é que eu vou dar pra eles?", porque eles vão encontrar um encontro, não tem ninguém... Se fosse outra pessoa, nem pensava nisso: "Eu sou da outra igreja, porque que eu vou pensar na igreja deles?". Mas o amor que a gente tem um pro outro, aí eu pensei "Sabe o que eu vou fazer? Umas tranças trançadas". Essas *paia* que tá

aqui na parede, eu peguei, fiz a noite inteira as *paia*, e elas levaram, e foi falado muito bem. Eu falei, o amor não separa, porque eu acho que o que separa é o egoísmo das pessoas mesmo. Mas eu sempre *tô* junto com eles, sempre. “Vamos fazer isso?”, vamos fazer, só que eu não danço, eu não bebo com eles, mas o importante, “Vamos rezar?”, não, tem que fazer a comida, eu vou lá, eu faço. “Dona [] vamos fazer qualquer coisa, não sei aonde, cê vai lá?”, falei “*Tô*, vou fazer”. Então, eu sou assim, eu acho que o amor é importante, o amor, a caridade é muito importante, não adianta nós termos tanta coisa e o coração duro, não adianta... (Dona Maria da Conceição Machado/Caçandoca)

Hoje a dificuldade que tem hoje, nossa, hoje nós *tamo* aqui. Hoje, aqui, tem (minha irmã) da Deus é Amor, minha tia da Cristã do Brasil, aqui é Cristã do Brasil, católico, tal... Mas, antes, nós tinha muita dificuldade, hoje nós *tamo* tendo uma facilidade pra reunir hoje aqui. Se fosse aí há dez anos atrás, ela tinha dificuldade pra falar isso, eles tinha dificuldade pra falar isso. Hoje não, hoje... o pessoal começou a entender que não tem nada a ver religião com cultura, cultura é cultura, religião é religião! Então, por exemplo, o pessoal começaram a entender. Não tem nada a ver, por exemplo, se ele não falar o que o mais *véio* dele falou pra ele, eu não vou saber, o nosso pessoal agora não vai saber. Então, quer dizer, o pessoal *tá* começando a entender isso... Então pra que a gente... a preocupação nossa é que isso não se acabe, por exemplo, ele acabe o tempo dele de vida e leve com ele só, e eu não aprenda, ela vá e ele não aprenda, eu não aprenda, *tá* entendendo... Então a preocupação é nesse sentido, o que que a gente pensa? Pensa que, amanhã ou depois, o mais rápido possível, que nós já *tamo* atrasado já, que a gente conseguisse, por exemplo, aproveitar isso. Nós *tamo* falando aí, por exemplo, tem muito remédio que a minha mãe sabia ou sabe até agora, que (*tá* em vida) pra fazer, que eu não sei, meus filho não vão saber, muito menos vão saber meus neto, daí que não vão saber *memo*! Quer dizer, e aí o que acontece, nós vamos ter que correr atrás do quê? Do médico. E tem coisa que a medicina não alcançou ainda, e coisa que nós já tinha, nós perdemos, que é o remédio da recaída. O médico não tem remédio pra recaída, e nós temos. { } Então a dificuldade da gente conseguir armar esse... fazer, talvez um... botar no papel, é essa dificuldade, que nós *tamo* hoje tendo aqui mais facilidade pra que a pessoa possa se abrir. Falar não, eu não faço mais hoje por que eu tenho uma religião. Só que eu sei, eu fazia, eu posso ir até aqui, daqui pra lá... O que que nós colocamos aqui, *coloquemos* várias vezes, por exemplo, faz uma festa aqui, religiosa, não precisa o evangélico vim participar da festa, mas ele que dê a dica o que ele fazia antes pra gente tentar fazer. Pra que, não vai servir pra ele, mas vai servir pra que, pra educação dos que *tá* vindo agora, porque, se perde a cultura, o que acontece? Vocês sabem o que eu *tô* dizendo, o sistema mudou. Por que que isso ficou atrasado? Porque foi implantado o quê? Foi implantado um sistema novo. Então, esse sistema novo... eu já fui pro sistema novo! Quer dizer, eu esqueci da sanfona, eu esqueci da colher! Tem (nego) nosso aí antigo, que, se ele pegar uma colher,

travar ela aqui do lado e bater aqui o pessoal fica bobo... “Puxa, como que essa colher faz tanto som...”, né. E hoje não, né, hoje mudou... Então nós temos mais pessoa, até nós esperava que vinha mais pessoa da comunidade aqui, que conta história que eu *memo* fico assim olhando, falo: “Eu não acredito que tem tanta coisa assim e nós *tamo* aqui...” {Fazia uma viola de bambu que também servia pra dançar. <reproduz o barulho da viola>} (Seu João/André Lopes)

Nas festas, tinha a função de batizar as prendas. O [] entregava a prenda e perguntava “Quanto vale isso aqui?” e ele colocava o preço. As prendas eram frango, leitoa, cabrito assado. A festa era feita para beneficiar as pessoas do bairro. A festa era promovida por um centro espírita. Tinha também a festa de Santa Cruz, comemorada no dia treze de maio. Tinha muita comida, entre elas o bolo (apressada) feito de rapadura, clara e gema de ovo e goma (polvilho). Na festa, tocava um sanfoneiro bom, craque da sanfona – Dito Malaquias – e dançava-se forró. Tinha violão também, quase todas as pessoas sabiam tocar violão em Cangume. (José Gonçalves/Cangume, Paiolada)

Antigamente, o pessoal era muito religioso, né, (de ir numa) festa, cê... a festa começava sexta-feira, só vinha segunda-feira... {Hoje já não tem mais?} Não, agora, se tem uma festa, né, (Rosa), o padre já vai no dia e já volta, não fica no... né, antigamente o padre ia sexta-feira à tarde, ficava sábado o dia inteiro, domingo o dia inteiro e vinha segunda-feira de manhã, não era? Eles traziam o padre embora. Agora o padre pega o carro e vai, a missa é três hora da tarde, vai as três hora, vai na missa, procissão, embora! Acabou a tradição antiga! (Dona Marisa/André Lopes)

Olha, eu acho que, desses bairro por aqui, o único que não tinha muita festa assim, festa assim religiosa, acho que foi aqui {Foi aqui?} Aqui não teve muita festa religiosa, até porque aqui, deixa eu lembrar um pouquinho... acho que a primeira igreja católica, igreja *memo*, católica, foi essa aqui, porque não tinha igreja aqui. O que a gente fazia – eu lembro que eu era moleque, Marisa já era moça –, minha mãe, o pessoal ia pro Sapatu, Nhunguara, Ivaporunduva. Até porque, eu sempre comento com o pessoal sempre aqui, o morador do André Lopes era três, quatro, o pessoal morava tudo pra dentro, pra lá. Na verdade, o André Lopes era pra lá, então quem morava aqui era poucas família que tinha aqui... era meu pai, o meu tio... antes deles era o avô, aí tem o pessoal do Maia aqui também... {(Ana) Maia e Maria Maia.} Então era quatro, cinco, só, então não tinha necessidade até de ter, fazer igreja. Aí foi crescendo, crescendo, o pessoal frequentava Sapatu, que tinha uma igreja – eu lembro até agora que tinha uma igreja dos (Vitalino) ali – e depois Ivaporunduva. Era Sapatu, Ivaporunduva e Nhunguara, era isso que o pessoal fazia, o pessoal fazia mais isso. Então ficou aqui fazia mais festa, mas era mais festa de puxirão, puxirão. Eu lembro, quando eu era moleque, meu tio fazia bastante baile ali, que era puxirão, né... Então já não era, assim, festa religiosa... {Como que era essa festa de puxirão?} Essa festa de puxirão, que hoje é mutirão, mudou, mutirão, que eu não sei porque, mas é puxirão, na nossa língua é puxirão, é... reunia, por exemplo, ia fazer uma colheita de arroz, colher arroz, aí reunia cinquenta pessoa, trinta pessoa. Aí ia lá todo mundo,

colhia o arroz no sábado, né, o dia todo, e já ficava o pessoal – inclusive é coisa que a gente *tá* tentando resgatar isso –, ficava as mulher, (aquele) homem ia pra roça, ficava fazendo... fazendo, socando arroz, fazer cuscuz, fazendo comida, fazendo, tal, aquela (cutuca) que eles apresentam por aí, é aquilo que o pessoal fazia. Já começava a socar o arroz, o feijão, o que tinha que fazer, que era pra preparar o almoço, aí ou levava o almoço na roça, ou fazia na roça. Aí à tarde o pessoal vinha todo mundo pro baile, aí vinha Nhunguara, vinha..., né, todo mundo... {Os homem trabalhava de dia, né. O que ia cozinhar... as mulher que ia cozinhar, ia cozinhar, aí os homem ia pra roça. Quando era à tarde, aí chegava já as mulher dos cara que tavam trabalhando, né, chegavam tudo à tarde, aí era aquele forró até amanhecer o dia!} Amanhecia o dia... {Minha mãe cozinha *ni* velório, cozinhava *ni* mutirão, cozinha *ni* festa...} {Canseira não existe?} {Não, eles chegava da roça, né, João, tomava um banho e dançava a noite inteira.} {Chegava domingo ainda dançava o dia todo.} {Aí eles dançavam a (cobrinha), o xote...} {E os instrumentos no baile? Era o quê? O violão...} {Viola, né, sanfona...} {Sanfona também, e percussão, atabaque, essas coisas, não?} {Não.} {Tambor, não?} {Pandeiro, colher, não tinha colher? É... pregava as colher, juntava [] até [] fazia o povo dançar.} (Seu João/André Lopes)

Existia também a festa do São Gonçalo, né. {Ah, é, a de São Gonçalo, né, que foi feita lá no Zé Vieira, né. Uma no Zé Vieira e outra em Ivaporunduva.} {O São Gonçalo eu nunca vi...} {É uma tradição muito bonita, né, Zé?} {Diz que é muito bonita... eu nunca vi.} Muito bonita... é (no meio dos violeiro) tocando viola e a pessoa dança tudo de... de, assim, um pegando no ombro do outro, na frente, feito fila, fazendo aquela... em *vorta* do violeiro, o violeiro no meio dançando também. E, resultado, aí quando chega (numas hora) a gente encontra o par e fica do lado. Por exemplo, se eu quero casar com ela, eu conto os par e fica assim *oiando*, de repente eu caso com e vou, continuo andando. Aí a dança vai, continua assim, né, fazendo aquela *vorta* assim, batendo a mão e cantando, o violeiro tocando e cantando e a pessoa dançando e, de repente, é... é só viola! E aí chega uma hora que ele faz tipo uma parada, assim, pra fazer uma comemoração e continua de novo. É a noite inteirinha dançada assim! {Que dia que é?} {No dia de São Gonçalo.} {*Tá*, mas no dia de São Gonçalo, que mês é?} Agora, aí... o mês eu não... Só sei que é a dança de São Gonçalo. {Quando eles resolvia fazer, eles fazia, eles não tinha mês certo.} {Ah, não tinha dia...} Qualquer dia (eles podia fazer)... {Era o nome da dança?} É, é uma dança religiosa, não tem, tipo assim, é uma dança religiosa, em comemoração a São Gonçalo... {Inclusive eles cantava, né, acho que essa São Gonçalo é aquela que falava assim: <cantando> São Gonçalo []} É. {Minha mãe cantava muito isso e a gente gravava.} {<cantando> Arre viva, arre viva São Gonçalo.} {Canta aí?} {A Maria sabe, ela sabe.} {Canta aí, Maria.} (Seu José da Costa/André Lopes)

[...] e quando tinhas as festas, nosso pai não deixava nunca a gente ir numa festa sozinha. A gente sabia que tinha na casa, a gente ia na casa de um amigo lá que tinha roça, a sua roça, você limpava um pedaço grande e falava “Olha, gente, eu vim convidar todo mundo pra nós plantar a minha roça, plantar minha mandioca”,

que é o aipim que a turma fala. Aí, ia tudo mundo na casa dele, aí, quando chegava no dia de sábado, quando chegava no dia de sábado, ele tinha uma casa grandona, como se fosse aqui, chegava lá, era cinco horas, todo mundo acabava o serviço, agora os pessoal vão ficar pra um baile de pé que vai ter, uma dança. A gente que era nova não gostava daquilo, nunca gostava, falava assim “Ah, eu já tô cansada de levar mandioca na saia pra plantar” [] ainda tinha um que olhava se você plantava certo, ele ficava olhando, que não podia ficar uma cova sem plantar. A gente cansava, porque ia numa pra lá, depois os homens vinham pra cá, plantava tudo aquilo ali. Aí, quando chegava à noite, a gente tinha que dançar o bendito bate pé! (...) era dez par. Aí, quando os homem batiam o pé, tinha que ficar atento, quando ele batia o pé, a gente ia tudo rodando ali, (tudo barata) tonta rodando, rodando, dançava, aí dançava. Aí, depois, na segunda volta, aí você tinha que cobrar dele, você que tinha que tirar ele. Não podia trocar, se você trocasse, acabava o baile, você não ficava com mais ninguém! Isso que eu achava errado, parecia gozado, a gente trabalha pra todo mundo, vai não sei aonde, aí não pode escolher o par, botava aquele bendito lenço no lampião lá, aí era pra você tirar, você tinha que dançar. Porque o baile era baile de verdade, mas você tinha que dançar... o lenço botava lá, aí a dama que tirava o cavalheiro. Aí, se você dançou com ele, você não podia tirar ele não, ele ficava lá, coitado! Ficava lá esperando quando vai sobrar, falava assim “Quando que vai sobrar uma morena dessa pra dançar comigo?”. Eu falei pro meu pai, eu falei assim pra ele, foi na casa da tia Rosária, falei “Não me leva mais em baile nenhum, que eu não vou dançar com mais ninguém. Desaforo, ah, esses homens com a toalha no pescoço pra gente dançar com os moços!”. Ele falava “Ó, filha, esse é o respeito, todo mundo vai numa festa, tem que pagar a festa, ele tinha que pagar festa pros amigos, o *jitório* (ajutório) dele era numa festa, num baile, um mutirão, que ele fazia um mutirão. Mas a gente ficava tonta demais com aquilo, mas era gostoso. [...] Tem dia que eu passo pro meus filhos em casa, eles ri, fala “Coitada da minha mãe, odiava, mas dançava, né, mãe?”. Falei “Dançava, vai fazer o quê. Porque se não dançasse com aquela pessoa, não dançava com mais ninguém”. Nós sofria, ela [Dona Rosa, que estava presente na conversa] falava assim “Poxa, Maria, mas aquele moço tão lindo, porque que tem que esses diabo dançar com nós?”. (Tinha os moço bonito.) Daqui a pouco os velhos botavam fogo. Eles, além de *tá* cansado, de cavocar barranco, cavocar terra, por que eles não sentava? <risos> (Dona Maria da Conceição Machado/Çaçandoca)

E nessa época nós tinha que usar sapato, ninguém usava sapato não. Aquele que usava sapato, tinha um baile, às vezes vinha por dentro da mata, passava num córrego, vinha com o pé no chão, assim, pisando, trazia o sapato (nas costas). Aí passava o córrego e lavava o pé, calçava o sapato e ia pro baile, dançava no baile a noite inteira, outro dia bem cedo todo mundo tirava o sapato do pé também, a maioria carregava nas costas {no caminho não usava sapato} [] não usava sapato não. Andar pela mata, andar por espinho, no manguezal [...] era pra não machucar o sapato, porque o sapato era caro... não tinha negócio de bota, não existia. Bota veio de uns dias pra cá [...] O cara ia roçar um mato aí que tinha *nhupindá* [jupindá], tinha tudo. Mas só que o *nhu-*

pindá [jupindá] é um espinho grande, o cara ia descalço, ia descalço porque não tinha sapato pra calçar. Eu mesmo, quantas vezes, eu só calcei bota depois de vinte anos {E quando entrava o espinho no pé, tem uma história que fala que o pessoal, pra não atrapalhar de andar, eles batia o espinho pra dentro da sola do pé} [...] E agora, um dia de hoje, num tempo de agora, tudo mundo tava aí, ó, fazendo mutirão pra colher arroz, fazendo *puiuva*. Tinha a tal de *puiuva*, que era até meio-dia. Outro ia fazer mutirão inteiro e fazia mutirão inteiro, aí tinha de dar almoço, janta e forró à noite e café outro dia. E, agora, quem fazia *puiuva* só dava o almoço e os caras iam embora, a janta, nem que tivesse um forró de noite, mas a janta ele não dava, ia gastar mais... Mas o cara já sabia, *puiuva* até meio-dia só, agora quando é mutirão, aí vai até de tarde. O *puiuva* também tinha o baile, mas só que não dava janta, não tinha café da tarde, {Eles trabalhavam até meio dia, ia embora, almoça em casa} depois de noite eles vinham, se a dona da casa dissesse que ia fazer o forró. (Sr. Antônio Furquim/Sapatú)

Então, essa história que a gente tá falando assim de andar com o sapato nas costas, na corda, no Pedro Cubas também era assim. A gente vinha pro Batatal, até a criançada e a meninada, dia de domingo. Vinha, mas vinha todo mundo *descarço* e trazia o sapato pra *carçar*. Antes de chegar na Barra, tinha um *corquinho* que era o lava-pé, que nem ele falou, onde todo mundo lavava o pé. Ficou com o nome de lava-pé. Todo mundo que vinha, antes de chegar no Batatal, descia lá no *córgo*, lá no fundo, fora da estrada, descia lá, lavava o pé e andava com um pano, igual [] falou, enxugava o pé, lavava e *carçava* o sapato e vinha, chegava na Barra já de sapato. Na *vorta*, tirava de novo pra *vortar* pra casa. (Dona Esperança/Sapatú)

[...] era pra não machucar o sapato, porque o sapato era caro... não tinha negócio de bota, não existia. Bota veio de uns dias pra cá [...] O cara ia roçar um mato aí que tinha *nhupindá* [jupindá], tinha tudo. Mas só que o *nhupindá* [jupindá] é um espinho grande, o cara ia descalço, ia descalço porque não tinha sapato pra calçar. Eu mesmo, quantas vezes, eu só calcei bota depois de vinte anos {E quando entrava o espinho no pé, tem uma história que fala que o pessoal, pra não atrapalhar de andar, eles batia o espinho pra dentro da sola do pé} [...] Tinha gente que fazia isso mesmo! (Sr. Antônio Furquim/Sapatú)

[...] é, o espinho, ele saía depois que... O espinho, quando ele tá vivo no pé, ele não sai, não é fácil tirar. Depois que ele inflama lá dentro da carne é que era fácil tirar... E o meu era cravado de espinho de brejaúva {É?} Verdade. Eu trabalhava e eu ia pro mato, ia trabalhar na roça com meu pai. E em queimada e na *prantação* de arroz, quando roçava o *caporão*, tinha bastante brejauveira e, na queimada, o espinho ficava. A gente ia trabalhar, pisava naquela cinza da queimada, enchia o pé de espinho de brejaúva. (Dona Esperança/Sapatú)

As moças eram espertas também. Sabe, como, o que fazia a gente dançar mais depressa? Botando um sapato no pé. "Ele tem sapato", falava pra outra, aí vinha dançar com ele, porque ele tinha sapato. A pessoa que tinha mais dinheiro, na época, que podia comprar sapato. Nessa época, ninguém usava sapato, usava sapato muito

pouco as pessoas, porque era difícil sapato {Se chegasse no baile com sapato, já fazia sucesso} Porque é difícil sapato, pra comprar é difícil, tinha que mandar fazer, era difícil. Então, aquele que usava, é porque tinha dinheiro, mandou fazer sapato. Então, as moças vinham dançar com ele porque tinha sapato [] Outra era assim, pegava moeda de quatrocentos réis, duzentos réis, trezentos réis, moeda antiga que tinha, ensacava no saquinho, os homens, e amarrava aqui pra sapatear, na canela, pro saquinho de moeda ficar batendo no sapato, que fazia barulho. “Oh, lá, aquele tem dinheiro”. <risos> (Sr. Antônio Furquim/Sapatú)

O carnaval, é assim... O carnaval, quando as moças usavam, faziam farinha, tiravam aquela goma de farinha, carimã que falava, tar de carimã, passavam na mão e passavam no rosto do cavalheiro dançando [] então as moças vinham e passavam aquela goma, é um negócio assim cheiroso {Carnaval, né?} Mexia tudo assim, ficava bem cheirosinho {Ah, o carnaval} Então ia chamar as pessoas, as damas, e a dama já vinha com o carimã na mão pra passar (no cara), pra dançar. Aí, quando o rapaz gostava da moça, ele até dormia, assim {Mas quando não gostava...} Quando não gostava, fazia assim, quando a moça não gostava do rapaz, só fazia assim só <faz gesto de passar o dedo bem rapidamente>. Aí, quando gostava, passava bem assim, degavarinho assim... <risos> (Sr. João/Sapatú)

Legal também que, naquela época, não tinha luz elétrica, era tudo na base do lampião de querosene. E o instrumento que tocava era feito daqui mesmo, não tinha como comprar nada de fora, até as cordas, a madeira, era tudo madeira boa, fazia o instrumento, a rabeca, o violino, o violão. Era tudo feito aqui mesmo {O pessoal daqui que fazia?} {Tinha já os tocadores} E tinha já os tocador aqui {E isso já perdeu ou vocês ainda tocam?} Hoje tem a dança {É difícil encontrar} [] {Que madeira que usava pra esses instrumentos, você lembra que tipo de madeira que era?} {Os violão naquele tempo era tudo feito de madeira forte, canela} A rabeca era daquela cabaça, o violão era tudo de madeira mais forte. {Violão era madeira tudo forte} [] {E as cordas eram feitas de tripa de macaco, não?} {Linha de tucum, hoje é tudo comprado, fazia rede, tirava aquela linha pra fazer rede, pra caçar peixe, linha de tucum} {E o som, como que ficava?} O som ficava muito bom! {Tem de nylon e tem daquela de aço} Só que a de nylon não ficava muito bom igual aquela de aço {De crina de cavalo?} {De crina de cavalo tinha, pai?} {Tem até hoje [] a rabeca de hoje em dia, a turma... o cabelo, o rabo do cavalo...} (Sr. Antônio Furquim/Sapatú)

É, uma comunidade difere de outra nesse sentido. Uma comunidade, às vez, tinha a rabeca, outra não tinha. Outra tinha sanfona, outra não tinha, e chamava a outra comunidade que tinha; se não, fazia só o baile de violão, né, três, quatro tocador ali revezavam a noite e cantando música típica daqui mesmo. Já tinha música, tipo assim, São Pedro tem uma música típica deles lá, eles mesmo compunham a música deles, Pedro Cubas {Cada um tinha as suas músicas.} Então a gente tem as música típica de cada comunidade e ali cantava a noite inteira, né, e dançava, então era assim {E essas músicas vocês sabem ainda?} Sabemos, a gente ainda sabe bastante delas. (Dona Diva/Pedro Cubas)

Alimentação

As narrativas das/dos quilombolas mais velhas/os das comunidades remetem, muitas vezes, à alimentação. São lembranças das comidas que faziam parte da sua infância no quilombo, de pratos típicos presentes nas festas de santos, de casamentos ou mesmo nos forrós dos *puxirões*. Podemos perceber uma alimentação baseada nos alimentos que elas/eles mesmas/os plantavam e nos animais que criavam nas comunidades. Pouco ou nada se comprava fora: “somente o fósforo e o sal”, o restante era produzido na própria comunidade.

Podemos dizer que a culinária quilombola possui uma base afro-indígena, com muita farinha de mandioca e peixes, frutas, hortaliças e leguminosas. Além disso, é possível perceber a presença de carne de caça (paca, capivara, tatu, entre outros animais, dependendo da região) e da criação de galinhas e porcos.

Eu sou [], nascido e criado aqui na região. Passei muitas calamidade, casei com a minha primeira mulher, fui infeliz, fui [] Vivemos quinze ano só de vida; ela foi, eu fiquei. Hoje Deus preparou outra esposa pra mim, com essa nós vivemos já faz vinte e seis anos. E a nossa cultura é como ele... era dessa maneira, morava no sertão aqui, trabalhava... Enquanto meu pai... antes de entrar a luta do palmito, meu pai não (se negava) a trabalhar, plantava mandioca, plantava milho, plantava feijão, plantava arroz, plantava de tudo. E cana, ninguém tomava café de açúcar, era o caldo de cana, o café ficava até pesado, gostoso. Hoje não se fala em caldo de cana, é em açúcar... aquele que... aquele açúcar refinado... Então, a nossa cultura foi dessa maneira. Comia carne de porco, carne de caça e, quando se matava um gado aí, (quarquer um tinha matado gado), meu pai tinha por capacidade de comprar, de descarnar (o gado), e comprava aquelas costela, tudo a (espinhaçada) do... da armação... do... do gado, pra nós comer... E, mas isso já foi já quase no fim, porque no começo nós fomos mesmo... [] o palmito, a luta do palmito, ele achou que o palmito trazia felicidade, ele largou de tudo aquilo, ponhou nós tudo em cortar palmito. (Sr. Assis/André Lopes)

Quando eu era criança, comia feijão com farinha. Não tinha arroz, feijão, farinha e peixe. A gente não plantava arroz, e comprava arroz de vez em quando, (o pai) ia na cidade comprava e trazia. Mas a gente quase não comia, a gente comia mais é feijão e farinha, peixe, pirão de peixe, marisco, saquiritá, pindá, que fala que é ouriço do mar, é isso que a gente comia. {Vocês também iam pescar, ou só os homens?} Não, meus avós que pescavam, meu avô pescava, meu pai pescava {Só os homens, né?} É, só os homens que pescavam. Isso que a gente comia... Tinha o arroz, mas a gente não ligava muito, porque fazia muito pirão. E café da manhã tinha café de cana, banana cozida, mandioca cozida... {O café de cana era

adoçado com melado?} Não, fazia a garapa, fervia o caldo da cana e depois passa num coador com pó, aí ficava o caldo de cana, não precisava nem adoçar, que a garapa já era doce. {Ah, tá. Esse que é o café de cana?} Café de cana {É, passar a garapa no pó de café mesmo} No pó de café, é muito gostoso {Em vez de fazer com água, faz com a garapa, mas quente?} Quente, passava quente pra dar [] Ficava forte, gostoso. (Dona Maria da Conceição/Caçandoca)

Quando chegava em casa era aquela coisa que a gente tinha que fazer. Almoçava o que tinha, comia o que tinha e ia ajudar minha mãe plantar mandioca, carregar banana, arrancar feijão. Nós tinha uma roça que era lá pra cima da casa do tio Luís, do caçula. Nós morava aqui no bairro alto e daqui nós ia lá pra Raposo, atravessava a Raposo e ia lá pro Saco da Banana, pra um lugar chamado Palmito, onde nós morava também, nós tinha um sitiozinho lá no Palmito. Então, lá que nós ia buscar, atravessava o morro pra ir plantar lá, porque lá que dava bem feijão, que dava bem o milho, porque nós já tinha as coisas plantado lá [...] O que nós tinha pra comer, era norma, arroz ninguém tinha mesmo, era feijão com farinha, era peixe com banana, que agora é prato chique, que agora é azul marinho. E, quando não tinha isso, eu lembro até hoje que nós ia cortar banana, banana verde, e nós tinha um pilão grande, e o Jaja, meu irmão, era apelidado de Jaja, ele era muito guloso, e aí eu cozinhava a banana e eu botava dentro do pilão e o Jaja ia socando a banana, a banana verde, botava água, pra fazer aquela paçoca. E, quando chegou um dia, eu virei tão rápido a água quente, que ele bateu assim no pilão, espirrou tudo nele, no peito dele, coitado. Ele saiu xingando, brigando comigo... Ou casamento ou festa, tudo tinha que ser muita comida, tinha que ser muita comida {Todo mundo ajudava, cada um dava uma coisa}. Na casa da minha vó, quando vinha Folia de Reis, não é de reis não, a Folia do Divino Espírito Santo, era três dias na casa da minha vó, vovó Rosária. Minha vó criava galinha e pato pro ano inteiro, criava o ano inteiro pra comer em três dias, e a minha vó tinha um salão enorme na casa dela, tinha uns quartos pras pessoas que vinham de fora dormir, ficava dois, três dias na casa dela. Enquanto não acabava tudo, ninguém ia embora. Aquilo ali não era duas, três pessoas, era cinquenta, sessenta pessoas. Todo mundo que vinha, almoçava, almoçava e jantava e tomava o café da manhã. Era muita fartura antigamente, era pobreza, mas o pessoal aproveitava muito, porque criava... Tinha galinha, tinha pato, tinha porco, plantava feijão, milho, cana, banana, isso tudo tinha muito, com fartura... A única tradição que a gente nunca deixou de fazer é o doce de mamão, até hoje a gente faz doce de mamão, toda festa que tem... {É um doce de mamão que você vai... não sei se você já comeu aquele fatiado... descasca todo o mamão verde e vai fatiando ele assim, tipo um espelho, e aí é feito aquele caldo de açúcar, calda de açúcar, queima o açúcar. Com mamão verde, porque tem vários tipos de doce, mas esse é bem tradicional aqui.} Esse é o mais tradicional que a gente costuma fazer. E o peixe com banana, que esse aí não pode faltar. {É, o com banana verde.} O azul marinho cozinha a banana



©Silvane Silva

Modelo de armadilha (seu Vandir) - Quilombo Ivaporunduva - Eldorado - SP.

nanica sem casca. A banana a gente faz assim: a gente descasca ela, tem que descascar debaixo da água, pra não ficar com a mão tudo roxa, preta, por causa da cica da banana, então, vai descascando debaixo da água e aí você pega uma panela com água e põe no fogo pra ferver. Aí põe as bananas pra ir cozinhando, aí, depois, você tira a banana e põe no peixe pra cozinhar, naquele caldo da banana. Aí você amassa, deixa uns pedaços pra pessoa saber que é banana. Agora, quando é pra nós, a gente já deixa a banana inteira. Quando é pra vender, assim, fazer pra uma festa, a gente já separa a banana e faz o pirão. Aí amassa a banana já com aquela sobra do peixe, que a gente cozinha a cabeça, aquelas coisas todas, passa na peneira e deixa assim pronta pra fazer o pirão. A gente tempera aquele caldo do pirão com cebola, alho, aquelas coisas todas. Aí faz um pirãozão lá e serve junto com o peixe e o arroz. O caldo de peixe com a banana e as postas do peixe {Ele fica azulado por causa da banana?} Não fica azulado {É que antigamente era feito na panela de ferro, e, aí, aquela fervura, ela ia soltando o azul} Ela ia soltando o azulado, agora a gente faz em panela de alumínio... e o nome é azul marinho, mas agora não fica mais azul, porque a gente não tem mais aquelas panelas. Porque eram umas panelas de ferro que tinham umas tetinhas que ficavam assim, ela tinha uns pontinhos assim, era uma panelona grandona, mas ela tinha uns pontinhos que firmavam ela, que seguravam ela. Então chamava panela de ferro, ela tinha um apoio da própria panela, e

o pessoal cozinhava naquela panela. Então, era aquela panela grandona, enorme assim, então ali é que ela soltava, acho que por causa da tintura da panela também, ela soltava aquele caldo, aí ficava azul marinho, aquele caldo roxo. Tem que comer pra ver como que é. Porque, agora, assim, a gente não tem mais essa panela, então a gente faz na panela comum, então quer dizer que ela não fica com o caldo escuro. {Tem gente que cozinha a banana com casca pro peixe ficar azul.} Sabe o que é o problema? Por que a banana, eu já vi gente fazendo, eu fui provar, ela fica com cica, ela fica peganhosa o pirão por causa da cica da banana. (Dona Rosa Gabriel/Caçandoca)

Conversando sobre cura de doenças e parteiras

As comunidades, em sua maioria, estão localizadas em regiões de difícil acesso. Isso tem a ver com a própria história das origens dos quilombos, que precisavam se instalar em áreas estratégicas. Deste modo, até hoje o poder público ainda é muito ausente nos territórios quilombolas. Postos de saúde são raros e, quando existem, os médicos só aparecem por lá de quinze em quinze dias, ou uma vez por mês. Também é grande a dificuldade para que os quilombolas consigam chegar aos postos e hospitais na cidade. Em caso de partos e doenças, os serviços de parteiras, benzedeadas e das/dos mais velhas/os que sabem o poder das ervas e raízes ainda é utilizado.

Porém, é possível perceber em algumas falas que esta atividade vem diminuindo muito com o passar do tempo. Seja pelo desinteresse das/dos mais jovens em aprender os ofícios curativos das/dos mais velhas/os, seja porque a presença da televisão e das/dos médicas/os da cidade façam acreditar que a cura por meio das ervas e o parto feito por parteiras são coisas perigosas e arriscadas. Porém, em suas lembranças, as/os mais velhas/os falam sobre o grande e intenso conhecimento nas artes da cura e a grande sabedoria e competência das parteiras nas comunidades quilombolas ao longo dos anos.

A partir de sessenta houve alguma repressão. As parteiras já não podiam mais porque se morresse uma mulher na mão da parteira ela podia ser presa, porque não podia e tinha que ir pro hospital. A partir daí começou esse negócio da mulher ir no hospital. Os benzedor, os fazedor de remédio foi chamado de feiticeiro. Diziam que tomassem cuidado com eles que eles eram feiticeiros e por essa razão os mais novo também não quiseram aprender. Ficaram com vergonha de saber aquilo que os mais velhos sabiam. E os mais velho foi morrendo, não foi passando pros mais novo, então essa parte da história também nós perdemos bastante. (Sr. Ditão/Ivaporunduva)

Laura/Galvão: Nós tinha parteira {Eles respondem, eu respondo depois. Eu *memo*, meu *fiô* e minha *fia* primeira foi na mão de parteira, depois pra dentro de Iporanga, mas os três que eu tive aqui, foi tudo daqui. A mãe dela e a irmã da mãe dela, são tudo irmã de *comádi* Jovita, a (Doraci) e a Horácia. Então meus filho, graças a Deus, nasceram na mão deles, eu não tenho do que *reclamar* não {[] foi a minha mãe que fez o parto} {Sua mãe?} {Vai fazer vinte e cinco ano.} Meu filho tem, *tá* com vinte e sete, fez ano [] de fevereiro, foi nascido na mão dela.

Silvane: Vocês ainda [] ou ainda usam remédios daqui mesmo, feito de plantas, chás?

Laura: [] verdade eu não sou assim de levar muito criança em médico não, se eu souber assim o que a criança tem exatamente, assim, eu já costumo fazer o remédio aqui do mato. Caso não sare, aí eu levo pra cidade [] E é muito difícil meus filho usar remédio, graças a Deus. Também, todos eles mamaram. Até o mais pequeno que eu tenho, que vai fazer cinco ano, mamou até quatro ano e onze meses. E o leite materno também, né, ajuda muito a prevenir várias doenças também, né, e aí aqui as mães têm o costume de dar de mamar até a criança enjoar. Igual essa menina que *tava* aqui, que é filha dela, e minha nora, meu netinho ele mama no peito ainda, três anos. {Mama até a hora que quiser.} Até a hora que quiser, depois que enjoou, largou; larga por conta própria, sabe, e eu acho que isso ajuda muito, bastante também, né, a prevenir.

Silvane: Quais são as ervas que vocês ainda usam?

Laura: Eu, assim, dependendo da doença, né, que a criança, quando é gripe, resfriado, a gente usa assim, e bicha também, quando a gente [] de susto, usa poejo, é erva-doce, hortelã, né? Hortelã... É os remédio que mais usa aqui. Tem erva-santa-maria também, que a gente mistura e faz um cozido. {Faz cozido?} É, faz cozido, assim. Chifre, né, de boi, que a gente tira também. {Torra e raspa, né?} É, tem, pode fazer raspado, como que é... torrado, queimado ali, raspa, e cru também, tem duas forma de usar ele. Essa aqui (indicando Dona Jovita) é especialista em remédio pra, como que é... quando a criança *tá* com bicha virada, como que é... bucho virado que fala. Essa aqui é especialista em fazer remédio pra criança, já tem tirado muitas crianças da sepultura. {Ah, é?} É, tem um remédio que ela faz, pra mim mesmo quando eu era criança, quando eu era criança ela fez um remédio. Eu tinha uma dor de estômago insuportável, sabe, e ela fez o remédio assim pra bicha, sei lá. Nossa, só tomar, chegar no estômago, pronto, acabou a dor. E, nossa, era direto, direto. <comentários simultâneos> {[]}

Dona Jovita/Galvão: Agora o mais emocionante foi a menina, que hoje em dia é mãe. *Tuda* vez que eu *óio* nessa menina, glória a Deus [] Fazia quatro mês que os pai levava, ficava internada, vinha embora, levava, ficava internada. A mãe fazia, fez de tudo. Quando o médico despacharam ela, que trouxesse pra casa, pra morrer em casa, ai, uma menininha tão lindinha. Daí eu *tava trabaiano*, não

sei se ele deram, pararam pra [] a balsa ali, pro lado não tem o bananal? Então, eu *tava trabaiano* naquele local ali, *tava* até fazendo uma empreita lá. Daí eles vinham atrás, tinha mandado chamar o pai deles, que *tava trabaiano* lá, que a menina *tava* muito ruim. Eu vim e passei lá pra *oiar* a criança, Jabor tinha [] e eu fiquei dando [] Quando dava aquele negócio no peito dela, ela dava aquele grito, aquele grito, e se jogava no chão, não tinha [] aquele negócio não parava de doer e ela não parava de gritar, era só o que ela fazia, não mamava, não comia. Daí a mãe *tava* em desespero, aí eu peguei... eu já tinha uma prática, sabe, que a minha tia já tinha me ensinado, essa que criou ele. Ela era parteira e ela sabia tudo esses tipo de remédio ela sabia, {Era daqui da comunidade?} história que eu nunca vi, ela era, que essa *muié* sabia, que eu nunca consegui aprender, que ela não me ensinou, que eu nem posso contar esse caso aqui. Uma coisa que eu nunca ouvi falar, nem na mão do médico, essa *muié* sabia fazer. {Como era o nome dela?} Salvou a vida de várias *muié*, era (Celestrina Rodrigues Campo). Essa *muié* nasceu cento e cinquenta e três criança na mão dela, coisa mais maravilhoso do mundo [] (peguei do caderno do marido dela). Daí era o que eu *tava* falando, daí eu vim, vi a situação da criança, aí vim embora. Digo: "Essa criança *tá* []". Aí cheguei na casa de minha tia, que era logo ali na frente, aí falei pra ela, digo: "Aquele criança *tá* com []. Será que, se fizesse aquele remédio que a senhora faz pras criança, será que ela (alivia)?" Aí ela pegou e falou, diz: "*Óia* minha *fia*, eu não faço", porque ela já *tava* com farta de memória, muito esquecida, "Eu não faço porque eu não recordo mais o remédio, mas ocês que sabe, faça, minha *fia*, porque, se Deus o livre a criança morrer, não é o remédio que vai matar". Aí, com aquela conversa dela, eu saí, cheguei lá em casa nem procurei fazer nada, só peguei uma *borsinha* de pano, que nesses tempo não existia *borsa* de *prástico*, saí pro campo, fui juntando, juntando, juntando aqueles mato que eu encontrava. Fui juntando, enchi ela de mato, sabe, eu peguei meus *apareio*, em casa eu tenho de tudo, (tenho até agora), é [], era chifre, tudo essas coisa [], já vivia com a minha pastinha cheia, porque, *quarquer* coisa, já... Aí peguei, trouxe, cheguei cá eu comecei preparar o remédio assim, peguei uma [] comecei preparar aquele remédio tudo, [] vai. Aí a mãe da criança passou assim, oiou "Será que não vai acabar de matar a minha *fia*?" . <risos> Aí eu peguei, *oiéi* nela assim, mas, naquela hora, quase me deu uma vontade de abandonar aquele *trabaio*, mas *quarquer* coisa me falou pra mim "Vai em frente []", aí deixei (a poeira baixar). Peguei, coloquei duas chaleira ferver (com o matagal), assim, aqueles ingrediente tudo, deu certo porque tinha de tudo da minha pasta. Aí, quando essa chaleira ferveu, ali uns vinte minuto, eu com aquela curiosidade, aquela menina gritando <reproduz o grito da menina>, (quase) que saía aquele negócio pra boca dela, aí eu peguei a colher e já esfriei um pouco aquele remédio e dei uma estica. Porque ele tem limite, isso tudo ela ensinava pra gente, quando as bicha *tá* muito atacada que [] aquele remédio. Se a gente puder até por no dedo assim na boca da criança pra bicha ir se abaixando normal, porque se jogar lá dentro dela ela se [] se amarra tudo e mata a criança,

aí tudo, eu tinha medo daquilo. Aí peguei, pinguei um tico na boca dela, mais outra [], que ela não *tava* com muita vontade de engolir nada, e ponhei na cama. Falei: “Agora eu quero ver, meu Deus do céu, que que Deus vai fazer pra nós”. E a menina *tava* com sono e eu tinha essa prática também que ela tinha me falado, ela me contava que, quando a criança, esse é até pra adulto, toma o remédio e dorme, não é pra gente acordar ele, pode deixar porque ele vai relaxar, o remédio vai relaxar []. Essa menina dormiu de seis hora da tarde até quatro hora da madrugada, aquele sono. E eu ali em cima dela: “Meu Senhor amado, será que essa menina vai morrer?”. <risos> A mãe *tava* sem dormir não sei quantos dia, deitou, roncava... Falei pra eles: “Durma ocês que não tem dormido, que eu guento a noite aqui. Deus o livre e guarde se acontecer qualquer coisa, eu chamo você”. Só que, de vez em quando, sondava o pulso da menina {*Tã viva.*}, sondava a barriguinta dela, o coraçãozinho dela... Quando foi quatro hora, aí ela se mexeu um bracinho, puxou as perninha, que ela *tava* bem magrinha, que dava até dó na gente, e abriu os *óio*. Ela nem me reconheceu que eu não era a mãe dela, ela só “Eu quero chá” <imitando a voz da menina>. Aí eu corri lá quietinho, “Fica aí, fica aí, não se mexa”, fui lá, peguei o caneco, esquentei depressa um pouquinho d’água, peguei açúcar, temperei, peguei a bolacha que *tava* assim, trouxe pra ela. Essa menina levantou, comeu três bolacha e bebeu esse chá. Aí agora vem a história do mais *véio*... Digo: “Ai, meu Senhor Jesus Cristo []”, a gente morre, sabia, a gente (faz as coisa, mas a gente morre), de certo ela vai morrer, de certo ela deu esse sinal que *tá mió*, mas de certo vai (piorar). Aquilo comeu minha mente, digo: “Mas não é nada, se Deus quiser []”. Aí eu peguei mais um pouquinho, a mesma *cuié*, e dei pr’ela []. Quando de bem cedo, falei pra *comádi* assim: “Ela acordou de noite, tomou chá, comeu bolacha...”. “Ah, não acredito; ah, não acredito, isso não aconteceu!” Falei “aconteceu sim”. “Não não, essa menina faz três mês que não come nada”. Digo: “É faz três mês porque agora não vai mais fazer”. Quando ela começou com aquela questão ali comigo, a menina acordou lá, acordou e chamou o nome da mãe: “Mãe, quero comida” <imitando a voz da menina>. “Ah, é verdade.” [] “Mas, menina, a Andréa *tá* falando []” Aí ficaram tudo cheio de alegria, sabe; aí, daquele dia em diante, a menina foi só (se desenvolvendo). Jogou umas bicha, sabe, porque o remédio que a gente faz, e o seguinte, temos de beber e tem um que é pra fazer *emprasto* que a gente fala. Aí, se for de erva-doce, com [], mel, coloca aquele *emprasto*, aquela bicha roda tudo pra baixo, sai tudo [] da criança. Essa menina derrubou tocha de bicha, que era o que tinha que sair pra cima, saiu tudo pra baixo. Aí esse causo o *compádi* [] falou: “Nossa, eu não sabia nem o que ele fazia”. Mas é o remédio, a pessoa, é o que a gente *tá* falando aqui, a pessoa, se ele entender, como diz ela ali, a mãe ela conhece tudo o que o filho tem, sabe, se ele *tá* assustado, se ele *tá* com uma febre, de ele *tá* com uma dor de... A mãe tem o direito de examinar seus filho e, naquele de examinar, ela descobre o que que é aquela doença e, naquela doença, ela descobre também quais são os remédio. {Que pode ser usado, né.}

Laura: Mas tem muitos que Deus o livre. Eu tenho uma sobrinha, não cortando o que ela *tava* falando, é, eu tenho uma sobrinha que Deus o livre falar (desses remédio). O filho dela ficava doente, e minha mãe, né, que é parteira, tem muito conhecimento com remédio, ervas medicinais, assim, [] e graças a Deus ela tirou muitas criança da sepultura, Deus o livre, falava pra ela de fazer remédio assim caseiro, “Não, não. Meus filho, os médico já falaram quando ele nasceu que, ficasse doente, não era pra dar remédio daqui do mato, poderia intoxicar, matar”. Minha mãe falou assim: “Nossa, veja aí meus filho. Qual dos meus filho que morreram, a não ser que Deus quis, quisesse, né?”. Que, graças a Deus, quanto a isso, eu nunca tive problema nenhum, que eu nunca fui assim de ir, de dar qualquer coisa, qualquer doença assim nos meus filho, já ir procurar médico, assim, na cidade. Eu sempre procurei fazer os daqui primeiro, que me ensinaram, passaram, pra depois procurar, se caso não fizesse efeito, né. Não melhorasse a criança, eu procurava, assim, um médico, assim, mas é muito difícil eu ir procurar médico assim da cidade. Mas, hoje, então, a minha sobrinha era coisa de outro mundo se falasse isso pra ela, falava: “Não, meus filho não podem tomar remédio daqui, que pode matar meu filho”. Aquela coisa, sabe. Minha mãe falou: “Então se você acha que os médico lá sabe mais do que a gente daqui, que tem a nossa, as nossa experiência, né, quanto a isso, quanto às ervas medicinais [] então fique com eles pra lá e eu fico com o meu conhecimento aqui, né. Eu falo porque eu conheço”.

Dona Esperança/Sapatu: Remédio era só erva, na minha comunidade era só erva {E aqui, também} {Muito} {E quem que era a pessoa que mais sabia remédio?} {Meu pai curava muita gente}

Sr. João/Sapatu: Aqui tinha uns par de curandeiro por aqui. Curandeiro porque ele ensinava aquele remédio...}

Silvane: Fala os nomes...

Dona Esperança: Valdemar Moreira. Ele fazia remédio pra criança, pra susto, pra desejo. O pai dele fazia...

Silvane: Você faz ainda? Você aprendeu com o seu pai?

Sr. Antônio Furquim/Sapatu: Não, a minha mãe ainda faz, não faz igual ele, alguma coisa ela faz ainda [...] não igual ele, porque ele fazia tudo a, uma [...] certinha, por cê fazer errado mata a criança também, né. Então tem que saber fazer, a dosagem certo.

Silvane: Tinha muita parteira?

Sr. Antônio Furquim: Tinha, em Pedro Cubas tinha. Minha mãe mesmo... nós somos em nove irmãos, só uma que ela ganhou no hospital, uma só, e o resto, nasceram tudo lá no sítio mesmo com as parteiras...

Silvane: E quais remédios que, até hoje, vocês ainda têm, assim, quais as plantas?

Dona Esperança: Eu ainda uso... {Qual?} Hortelã, vassourinha, tanchai, jarbão. Esse tanchai eu conheci de pouco tempo, a gente não sabia que tanchai era bom pra febre, pra essas coisas, mas jarbão, erva-doce, *foia* de laranja, quina, tudo era nossos remédios, (capixu), erva-de-macuco, erva-de-bicho, erva-santa, tem a erva-santa-maria. Todos esses remédios eu uso ainda. Cana do brejo, goiaba... Tem várias ainda que eu uso como remédio. Quina, a gente, pra gripe a gente cozinhava três pontinhas de *foia* de laranja e torrava a quina, raspava aqui na banca, torrava, torrava com um pouquinho de sal e colocava naquele chá pra amadurecer a gripe, quando a gente tinha gripe {Era muito bom!} {Picão, né?} Picão também... {Pra hepatite} Tem vários remédios ainda que eu uso, eu não vou pro médico por *quarquer* coisinha {Pra criança, é chifre queimado pra susto, né?} É chifre queimado, pena de galinha, pena de passarinho, tudo a gente usava {Brasa viva} Brasa viva pra tirar susto da criança... {Brasa viva, o que é que é isso?} {Brasa viva é aquela que tá lá no fogo} {Pega a brasa viva e põe no copo d'água e toma a água, por causa do susto da criança}

Eu não tenho os aparelho, mas eu sei fazer! Outra coisa, vou fazer uma pergunta: "Hepatite tem cura? Pra medicina, hoje, hepatite tem cura?". {Não.} Eu curo hepatite! A mulher dele aqui *tava* amarela, eu curei! E remédio simples... remédio aqui do mato, erva... {Vocês podem falar alguma, assim... que vocês, né...} Eu posso, *inté* posso escrever uma hora num papel e trazer... Agora, pra assim, no momento agora, eu posso não *alembra*r de tudo, mas se for pra dar um tempo pra mim escrever e trazer, eu posso até... {Mas dá um exemplo só, assim...} Então, eu uso, pra hepatite eu uso o carrapicho, dos dois, do grande e do miúdo, eu uso capim, que nós conhece por pé-de-galinha, eu uso a (juçara), que nós fala (juçara, aquele) palmitinho novo assado. Eu esmago ele, cozinho tudo junto e, depois, eu pego o (ruibarbo), que é um que vem da farmácia, mistura, é só, não precisa outra coisa. É duas vezes que a pessoa toma e já desaparece o sintoma da hepatite. Deu pra gravar? <risos> {Depois a gente vai escutar e anotar.} É só isso aí, não precisa mais outra coisa... e vai lá pro médico, vai pro isolamento, porque lá não tem cura. (José da Costa/André Lopes)

A minha mãe, se tiver uma pessoa assustado, ela passa a mão [] "esse é susto, essa criança *tá* assustado". Aí ela ia lá, fazia a [] que pro meu filho ela fez, de madrugada meu filho *tava* morrendo, aí eu falei: "Ai meu Deus, vou chamar a minha mãe pra vim fazer um chá pra ele, pra Daniel". Aí eu chamei ela, já pulou – de primeiro era mais difícil pra ir na casa dela –, aí ela: "Que que você... pensa que eu não *tô* escutando essa criança chorando?". Aí eu falei: "Não, ele *tá* ruim mãe, agora ele ficou pior, ele *tá* quase morto, não chora mais, não *guenta* mais chorar...". "Enrola ele e traga aqui!" Saiu no mato, catando mato, catando mato... "Eu não falei...", que eu tinha levado meu filho no médico, né, "Eu não falei que *cê* ia dar remédio que o médico passou e *ocê* ia matar essa criança, eu não falei *pr'ocê*?". E ela tinha falado isso pra mim. Aí foi lá, cozinhou a matarada dela lá, aí foi dando... *Cê* sabe que meu filho jogou bicha o dia inteiro, com aquele

remédio dela? Bicha, saía aquele pacote de bicha. E o médico tinha mandado dá [] pro menino, o menino... {Mata mais depressa.} alvoroçava, assustava... {[] também *tava* assim, ela fez pra ela.} É... o dia inteiro, foi um dia de domingo, aí ele foi melhorando, aí ele fazia <imita a respiração do menino>, aí ela passava a mão na... “Ó, *tá* baixando, *tá* baixando, pegue ele e leve lá pro médico de novo, pr’ocê matar a criança!” <risos> Aí eu fiquei, (amanheci) com ela, aí essa criança foi jogando bicha, jogando bicha, jogando bicha, eu acho que ele jogou quase um quilo de bicha, de tanto...lombriga *memo*, aquela lombrigona! (Sra. Maria da Glória/André Lopes)

João/André Lopes: [] pode falar, que o pessoal sabe aí. Ela, a mãe dela também fazia (meu) remédio, tem outra mulher aqui do lado que faz até agora... tem mais gente que sabe. A turma aqui são meio preguiçoso, mas eles sabem fazer também... É... mas ... ela falava muito de bicha pra cima do forro, até hoje eu *tô* querendo entender isso, pra cima do forro. Aí ela pegava na criança assim, aí ela falava: “Deixa aí”, ela falava: “Deixa a criança aí!”. A criança *tava* (virado), *tava* virado já... a gente olhava e falava “Esse aí?” *tava* tudo mole já... Ela falava “deixa aí, se ele não sarar ele morre!” Aí ela ia lá pro mato, pegava os remédio assim, agora não, porque já *tá* [], mas era cheio de mato assim, cheio de mato em volta da casa dela, ela mora do lado ali... Aí ela ia lá vinha, daqui a pouco ela vinha, olhava na criança. Aí ela tinha chifre de boi, não sei que, [] não sei do que, tudo lá guardado, {Pena... semente de abóbora...} cipó. Como é que chama aquele cipó? Aquele cipó, como é que fala? Cipozinho... {Jarrinha.} É... tudo dependurado lá. Aí ela pegava e fazia aquilo, trazia, aí pegava um pouco de mel, açúcar, passava no [] da criança, aí ela falava: “Já *tá* descendo”. Aí começava assim, ó... *cê* via aquela bola assim, ó... fazia assim. Aí, daqui a pouco, a criança (seguia) o olho assim... “Quer comer?” A criança: “Quero”. Dava comida, daí chamava a mãe pra ir buscar: “Venha buscar seu filho que (já) morreu”. (Chegava), a criança já <faz gesto de que a criança melhora>...

Maria da Glória: [] levou Tiago lá na casa de mãe, eu pensei que Tiago *tava* morto também. Aí ela pegou: “Tia Silvia, acuda meu sobrinho, tia Silvia, que ele *tá* morto, ele *tá* morrendo, tia”. Ela pegava, ficava bem tranquila: “Põe ali, deixa aí, põe aí”, aí corria lá pra cozinha. Daqui a pouco ela fazia aquilo, esfriava rapidinho e foi dando... “Ai, tia Silvia, eu vou lá em casa buscar roupa pra ele, mas ele vai morrer, né, tia Silvia, vai morrer...” Ela falou: “Vai morrer, o quê? Deus não existe, então?”. Aí pegou, deu um chá lá. Daqui a pouco, o menino procurando comida lá, atrás dela... <risos> {Banha de lagarto que usa muito, né?} Banha de lagarto, pele do lagarto... {A pele do lagarto é boa pra dor de barriga.} {Pra pneumonia, pra tétano... Eu tenho um pezinho no quilombo, viu?} <risos>

João: Chegava lá em casa, chegava... ela amanhecia, de manhã cedo, assim, ó... aqui tudo cheio de folha, amarrado assim, [] e aquela folha assim amarrado. Aí a gente olhava pra ela, com medo de perguntar o que que era. “Que é

isso mãe?" "Não amanheci muito bom hoje", ela falava. {Sua mãe?} É, "Não amanheci muito bom...". A gente queria saber, mas não perguntava de medo, né, de perguntar, e ela... aí nós ficava quietinho... Aí fomos descobrir o que que era; era dor, era dor de cabeça, era tontura, era *pobrema* de coisa... Ela *tava* com aquele negócio na cabeça assim... {Ninguém procurava médico nesse tempo... Não tinha médico, era só o remédio (do mato).}

[...]

Maria da Glória/André Lopes: E o (Zé Furquim), quando *tava* morando com a Antonia, irmã de Dita, aí um dia ele chegou cedinho lá em casa... Aí eu digo: "Oi, José". "Eu vim buscar nhá Silvia pra ela ir lá ver. A filha de Antonia morreu, a filha de Antonia *tá* morto." "Mas o que que mamãe vai fazer com a filha..." Aí ela já se endireitou e pra lá [] Daí, chegou lá, a criança *tava* lá... "Deixa eu fazer um chazinho pra ela, pra ver se ela *vorta*..." Aí foi fazendo o chá, a criança foi... De tarde ela *vortou* de lá... Falei: "*Cabou* de morrer a criança, mãe?". "*Tava* morto *memo*, mas graças a Deus *tá* lá vivo já." <risos> [] Então ela da [] de Deus, né. Pena que a minha mãezinha *tá* bem... bem...

[...]Porque o meu mais velho também – como eu vi o antigamente fazendo, minha mãe como fazia –, eu fui pro hospital, naquele tempo a gente tinha que ficar o mês inteiro lá no hospital, aí cheguei lá, ela pegou e falou: "Cê... criança, quando nasce, a gente põe banha de galinha ou banha de lagarto". Eu levei um vidrinho assim, escondido, né, porque... Aí, acabou de nascer meu filho, ele com aquela tosse, com aquela coisa, catei e enfiei no nariz dele. Aí, daqui a pouco, ele começou a jogar aquela sujeirada, sujeirada, assim. Nunca teve bronquite, e os outro tiveram bronquite porque eu nunca pude fazer, que nasceram em (Pariqueira), né. Mas esse que nasceu em Eldorado nunca teve bronquite.

Pedrina/André Lopes: Meu esposo, quando nascia as criancinha, minhas criança, ele que fazia remédio, tratava *pior* do que uma mulher. A comida que ele me fazia, que, naquele tempo, tinha (fineza), né, [] a sopa de frango, né, aquele, tirava... aquele *cardinho* de frango, a gordura da comida, tirava e dava pras criança... Aquele era uma *bença*, meu esposo era muito... [] cuidadoso (com as criança). {Não, hoje não é pra dar nada pra criança, que faz mal...} E ele também fazia remédio bem, bom...

Maria da Glória/André Lopes: A minha tia nasceu, a caçula, irmã da minha mãe. Aí o padraço dela, era primeira filha dele, daí diz que ele ficou muito [] foi lá, pegou essa filha dele, chegou... Diz que assou duas banana. Na hora que nasceu, *ponhou*, diz que amassou bem amassadinho, ele *memo ponhou* na boca dela, cansava de contar isso. Minha tia *tá* viva lá em São Paulo, mora lá. Aí pegou e deu pra ela. Aí, menina, depois cresceu (*esfamiada*), tia Rosária, né, (e falou): "Ah, deu pra comer tudo quanto é coisa" [] "Claro, o seu pai pegou, foi dar banana pr'ocê logo de primeira." <risos> E hoje não pode dar nada, né, ele (olham

torto)... {As criancinha que era pequeninha aquele tempo, nós criava assim, né, as criança...} Fazia sopa de farinha de mandioca e dava pras criança. Pros meu eu não cheguei dar, né, mas nós comemos. A mamãe dava, fazia pra nós comer e dava pras criança, acabava de nascer, eles iam pra roça, enfiava sopa...

Ritos de morte

Nas narrativas dos quilombolas estão presentes algumas memórias sobre a realização de velórios. De acordo com o historiador João José Reis⁴ que pesquisou sobre este tema, em muitas sociedades prevalece a noção de que a realização de rituais funerários adequados é fundamental para a segurança de mortos e vivos. Para protegerem-se e protegerem seus mortos portugueses e africanos produziam elaborados funerais. No catolicismo popular brasileiro, repleto de componentes mágicos, os mortos ganharam ainda mais importância, misturando as culturas africana e portuguesa.

Percebemos nas memórias dos quilombolas sobre os rituais de morte a presença deste componente mágico. Uma das histórias mais contadas se refere ao fato de carregarem o corpo do morto em uma rede ou esteira até o local onde seria enterrado. Os parentes e amigos seguiam com cânticos religiosos. Ninguém deveria ir à frente de quem estava carregando o morto. Os carregadores deveriam ser alternados sem repousar o corpo no chão, pois se acreditava que se o corpo do morto tocasse o chão, aquele local ficaria “assombrado”.

Ela (Maria Merenciana/Chules) gostava muito de rezar em cima de defunto quando morria... O povo aqui morria, a pessoa (aguardava dois, três noite), ela vinha, ela já vinha, aí chega ali... fazendo aqueles velório, né. Aí ela bebia, os outros também bebiam, que não era só ela que bebia na época, né? {Todo mundo bebia} É. Aí, daqui a pouco, eles começavam a (cantar) as reza deles, né, as *inselência* e ela que puxava. Aí chamava... {Cantava aqui que ouvia do outro lado.} É, aí diz que ela ficava... ela que puxava: “Vamos rezar, vamos rezar [] lá em cima do defunto. Ó, daqui a pouco vai ter que tirar esse defunto, ninguém rezou em cima”. Aí diz que ela chamava minha mãe, minhas tia, mais meu pai, as filha dela; todo mundo, naquele tempo, gostava de *tá* ali junto com ela, né... Aí diz que ela rezava, rezava. Aí, quando era de cedinho, cedinho pra sair, porque o defunto, na época, (descia) no escuro, assim, não deixava *crarear* o dia, hoje

4 REIS, João José. *A morte é uma festa: Ritos funerários e revolta popular no Brasil do século XIX*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

enterra *quarquer* hora; não, porque era longe, né, pessoas longe []. Aí eles pegavam... o caixão era feito assim do... aqui, né, e ficava muito pesado pra carregar, né, aí eles tinham que ir cedo pra chegar lá com tempo... Daí ela pegava: “Vamos rezar, vamos rezar”, aí eles começava a rezar pra sair, que... Ali eles ficava rezando. Tinha uma reza que eles falavam assim: “Levantai o corpo morto, *tá* na hora de caminhar <cantando>”, e todo mundo cantando, aquilo não há quem não chorasse, na época. <risos> Todo mundo, minha vó, que era irmão dela, minhas tia toda que era sobrinha dela, minha mãe, os outro, aí tudo eles tinham uma voz muito bonita pra cantar, não é []? {Tinha...} Ela tinha uma voz que era muito... a minha vó, então, era uma coisa tremenda, minha vó cantava, aí minhas tia tudo [], Antonia, minha mãe, que é Silvia, é tudo... Meu pai também gostava de cantar. <risos> Cantava [] aquela *inselência* muito bonita, mas sentida, sentida, que todo mundo chorava. Então ela gostava muito de fazer esse tipo de coisa, recomendação das alma, né, da... como é que chama? {Quaresma.} Na Quaresma, né, na Quaresma eles faziam recomendação, o povo saía lá do centro do Nhunguara – esse moço morava lá na época –, do centro do Nhunguara vinha bater aqui na barra do Nhunguara. Aí eles iam de casa em casa rezando, rezando (aquela reza), aí eles cantavam, cantavam, cantavam aqueles reza dele bonita. Eu, quando era pequena, muito xereta que eu era também, aí quando, daqui a pouco... diz que não era pra gente acordar, né, era pra ficar ali fazendo de conta que *tava* dormindo, eu já pulava, já começava cantar com eles também. <risos> Aí... o finado Salvador, (Joaquim) [] que era o chefe lá, diz que mamãe falava, tia Nega, mãe deles, quando era do tempo deles, que aquilo *tava* tudo... aquelas *moçarada*, tia [], tia Ana, todo mundo diz que saía fazendo aquela... Então tudo isso eu acho muito importante, que hoje não tem mais, não tem mais. Pode morrer quem for, ninguém *tá* nem aí. {Hoje chegou o tempo de morrer um defunto de uma pessoa, dali... de meia-noite pra lá fica até sozinho... Nesse tempo, não, a casa era cheia, anoitecia e amanhecia...} Sete dia ficavam na casa (dormindo), aí enterrava. Um exemplo, hoje cedo, aí o povo vinha tudo, aí tinha almoço, janta ali... ficava ali; “Não, não podemos deixar o defunto sozinho”. {Era sete dia...} Aí, quando era o último dia de completar sete dia, eles faziam mais uma reza, aí deixava o [] sozinho. {Só ia depois da reza de sete dia, né?} Sete dia. Hoje não tem mais isso. Quer dizer, é uma coisa que nós temos que voltar lá atrás pra não perder, né. {E, antigamente, tinha []} {Tinha amor um com outro, hoje não tem amor.} {Falando esse negócio das pessoa ir dormir na casa das pessoas, hoje não tem mais isso...} Não tem! As pessoa visitava [] {Quando as pessoa ia pousar na casa de um, de outro, hoje, quando ia saindo, outro já tratava: “Amanhã o senhor vai pousar lá na minha casa”. Era assim.} {É... sábado.} {“Sábado vai pousar lá na minha casa”, e a pessoa ia...} E ela (tem uma coisa de bom), ela morou no continente, o continente é um lugar bem lá no sertão de Nhunguara, ela morou pra lá. Aí, quando ela sabia que a pessoa *tava* doente, ela vinha visitar. Daqui a pouco, ela sabia que morreu, ela subia lá no bico mais alto que tem, mais alto que isso aí, aí, de lá, ela gritava

<entoando> “Fulano morreu” <risos>, aí todo mundo sabia [] {Ela tinha uma buzina, ela buzinaava.} Aí diz que, depois que ela buzinaava, ela gritava <entoando> “Fulano morreu”, aí tudo mundo já se juntava: “Vamos pra lá” [] {Você lembra a letra da música que você cantou?} Ahn? {Você lembra a letra toda dessa excelência que você cantou agora?} A letra... <risos> só de pouco e pouco {O princípio [] da *inselência*...} Então... aí... o começo era assim <cantando>: “Levantai corpo morto, tá na hora de caminhar, tá na hora de caminhar...”. Diz que isso é pra não deixar (medo), essa era bem curtinha assim, que era a última que eles rezava pra sair, a despedida. Mas tem bastante... {Tem as outra, que cantava à noite, durante a noite.} {Cantava a noite toda.} (Sra. Maria da Glória/André Lopes)

João Mota/Nhunguara: Ah, o ritual era, não é que nem hoje que tem cozeiro, o ritual é o, a própria família, quando morria, tinha, tinha lá o cara que *oiava* o cemitério, falava zelador, que ele fica *oiando*, então a pessoa ia lá, falava com ele, ele marcava um lugar que podia fazer a cova e a própria família tinha de fazer a cova pra enterrar. {Mas carregava de casa pra lá, rezava, cantava, como que era?} Ah, *ponhava* nas costa. {Nas costa mesmo.} Foi feita uma rede de taquara, *ponhava* uma *arça* dos dois lado assim, eram quatro, duas pra frente, duas pra trás, enfiava uma madeira aqui {[]} Isso, isso [] {la cantando, ia rezando?} {Não.} {la em silêncio?} Não, cantava na hora da saída. {É, só a noite.} Isso, a noite inteirinha e a hora de sair de casa pra, *despois* {Depois acabou o barulho} Tinha de ir um na frente, porque... {Sim, mas carregava o corpo na frente, e as pessoas seguindo?}

Laurentino/Nhunguara: Isso. {E se passasse na frente?} Na frente, só esse que ia levando. {E se passasse na frente?} {Podia?} Não tem importância...

João Mota/Nhunguara: Não tinha nada, porque nós passava *memo*, porque ia correndo pra pegar, porque diz que... {Não podia parar} tinha um negócio que diz que não podia parar na estrada porque {Pra descansar?} é, porque diz que ficava assombrado. Então um *bardeava* um pouquinho, outro tinha de correr pra pegar pra não cansar. Diz que, se cansasse {lam revezando a carga.} é, diz que não podia cansar, sei lá que não podia, mas {Falavam, né.} diz que não podia, era uma tradição, né, tinha de respeitar, né.

Laurentino/Nhunguara: Eu sofri muito carregando os outro. {Ah, é?} Daqui a [] quanto dá? Dá uns quatro, três légua? [] dá mais de vinte quilômetro {Carregava tudo isso?} É, nas costa. {Então tinha que ter muita gente pra revezar, né?} É, não era um, dois, é bastante gente. {la trocando, ia trocando.} É, trocava um, *bardeava* uns dez metro, conforme uma pessoa, e é muito inchado, né, é inchado pra andar dez metro...



Trabalhos de alunos da EE Profª Anézia Amorim Martins, que recebe alunos do Quilombo Cangume - Itaoca - SP.

4

Valores civilizatórios



©Acervo NINC/SEE-SP

Muro da EE Cangume localizada dentro do Quilombo Cangume - Itaoca - SP.

Capítulo 4

Valores civilizatórios

Nos depoimentos, percebemos a vivência de valores civilizatórios, tais como a valorização da ancestralidade. Podemos dizer que ancestralidade é uma experiência social de produção de conhecimentos que passam de geração a geração. São as relações que as pessoas têm com a cultura material e espiritual de sua comunidade, práticas sociais de articulação da memória com o presente que engendram e fortalecem a identidade afrobrasileira. História, estórias e memórias compartilhadas que dão sentido à vida comunitária e aos valores compartilhados, tecendo identidades individuais e uma identidade coletiva de uma longa tradição de vida e luta.

O cooperativismo é outro aspecto importante verificado nas narrativas. Falar de quilombolas, comunidades afro-brasileiras, é pensar no coletivo. O que teria acontecido com as/os negras/os no Brasil escravocrata se não tivessem usado da solidariedade, da parceria, das conversas, da cooperação? Solidariedade, parceria, diálogo e cooperação que ainda hoje são armas numa sociedade racista e excludente. Nas falas das/dos quilombolas, percebemos ainda uma energia vital, uma fome de vida, uma vontade de aprender sempre.

Histórias de vida, experiências compartilhadas que nos mostram respeito à vida e ao próximo, entendimento e preservação da natureza, o cuidar de si e do outro.

Em tempos de ódio, preconceitos e violência gratuita, os valores compartilhados e demonstrados nas falas quilombolas têm muito a nos ensinar.

Família e socialização

A família é um conceito muito importante para as comunidades quilombolas. Isso porque os modos quilombolas de ser e de viver são coletivos e porque os laços de parentesco são fortes e são guardados de uma maneira diferente da maioria das pessoas que vivem em grandes centros urbanos. Além disso, os vínculos familiares são fortalecidos pela relação da comu-

nidade quilombola com o território, principalmente no que diz respeito às lutas pela posse da terra. Nos processos jurídicos para a conquista da posse da terra, os/as quilombolas são levados a provar que pertencem às famílias “dos mais antigos” que ali viveram, o que remonta, muitas vezes, a dois, três séculos atrás. É por tudo isso que as/os jovens e as crianças quilombolas geralmente sabem quem foram ou são seus parentes até três ou quatro gerações anteriores, conhecem os nomes e as histórias dos seus avós e bisavós.

Nos quilombos, as relações familiares não se resumem apenas aos familiares mais próximos, estendem-se aos demais membros da comunidade pelo fato de todos partilharem dos mesmos ritos de sociabilidade, trabalho, cultura e da luta pela posse e manutenção do território em que vivem.

Deste modo, podemos perceber nas falas das quilombolas e dos quilombolas a presença e a valorização da história das/dos mais velhas/os e de sua ancestralidade.

Eu acho que a gente aqui (no quilombo) já *tá* num patamar, acho que há anos luz de um aluno que está na escola da cidade. Por exemplo, analisando, os nossos alunos, eles sabem quem é o avô deles, quem é o bisavô, quem era o bisavô. Eu tenho minha bisavó viva até hoje, tem noventa e bolinhas, quase cem já. E, assim, tem aluno na cidade que não sabe quem é o avô. Eu falei: “Gente, como você não sabe quem é o seu avô? Seu avô, ele é pai do seu pai, como que não sabe? Como que pode acontecer isso nesse mundo, que planeta cê vive, dos video games?”. (Luiz Marcos/Liderança jovem/São Pedro)

Então, eu sou Jovita [] França, nascida em mil novecentos e quarenta e três... primeiro de fevereiro de mil novecentos e quarenta e três [] Então, a... pra comemorar o dia dos namorado, é muito, muito, muito importante que namore mesmo bem namorado, mesmo que não seja com acará e nem com lambari <risos>, mas que namore firme (a entrevista foi realizada no dia dos namorados, 12 de junho). Então, o caso do meu casamento, que chegou... o meu casamento, ele começou por essa história da pesca. Que nós dois, como... eu não tinha pai, só tinha mãe, eu precisava ajudar a minha mãe, *trabaiava* diária nas casas onde tinha o serviço. E ele, com a história da perca do pai e a mãe [] acabou sendo filho adotivo desse casal de [] que era [] dele. E eu *trabaiava* lá por mês, por semana, diária, e nosso serviço, como eles trabalhavam com (camarada), eles davam pra nós era socar o pilão, fazer comida pros camarada, eu lavar roupa lá num riozinho – batido na pedra, porque (nesse tempo) não existia máquina –, então eu procurava combinar com ele pra que ele fizesse a comida, e eu fazia aquele serviço que... Por fora, eu nunca gostei de cozinhar, sabe, isso foi o meu *pobrema*. E, quando era dia de domingo, era feriado, a gente pegava... não tinha pra onde ir, não tinha... não ia pra igreja nem nada, aí nós dois pegava a canoa e nós ia pescar.

Aí aconteceu que, um dia que nós fomos pescar, não queria pegar nada no anzol, e eu peguei e fiz essa brincadeira com ele [] fiz essa brincadeira com ele. Se ele pegasse um peixe, jogasse um anzol e pegasse um peixe, eu... quando ele crescesse e eu crescesse, eu casava com ele. Daí ele pegou e jogou, e já beliscou, e ele já pegou também um lambari. Aí eu fiquei meio chateada ali, que ele era criança mesmo, não era de... de eu sortar uma palavra dessa. Mas me veio o (sentido) e eu falei, aí eu reverti de outro modo, aí eu falei: "Então eu jogo o meu anzol. Se eu pegar, aí eu caso, eu confirmo e caso c'ocê quando eu crescer". Aí joguei e peguei acará, aí ficou o namoro de acará com lambari, sabe. E ele guardou aquilo, ele fez de conta que ele não deu valor, mas ele guardou, e eu... Sabe que a menina sempre se *desenvorve* muito mais rápido do que o menino, sabe? Aí, quando eu comecei, uns treze ou catorze anos, eu comecei vacilar com ele, só que nós não sabia que nós *tava* namorando, ele era (assim/simples), sabe, nós *trabaiava*, conversava, *trabaiava* [] aí eu comecei namorar. Aí namorei um rapaz, não deu nada, namorei outro, não deu nada, fui indo, até que completou seis, minha mãe *tava* já tudo preparado pra fazer um casamento pra mim. (De repente) veio uma louca na minha cabeça, digo: "Eu não quero mais casar com ninguém, não, pronto, *cabou*". Aí depois veio outro rapaz falando que queria casar comigo, me pediu em casamento, aí minha mãe já tirou fora, não quis. Aí foi nessa que eu falei no (pé) dele assim, ele já *tava* com uns dezesseis anos mais ou menos, daí eu peguei e falei pra ele, digo: "Eu vou acabar ficando coroa [] eu vou ficar coroa e não quero casar, não vou casar não. Tudo casamento que eu arrumo não dá nada. Eu não vou ficar (feito palhaça)". Aí que ele *arrespondeu* pra mim assim: "Você lembra daquele contrato que nós fizemos aquele dia pescando na canoa? É, aquele que *tá* acontecendo porque se você prometeu casar comigo, por que você fica procurando outro?". Daí eu peguei, não me conformei muito com aquilo, sabe. Aí peguei, quando eu *tava* com dezessete anos, dezoito anos já quase, daí eu pedi pra mamãe que eu ia pro colégio das freiras estudar [] uma senhora [] *tava* arrumando menina pra levar pro colégio e ela me levou eu, fiquei lá. *Derrepentemente*, aparece uma carta lá dele, que ele nem escrever ele sabia, ele pediu pro tio dele escrever, perguntando se eu tinha ido pra lá e tinha esquecido dele. Aí eu mandei outra falando "Eu não esqueci, que a gente não esquece de nada, mas esqueça []", mas ele não esqueceu. Pois acredite, deu certo. Quando eu *vortei*, aí ele me pediu em casamento [], aí foi essa a história do nosso namoro. Mas, pra finalizar, eu vou dizer, graças a bom Deus, porque Deus *tava* *escoiando* pra mim aquilo que era certo, porque eu ganhei na loteria, ganhei. {Quantos anos de casados?} *Tamo* com quarenta e sete, {Benza, Deus.} passando pra quarenta e oito. Em outubro vai completar quarenta e oito anos. {Quase bodas de []} {Quantos filhos?} Tive, entre o que veio normal e de aborto foi quinze, tive sete abortos e oito normal, uma filha e sete filho. Graças a Deus, uma família... Pra pai e mãe nunca souberam dizer um "a" pra pai e mãe, obedece muito mais, se criaram muito bem. Eu não sei educar bem meus filho, mas acho que meus filhos se edu-

caram um pouquinho por eles mesmo. E o pai nunca deu uma chicotada num dos filho, nem pra dar um puxão assim, e os filho respeitam ele mais do que eu que sou mãe, sabe. Eu ainda eles tem alguma coisa pra (fazer), quando eu erro, eles raivam. O pai, quando erra um pouquinho, eles apoiam. <risos> Mas ele nunca raivou com os filhos. Assim, às vezes, por motivo, ele pode dar conselho, mas ele nunca *brabou* com os filhos, e eu também nunca, graças a Deus. Tivemos uma briga sim, nós dois, mas ficou pra história, até já fiz uma história dela, fiz uma música, eu cantei pra ela. {Tem uma música? Conta essa história então!} Eu fiz uma música {Eu não gostei, eu não aprovei a música dela porque ela []} Ah! Não aprovou... (A música é legal pra caramba.) Daí dessa vez nós *briguemos*, já depois que nós *tamo* morando aqui, porque nós morava mais longe do *sítinho* assim. Daí não sei, por uma coisa, parece que [] do nada, nós... ele me empurrou, eu empurrei ele, daqui a pouquinho ele me empurrou, eu caí, aí eu corri, (porque mulher) sempre corre. Eu corri por causa das criança, porque nunca viram aquilo, a criança, quando eles nunca vê o casal brigar, quando ele vê ele, fica ruim. E o [] que já *tava* rapazão quase morreu, se não é a vizinha aqui do meu lado com o filho dela acudir ele, ele não [] nem falar ele falava. Então eu peguei, também saí, pra modo de ele *tronquilizar*. Depois ele *calmou*, ele *tava* com um [] na cabeça, aí *calmou*. Daí eu... aí eu peguei e fiz assim, que a *muié* tem que ser assim, daí o que é que eu fiz, eu peguei e fiquei de mal com ele, sabe. Nós não se falava, nós comia junto, *trabaiava* junto, *vijava* junto, mas nós não se falava. E pra dormir? E pra dormir, a cama era só uma, aí eu deitava com a cara pro canto e ele deitava com a cara pra beirada. (A gente acostumou até agora.) {Como é que é?} Ele dormia com a cara pro canto, eu com a cara pro canto e ele pra beirada, nós não se chegava as (costas um no outro), tudo por causa dessa briga. Aí ficou, ficou, ficou, aí nós não se falava mesmo, mas não é que eu não quisesse falar com ele, eu morria quando eu *tava* ali, eu morria de vontade de dar risada, sabe. Aí, quando foi um dia, quando foi um dia, nós *tava prantando* arroz, assim, ele virava [] pra lá, eu virava pra cá [] não olho pr'ocê, só olhando assim, aí me veio aquela louca na cabeça, sabe, eu peguei fiquei bem de pé assim, sabe: "Perguntaram pra mim, se ainda gosto dele, respondi tenho ódio e morro de amor por... <cantando>". <risos> {No meio da roça.} Na roça. Daí ele virou a cara assim, começou a sorrir pra mim, aí depois *vortamos* pra casa tudo bem <risos>, desse dia em diante começamos dormir abraçado outra vez. *Óia* que deu certo. {Preciso falar pro Leonardo []} Foi a única coisa que me deu na minha cabeça – que era uma *mar querência* boba, já *tava* com cinco meses de *mar querência*. {Ficou cinco meses sem falar?!} Depois, *tava* perto dos meus filho lá de Iguape chegarem em casa, eu vou ficar de *mar* com ele, eles vão pegar no meu pé, daí... {Quando a senhora cantou, o que que ele fez?} Ele olhou *ni* mim e começou rir. <risos> {[]} Então tem coisas que é um fato na vida da gente, marca a vida da gente... Então, como diz, o demônio apronta. A gente tem que cair pro lado de Deus, pra modo de Deus virar aquilo. Eu acho que foi a única solução que eu tive foi can-

tar essa música. {Essa sua história, nos dias de hoje, qualquer caszinho que briga larga de vez, não fica assim de mal...} *Óia*, eu espero em Deus que seja muito aproveitado pra todos os casal. {As pessoas não têm mais essa tolerância de um, né, admitir que errou. Espero que o outro... Aceitar a desculpa do outro... As pessoas são muito imediatistas, assim, brigou, acabou, já arruma outra, né. Aí já é tarde, né...} Mas é verdade, a coisa agora não *tá* mais assim, de nós pra trás... {Muito linda a sua história.} (Dona Jovita/Galvão)

Meu nome é Antonia dos Santos Souza, tenho sessenta e cinco ano, me criei em [], com o vô de Marisa [] Me criei com ele, me ensinou muito, me deu muita educação pra mim. Agradeço a Deus por isso aí, por ele me dar muita educação, me ensinar a trabalhar na roça; coisa que, desde pequeno, ele ensinava nós, a trabalhar na roça. Não tive estudo também, porque nós, naquele tempo, não tinha estudo. Mas ele ensinava nós a trabalhar, ensinava nós a respeitar os outros. Não gostava de nos ver fazendo malcriação com ninguém, que era muito feio aquilo, não existia, aquele tempo, esse negócio de malcriação; ele nem gostava mesmo. Então ele foi um homem que ele criou nós bem criado, então eu agradeço muito a Deus por ele me dar essa educação, essa criação. E eu peço para os meus filho que *sigue* que nem eu, como eu me criei. Eu quero que meus filho *seje* que nem eu. E eu também me criei na roça, trabalhando bastante, desde criança. Gostava muito de dançar, dançar aquela dança que nós dançava, de trocar vassoura, trocar de chapéu. Dançava (mão esquerda), gostava muito de dançar, mas eu adorava dançar. Painho falava de um baile, ah, eu não via a hora de chegar pra mim chegar lá, pra mim dançar, não via aquela hora de chegar pra mim dançar! Então eu agradeço muito a Deus por tudo essas coisa da minha vida, da minha educação, do meu crime... Mas a dança, era uma dança, assim, limpa, bonita, gostosa da gente dançar. Então o meu crime foi esse aí, então eu agradeço muito. Também não tenho minha mãe, que a minha mãe morreu, mas soube me criar, me dar muita educação. Agradeço a Deus por isso, muito obrigado por tudo isso! (Sra. Antonia dos Santos Souza/André Lopes)

Bom dia, eu sou Maria da Glória dos Santos, sou nascida e criada aqui no bairro [] fui trabalhadora na roça, morava num cinco quilômetros daqui da beira da estrada e... (lá no sertão), trabalhava muito na roça, ajudando o meu marido. Plantava arroz, feijão, milho. E tudo o que a gente usava na roça a gente plantava. Criação tinha, é galinha, porco. Então eu trabalhava muito e gostava de trabalhar na roça. Aí, depois, eu tive meus filhos, vieram meus filhos deficiente e eles foram crescendo, precisava levar pro médico e eu não podia ficar mais lá no sertão e vim pra beira da estrada. Então eu moro mais perto da rua por causa dos meus filhos. Hoje... tive quatro filhos e morreu um, só tenho três filhos. Eram dois deficientes, hoje eu tenho um. Mas eu agradeço a Deus porque Deus me deu esses quatro filho. Eu não queria que Deus levasse nenhum, mas não foi do meu querer, foi do agrado d'Ele, mas Deus me deixou um. Eu gosto muito dos meus filho, amo muito meus filho, assim mesmo do jeito que ele é, deficiente, eu amo



muito ele. Com muita luta, eu... graças a Deus, ele estudou; com muita luta, que ele era deficiente, muito doente, mas, graças a Deus, ele terminou o estudo dele, ta aí, graças a Deus... Então, eu também não tive estudo, porque ajudava meus pais na roça. Eu vinha uma semana pra escola e ficava duas ou três semanas sem vim pra escola, então a vida da gente era assim. Aí, depois que eu casei, que tive meus filho, fui morar na beira da estrada, aí eu comecei a estudar de novo. Mas também não terminei o estudo, porque a dificuldade é muita, então não terminei meu estudo... e fiz até a oitava série e parei, não estudei mais... E, agora, não tenho vontade de estudar, acho que não dá pra estudar, então tô parada. Mas, aqui... meu pai educou muito eu, a minha mãe, a educação nossa, antigamente, era uma educação que... assim... pra gente respeitar os mais velhos, saber, assim, receber os mais velhos; e, quando chegava visita em casa, a gente se escondia tudo, ficava escondido lá, parecia um bicho lá na toca. Ficava escondido porque... a gente não queria que os nossos pais passassem vergonha com a gente. Então a gente ficava escondido, pra modo de... Se as vezes a gente chegava perto e falasse alguma coisa, depois a gente apanhava mesmo, (não tinha razão), a gente já apanhava. Então a gente ficava lá só escutando o que os outros *tava* falando. Às vezes, ia brincar e, quando a pessoa chegava e perguntava alguma coisa pra gente, a gente respondia, mas, assim, sem ofender, na educação que o nosso pai deu pra gente. E assim a gente... eu eduquei meus filho também, não tão bem porque hoje em dia as coisa *tá* difícil pra gente educar os filho da gente, e é difícil mesmo. Então, mas, respeitar, graças a Deus, sabe respeitar todo mundo... Eu agradeço a Deus pela educação que meu pai, minha mãe me deu e, assim, eu procuro passar um pouquinho pro meus filho. É isso aí, o que eu tenho pra dizer é isso, muito obrigado e uma boa tarde (Maria da Glória dos Santos/André Lopes)

Meu nome é Marisa, sou filha de (Joaquim Andrade Ribeiro) de Souza e Laudica Ribeiro dos Santos Souza, que é neta da Chules. Então, meu avô morreu com noventa e sete anos, (morando) na casa da minha mãe, e ele, toda a vida, ele comeu comidas só naturalmente. O café dele da manhã era café com leite e farinha de milho e, no almoço, era feijão, farinha e carne seca. A única coisa, se colocasse feijão pra ele, já não ia, porque não gostava! O café dele tinha que ser um café natural. E foi que, bem dizer, ele morreu pela idade, não foi tanto por causa de doença, porque tudo esse tempo que ele teve, ele nunca teve a pressão alta, nunca, assim, teve uma dor de barriga, essas coisa ele nunca teve; a maioria foi de idade. A única coisa que deu foi má circulação na perna dele, que ele não conseguiu andar, porque ele *tava* velhinho, então teve que amputar um perna. Mas ele morreu foi por causa disso, quando ele sentiu que não *tava* sentindo a perna, que tinham cortado a perna dele, aí foi o final da vida dele... Mas toda a vida ele trabalhou, e a educação que ele passou pra minha mãe, minha mãe passou pra nós. Meu pai... nós tomava muito café de garapa, meu pai fazia muita rapadura também, aprendi a fazer rapadura com o meu pai, aprendi trabalhar na roça foi com meu pai. Eu, pra dizer que eu não sei, eu sei carpir, sei plantar... só a única coisa que eu não sei é roçar. Isso eu não sei mesmo, se falar pra mim, vamos roçar, eu não

sei; mas outra coisa eu sei fazer. Mas tudo eu dou graças a Deus que foi eles que me ensinaram. Se um dia eu sair do meu serviço, me aposentar, que eu já *tô* esse ano, já *tô* pendurando as chuteiras, se eu me aposentar, aí eu vou trabalhar na roça de novo, porque eu sei trabalhar. Então eu espero que Deus me dê muita força pra mim poder seguir a minha tradição antiga que tinha, a cultura antiga que tinha... Graças a Deus, meus filho a mesma coisa – que, como a colega falou da educação dos filho – meus filho, pode ser parente, não ser, eles chega: “Bença tio, bença tia, bença vó, bença mãe”. Porque eu falo pra eles: “Não são seu tio, não são nada, mas, pelo menos, a educação *tá* em primeiro lugar”, porque hoje em dia a educação acho que vai longe. Agora, eu não gosto que deles serem malcriado, porque olha, é uma tristeza pra gente ter filho rebelde, filho malcriado é grande vergonha pra vida da gente. Então, o que eu puder ensinar pros meus filho, eu ensino. São muito religioso, são criança de casa pra igreja, vão às farras deles, mas, o negócio de ir pra igreja, isso *tá* em primeiro lugar pra eles. Então eu agradeço vocês [] no que depender de mim com ajuda, alguma coisa, eu *tô* disposta, *tã*? (Dona Marisa/André Lopes)

Conversando sobre Maria Chules Princesa

Uma personagem importante na história das comunidades da região de Eldorado principalmente, André Lopes, é a quilombola Maria Merenciana, ou Maria Antônia Chules Princesa. Este nome foi escolhido, por meio de votação, para batizar a primeira escola quilombola do Estado de São Paulo, com atendimento do Ensino Fundamental e Médio. A Escola Estadual Maria Antônia Chules Princesa está localizada em terras do quilombo André Lopes e recebe alunas/os dessa comunidade e das comunidades do entorno: Ivaporunduva, Galvão, Sapatu, Nhunguara e São Pedro.

Existe um certo mistério em torno do nome dessa personagem. Nas conversas realizadas com as/os moradoras/es das comunidades, esse nome aparece de diversas maneiras. Na maioria das vezes, referem-se à personagem como “Maria Merenciana”. Não souberam dizer de onde veio o nome “Chules” e nem porque foi acrescentado ao nome da escola a denominação “Princesa”. No entanto, este foi o nome que batizou a escola, inaugurada em 2005. Seria interessante ouvir outras pessoas mais velhas, para encontrar alguém que saiba de onde veio o nome. Ouvir outras versões da história.

Bom, a Maria Emerenciana... Maria Emerenciana Furquim... Maria Emerenciana Furquim, eles trocaram o nome dela, {Trocaram o nome?} Maria Chules... {Mas existiu esse nome? Isso que eu queria saber.} Existiu, o nome de (tia) Emerenciana. [] {Porque eu lembro na escolha, no dia da escolha do nome da escola, a senhora *tava* nesse dia, não lembra?} Não. {A senhora *tava* sim} Eu *tive* na fundação da escola [] lá na fundação, nós fizemos várias reunião e, depois, pra escolher



Escola Estadual Maria Antônia Chules Princesa localizada dentro do Quilombo André Lopes, atende alunas/os de outros quilombos da região - Eldorado - SP.

um (autor), Furquim. Aí foi votado em cinco pessoa, daí a Emerenciana ganhou, que nós queria que ganhasse o Bernardo Furquim ou o José Furquim, que tinha, que eles falava nele (o povo de Ivaporunduva). Mas daí, como o Nhunguara *tava* em peso, daí Emerenciana ganhou [] {Mas, na verdade, ela era do Nhunguara?} Ela não, ela era filha do Bernardo Furquim, Emerenciana era filha de Bernardo Furquim, irmã do meu avô Graciano Furquim. Só que ela casou, o caso dela pegar esse Chules, ela casou com um homem lá que tinha apelido de... {Chouriço?} {Nós já ouvimos em algum lugar essa história.} Era Pedro Chouriço o marido dela {Então, na verdade, era Maria Chules de "chouriço"?} É, Chules de "chouriço". Daí, até nisso, eu falei pra eles, o certo é, é que a gente fala a assembleia, mas o que vale é a maioria, né. Digo: "Eu acho que dá pra colocar a escola nela, já que ela ganhou, mas colocar, assim, o nome dela local, Maria Emerenciana Furquim", porque ali é o (detalhe) mais caro. Daí, depois, quando foram fazer essa, acho que foi esse dia que você *tá* falando, eles mudaram. {Colocaram o apelido.} Aí eles colocaram a história dela... {Esse Princesa também foi...?} Princesa também... (Dona Jovita, Galvão)

Conversando sobre Pedro Cubas

Outro personagem histórico importante para as comunidades da região de Eldorado foi Pedro Cubas.

Então, Pedro Cubas foi um rapaz, né, um quilombo que lutou muito por esse lugar, o pai dele chamava Joaquim Marinho. Um negócio, assim, e na época daquela luta, tudo, esse Joaquim Marinho já estava velho e passou pra esse jovem, né, que demonstrava, assim, bastante agilidade, né, e ele passou: “Ó, meu filho, não *guento* mais, já *tô* velho, vocês tomem conta”. Igual nós fazemos até hoje; quando nós *tamo* ficando velho, a gente vai passando a responsabilidade pros mais jovem. Então, “Vocês têm que assumir, irem assumindo”, e assim vem funcionando, até hoje, dessa maneira. E esse Pedro Cubas, ele ficou, né, fez bastante amizade com os outros quilombo, tipo São Pedro, Galvão, Ivaporunduva, que era tudo do mesmo fundador, né, Joaquim Marinho. Tudo o mesmo, que ele andava pelo mato, chegava num lugar e já formava uma família, né, e ali ficava. E nós somos tudo descendente dele, tanto Galvão, como São Pedro, como Ivaporunduva e os dois Pedro Cubas. E aí ele fez uma, juntou todo mundo, vamos fazer um movimento, vamos, porque eles iam pra cidade e não podia, era por rio que ia, né, eles não podiam trocar a mercadoria deles em (Xiririca), que hoje é Eldorado, aí ficava aquela situação. Aí, quando eles *tavam* bem sossegados, chegava alguém da mesma turma deles e falava assim “Ó, tal dia vocês vão ter um invasão aqui”. Aí, tipo, ali da vilinha, eles mudavam pra cá, iam mudando, né, até que foi embora lá pra cima, lá tem os bairro, [] Grande, Casa da Pedra, Pouso Morro, onde eles ficaram na época, e até que eles juntaram uma boa turma. “Nós *tamo* cansado disso, nós não vamos mais admitir que eles chegue.” Eles escondiam as mulheres e ficavam na retaguarda, né. As mulheres iam pra outro canto, eles deixavam as mães com as crianças pra lá, e os homens ficavam aguardando a chegada deles, dos branco, que chegavam tudo a cavalo, aí tocavam fogo na casa deles, essas coisa tudo. E esse Pedro que foi, entre, *craro* que a gente sabe que ficou, teve muitos outros, né, mas esse que ficou na história, porque ele juntou mais grupo, reuniu pessoas de São Pedro, pessoas não sei aonde, dali, “Vamos ficar aqui, se ele vier”. Aí tinha um adivinhão, na época, que ele subia num pau muito alto que tinha aí no morro, que até hoje existe, o pau não existe mais, mas o lugar, né, que chamava um pau muito alto, em forma, ele tinha um galho, diz que assim, assim, parece uma cruz, e ele subia nesse pau muito alto e lá ele adivinhava que tal dia ia ter uma invasão. E pro incrível que apareça, havia, sabe, essa invasão. {Como que era o nome desse adivinhão?} Então, ele era, agora eu esqueci o nome dele, é... {Depois aparece o nome.} depois aparece. E aí acreditavam no que ele falava porque dava certo, né. E nessa época houve mesmo, no dia que ele falou, aconteceu a invasão. Veio muitos cavaleiros de Apiaí, de

outros lugares aí, pra acabar com eles; aí eles já sabiam, que o homem já tinha dado a coordenada. "(Vamos fazer um *baiá*) assim, assim, assim." E, como eles não tinham arma, era só a *frecha* mesmo, o bodoque, que eles falam, né, o bodoque e o *baiá*, aí eles armaram o *baiá* num lugar grande, aonde tinha tipo a porteira – lá em cima ainda tem todo o local, nós temos o local lá e até limpo, até hoje –, e eles armaram um *baiá* na porteira. Conforme os cavaleiro foram entrar, a porteira já *tava* aberta, né, eles já desarmaram lá, o *baiá* caiu em cima dos cavaleiro, e eles tinham posto aquelas ponta de madeira, como uma lança, aí matou muitos cavaleiro, muitos cavalo mesmo, né. E assim eles conseguiram matar muitas pessoa dos branco de cavalo que chegaram, conseguiram evitar essa tragédia lá no local deles, né. E aí demorou ainda mais de cem anos pra ser reconhecido isso daí, né, essa vitória dos negros neste lugar. Teve outros em outros lugares, mas aqui, devido à história desse menino, ficou Pedro Cubas, que ele chamava Pedro, né, Cuba porque, segundo os nossos mais velho, meu avô (Cesarino), ele falava que esse Pedro era o escravo que tinha passado por Cuba, né. Diz que em Cuba também houve muitas, não sei... E ele, trouxeram ele de Cuba pra cá, ele ficou, só conheciam ele como Pedro, como ele veio de Cuba, ele e outros monte, e eles eram líderes também, provável, de lá, eles continuaram chamando Pedro Cubas pra ele. Aí, quando chegou aqui, deram o nome do rio aí, depois dessa batalha, o rio Pedro Cubas, em homenagem a ele. {Esse rio que a gente passa aqui.} É, esse rio Pedro Cubas, por isso o bairro e o rio chama Pedro Cubas, por causa dele. E assim mais ou menos a história, né. E aí nesse pau, onde o adivinhão falava, eles montaram um cruzeiro muito grande, né, que, até hoje, hoje nós não fazemos mais isso porque o fazendeiro derrubou, né, mas tinha uma cruz que, no Dia da Santa Cruz, parece que é dia treze de maio, um negócio assim, Dia de Santa Cruz, aí a gente, nossos pais faziam festa e vinha todas as comunidade aqui. Vinha de longe pra fazer essa festa grande lá no cruzeiro, no dia da Santa Cruz. E aí a gente perdeu, é um dos resgates que a gente quer fazer agora é resgatar esse local, né, que *tá* na mão do fazendeiro. A gente quer conversar com ele, que ele não mora nem aí mais, diz que ele arrenda, né, pra ver se a gente consegue um espacinho pelo menos, pra levantar essa história nossa. E essa Santa Cruz também, tem a história que eles vinham de lá de Batatal, atravessava Barra do Braço, Itapiúna. Eles vinham pra cá, atravessavam os cavalo tudo nadando, boi, quem ia levar boi pra Apiaí, eles iam tudo por aqui, né, boi, porco, tudo peado, né. Eles passavam por caminho nosso aqui pra ir serra acima pra lá, pra sair em Apiaí [] aqueles lugar pra lá, era negociado tudo por aqui, pelo nosso caminho. Então, quando eles chegavam no cruzeiro, era um ponto estratégico pra eles. Quando eles chegavam nesse morro, eles iam orar, rezar, agradecer a Deus que eles tinham chegado lá com saúde <interrupção> (Dona Diva/Pedro Cubas)

Terra

Historicamente, a democratização da posse da terra foi dificultada no Brasil com a criação da Lei de Terras nº 601, de 1850. Essa lei foi regulamentada, mais tarde, pelo Decreto-lei nº 1318, de 30 de janeiro de 1854. Desde então, somente por meio da compra se podia adquirir a terra, valorizando as terras devolutas (não ocupadas) de acordo com as terras particulares e inviabilizando sua compra pelo trabalhador rural.

A Lei de Terras impediu que imigrantes, trabalhadoras/es pobres e negras/os livres se tornassem proprietárias/os rurais, ocupando a imensidão de terras livres da fronteira agrícola. As/Os negras/os livres que tivessem comprado, recebido em doação ou herdado terras foram expulsas/os de seus territórios, retomando a luta histórica pelo acesso à terra.

Conheça algumas instituições que trabalham no reconhecimento e na regularização das terras quilombolas:

- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra)
- Fundação Palmares
- Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp)

“O decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003, regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais transitórias. A partir do Decreto 4883/03 ficou transferida do Ministério da Cultura para o Incra a competência para a delimitação das terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como a determinação de suas demarcações e titulações.”

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). Etapas da regularização quilombola. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/estrutura-fundaria/quilombolas>>. Acesso em: 3 mar. 2014

“Quilombolas são descendentes de africanos escravizados que mantêm tradições culturais, de subsistência e religiosas ao longo dos séculos. E uma das funções da Fundação Cultural Palmares é formalizar a existência destas comunidades, assessorá-las juridicamente e desenvolver projetos, programas e políticas públicas de acesso à cidadania. Mais de 1.500 comunidades espalhadas pelo território nacional são certificadas pela Palmares.”

Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/quilombola/>>. Acesso em: 3 mar. 2014.

“A Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp) é a entidade responsável por planejar e executar as políticas agrária e fundiária do Estado de São Paulo e pelo reconhecimento das Comunidades de Quilombos. É vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania.

Seu trabalho ocorre no âmbito estadual, promovendo a democratização do acesso à terra, em benefício de posseiros, quilombolas, trabalhadores rurais sem-terra ou com pouca terra, além de implementar políticas de desenvolvimento sustentável para as comunidades com as quais atua, numa perspectiva de resgate da cidadania, com vistas ao desenvolvimento humano, social e econômico.”

Disponível em: <<http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/instituicao/quemsomos.aspx>>. Acesso em: 14 jun 2014.

Dona Jovita: *Óia*, sobre a luta da terra... a gente até que tem bastante coisa pra falar, sabe, mas a gente cita aí os ponto importante: que a terra é a nossa vida, sem a terra nada posso conseguir. E *drento* dessa luta que a gente *tá* lutando já há quase quarenta ano quase – porque não é agora que a gente começou – a gente *tá* nessa luta há muito tempo através dos conflito... É o conflito, o conflito foi que fez a gente abrir a mente pra lutar pelo direito da gente. E a gente vem lutando lutando lutando. Até que *tá* sendo bom, porque pelo *meno* ainda *tá*, o governo *tá* reconhece o nosso direito, a gente já chegou ao ponto de titular as terra, a associação já tem os seus título. Só o que *tá* difícil, difícil ainda pra nós aqui é a indivisação, porque a gente fez um trabalho com o governo, eu digo com o governo porque se é ele que manda tudo, a gente tem que falar logo nele e as [] de trabalho, eu não tenho (não entendo nada), vai ver que é por isso também que eles são camarada, sabe. Daí a gente fez, lutou [] alertando que a gente não tinha terra pra *trabaiar* não tinha terra pra *trabaiar*. Muitas vezes a pessoa chega aqui, [] Agora, né, cês dão uma olhada numa campa, cês acham que nós *tamo* sorte. Tem uma largura assim, mas não temos nada, nós *tamo* aqui circulado, só um (ovinho) que tem o seu direitinho aqui, daquele que restou pra nós. Mas você olha dali pra lá, aquele lugar tão bonito que foi morador de gente, ó... muitos séculos, teve muitas atividade, nós não podemos mexer com ele, porque *tá* na mão do fazendeiro, e aí tem que respeitar, né. Porque, quando houve o conflito, a gente *tava* inocente, mas agora, se a gente *memo* criar um conflito, se for mexer, sem o governo fazer o que é preciso, sabe, porque... eu sou uma pessoa que tudo tempo eu falei isso, desde que eu entrei na luta eu falei isso, eu não tiro o direito de nós, mas também não tiro o direito dos fazendeiro. Porque o fazendeiro, ele comprou, ele pagou, ele lutou, ele teve despesa dentro daquilo ali. Então essa parte, se o governo entrou com essa lei, isso aí pertence ao governo, não pertence? É o governo que tem que indenizar e pagar eles e pegar a terra e dar pra nós, como ele prometeu. Apesar de que o que prometeu morreu, mas ficou outro no lugar dele e... tem essas coisa pra nós, mas do que *tava*, do que era do que *tava*, a gente já *tá* se sentindo mais feliz, porque devagarinho ele *tá* indo... Esperamos, eu não sei – porque eu já *tô* com sessenta e oito ano, eu não sei quantos tempo eu vou viver – mas espero (que dê certo) essa indenização todo mundo, pro povo ter lugar. E aqui na nossa comunidade, pra falar bem a verdade, a pessoa não tem lugar de *trabaiar* ainda não, um serviço...

Silvane: Quando a senhora diz “foi quando houve o conflito que a gente acordou pras coisas”, a senhora *tá* falando de quando? De que época, que houve esse conflito?

Dona Jovita: De mil novecentos e sessenta e nove pra cá, mil novecentos e sessenta e sete que a gente foi, ainda *tava* dormindo, foi em sessenta e sete, dez ano...

Sergio: Por que aí começaram ocupar as terra aqui, fazendeiro começou a ocupar as terra, foi isso? E tentar tirar vocês daqui?

Dona Jovita: Nós *fiqemos* só numa *beiradica* assim que nós tinha [] {É o jagunço, tinha jagunços, né?} (Despeito) feio, porque o fazendeiro, quando ele chegou, nós *tava* despercebido. Foi o seguinte... Eu acho que eu posso contar a história aqui? {Claro, deve.} Em sessenta e nove, teve aquela lei da... do lote, sabe [] Aí, cada proprietário tirava o lote, e nós, aqui, tudo mundo tirou seu lotinho de dez *arqueire*, que era a lei, tudo em paz. Só que os antigo, os mais *véio* antigo, eles tinham uma crítica aqui *drento* da comunidade por [] era os [] e os [], né, no cartório tem a briga dos (Furquim) e dos [] Aí começaram a brigar por causa de uma *arinha* de terra que eles tinham ali. Depois, parece que em quarenta e três, eles foram pra justiça. Aí o advogado deu a (preferência) pro Furquim, que era a minoria. Acho que foi uma senhora de idade que vendeu catorze hectares de terra pra um senhor aí do (Castelhano) que era um grande... rico, sabe, é o rico maior que tinha no vale do Ribeira, e (ele) começou grilar tudo. Mas nós, de nossa idade, nós *tava* em paz, sabe, porque nós não sabia de nada. Apenas eu sabia da venda da terra, sabia do que já tinha acontecido, porque esse (tio), ele era coordenador do São Pedro, ele tinha o livro de tudo que acontecia, e o Antônio [] tinha também, então dentro daqueles livros *tava* tudo escrito aquelas coisa que *tava* se passando. Então eu já sabia, porque eu parava muito lá e eu também era muito exibida de conversar com aquelas gente mais *véia*, sabe, eu sempre tirava alguma coisa deles. Aí ficou, mas ninguém esperava que ia acontecer isso, sabe. Daí, depois, quando entrou, quando veio a lei do lote, por isso que eles pegaram, vieram onze homem de lá, dessa comunidade, cada qual com uma foice, pra tirar mil e oitocentos *arqueires* que era, que é um sítio chamado Tiatã, pra vender, assim [] e tinha bastante proprietário morando lá na área. Aí eles não concordaram, aí eles falaram: “Óia, a lei que o governo deu é de tirar dos proprietário o que eles vão tirar”. Agora, pra tirar a pessoa de outro lugar, o governo [] houve uma briga [] mas daí a lei venceu. Aí tudo mundo tinha seu lote aqui, a gente viveu muito bem com essa mania de lote, era um respeito. Só que o que que aconteceu também... daí uma mulher que eu conheço, também a *fâmia* tudo dela eu conheço... conheço tudo eles, aí também não esperava que eles pudessem fazer isso... Como eles não puderam tirar por cheio, ela pegou, fez uma *praca* e colocou em (São Paulo): “Vende-se um sítio chamado Tiatã”. Teve uma pessoa, amiga minha, que foi lá e (comprou/copiou): “Vende-se o sítio Tiatã, mil e oitocentos *arqueire*, em tal lugar”. Aí tudo passava e lia aquilo, lia aquela *praca*. Aí, quando foi um dia, veio um senhor, até me lembro o nome dele, um homem esquisito sabe, mais uns dois. Aí eu *tava* indo *trabaiar*, seis horas da manhã, *encontremos* com esses homem, aí eles falaram pra mim: “Dona, a senhora me dê conta pra mim onde é o sítio Tiatã?”. Aí eu falei: “É ali pra frente”, digo, “mas o senhor *tá* interessado nele, então o senhor corte ali na casa de um senhor que tem ali, um *véinho* que tem ali, e eles dão uma *expricação* pro senhor”, daí eles cortaram e tiraram informação. Aí o cara falou: “Esse sítio, eu conheço a história dele, e tem muito proprietário, ele pertence a nós que somos (Furquim)”. Aí eles

vortaram, desistiram. Quando deu oito dia, veio outros três com a mesma história, aí foi falado. *Vortaram* e *vortaram* [] Aí, quando deu uns oito, quinze dia, outra vez [] quando ele foi embora que ele *vortou* outra vez, chegou lá, tinha um tio dela, morava perto dela, assim. Porque a mãe tinha vendido, né, a mãe tinha já assinado, já tinha recebido a parte dela, que ela uma das herdeira de duas parte: dos Furquim e do []. Daí ele pegou, botou fogo na casa do coitado, cheio de lavoura, *pia* de arroz, *pia* de milho, queimou tudo. Aí nós abrimos os olhos [] Daí um maluquinho da São Pedro pegou [] botou fogo outro dia no barraco dele. Só que isso não foi pra justiça, se fosse pra justiça nós ia [], mas eles fizeram, *trabaiaram*, *trabaiaram*, *trabaiaram*, colocaram gado [] pegou nome errado por causa disso [] nossos filho não podiam estudar pra lá, nós pedimos pra fazer essa escola aí pros nossos filho estudarem aqui. Daí o rapaz não sabia, colocou Galvão, aqui é (Barra) de São Pedro, é um pedaço do São Pedro. {Quem colocou o nome?} Daí o que que aconteceu... {Quem colocou o nome, ela falou.} {Quem que colocou de bairro Galvão?} Ah, foi o rapaz que *tava* coordenando o serviço aqui, ele não tirou dica com ninguém. {Ele pôs o nome que ele quis, assim?} *Ponhou*, porque tem um sítio que nós *trabaiamos* nele que é chamado Carvão, porque foi aonde os nossos avô queimaram muito carvão, (então colocaram aquele apelido), os mais *véio*, aí ele pensou que era tudo sítio, o nome do sítio, o nome do sítio mesmo é Barra de São Pedro, isso eu fui buscar até em Iporanga no cartório, pra poder fazer o estatuto... Daí, o que aconteceu, daí nós *comecemos* com aquela luta. Só que, daquela vez em diante, de mil novecentos e setenta, setenta e cinco, aquelas coisa foi crescendo, crescendo, crescendo, a gente foi abandonando tudo, jogando tudo, a gente foi largando de *trabaiar*, porque não *tava* mais aguentando aquela questão. Não era não aguentar, a gente não queria encarar, porque tinha muita gente de fora, e a gente não tinha conhecimento com aquelas pessoa. Aí, quando foi um dia, a história mais linda que eu sempre aviso o meu povo [] nós tivemos um aviso, um comunicado, que vinha (doze do Estado) aqui, conversar com nós, um federal e outro estadual. E nós tinha uma igreja lá embaixo, no peito do morro ali, quando tem as casa parecida ali, ali era nossa igreja, e essa daqui, mudou aqui, donde nós fazia reunião também. Aí foi feita uma *runião*, mas teve gente pra caramba, parece que era pra tudo o povo se ferrar. Aí ficou, aí eles chegaram, tiraram tudo que já tinha se passado e diziam pra nós que, que esse fazendeiro ia se ferrar com eles, eles iam botar isso pra justiça. Naquela, o líder, que não era eu, era lá do São Pedro, se alarmou: “Ó, a gente já fez isso, fez aquilo”, [] nós, com aquela coragem [] Agora é a hora que nós se *sarvamos*: daí [] ela tinha ido a Eldorado fazer compra e, quando ela comprou aquelas barra de sabão que eram embrulhada num jornal assim, aí ela chegou em casa, ela pegou aquele jornal pra fazer fogo de manhã, fazer aquele fogo de manhã e, antes de riscar o palito de fósforo, ela olhou numa letra, *tava* escrito “São Pedro”. Aí ela jogou, abriu o jornal e começou a ler []. Aí ela pegou, guardou e trouxe pro líder, que era Joaquim [] de Almeida, trouxe pra ele. E ele guardou e, nesse dia da *runião*, ele *tava* com ele

no *borso*. Aí os cara começaram conversar – porque eu sou boba, sabe, eu fico ali no meio do povo, mas eu não sei o que é que eu faço, eu sempre fiquei do ladinho –, tinha a janela assim, os dois ficaram na janela [] nós *tava* alegre, até bate-mos *parminha*. “Nossa, nós nunca vimos um deputado federal, um deputado estadual”, <risos> e nós *tá* tendo essa honra. Nós *abracemos* ele pra caramba, minha fia. Aí, nisso, eles *tava* na janela, só que eu encostei *anssim* por fora, eu gosto muito de ficar assim meio (disfarce), sabe, {Isso foi na igreja, né?} foi na igreja, eles começaram falar baixinho um pra outro: “Nossa, mas este rio, pro que nós queremos, dá certinho. Este rio é uma maravilha, vai dar uma usina (daquelas) mais famosa, porque o rio []”, e eu escutei. Quando falaram em usina, eu não sabia o que que era isso, eu não tinha nada [] eu só *tava* acompanhando o povo, mas eu não tinha uma noção, falei: “O que será essa usina? Será que é barragem, será que é alguma coisa?”. Digo, “Eles vão fazer pra nós isso aí, vão fazer pra nós”. <risos> Eu comecei sonhar [], aí, esse compadre Joaquim chegou, puxou esse jornalzinho, falou: “Ô, doutor”, nós não chamava assim senhor, a gente falava no mais alto: “Ô, doutor deputado, o senhor...” <risos> “eu *tô* com um jornal aqui, o senhor não *explica* pra mim por caridade, esse é do fazendeiro que *tá* fazendo esse mal pra nós, vai fazer...”. Aí o cara pegou, o Benedito, “O senhor sabe, isso aqui é feito lá no meu escritório,” <risos>, falou, “este aqui é feito lá no meu escritório.”. E, lá, ninguém se tocou nada também, ninguém ligou, só leu, *devorveu* pro compadre Joaquim, falou essa conversa e marcou com nós. Quinta-feira nós tinha que *tá* em Eldorado urgentemente pra fazer o papel, uma *foia* assim, com documento de casamento, de filho, de tudo. Por isso que eu tenho medo de certas coisa... Aí sai minhas irmã, meus irmão, pelo amor de Deus, eu vou contar pro senhor, de tão alegre, que a gente pensou que era alguma coisa de valor, eu *tava* em casa sozinho, fazia um mês que Jabor *tava* trabalhando lá no Praia Grande, eu *tava* sozinho, só com meus filho, sem dinheiro pra comprar nada, nós comprava a prazo... Mas eu corri, “Não, eu vou correr atrás de empréstimo de dinheiro”, mas corri. Emprestei cinco *mir réis*, que meu papel de casamento ainda *tava* (sem retirar) das []. (Penso), é quinta-feira, segunda-feira, terça-feira, corri [] peguei meu papel do casamento, *vortei*, com cinco *mir réis* eu fiz uma (vila) dos caramba. E toda essa gente aqui numa agitação; coitado de Anísio, o ônibus de Anísio, assim mesmo chacoalhando, chacoalhando levou nós tudo, São Pedro lá, tudo, no São Pedro ficaram (dois homem) ficaram, pra nossa salvação, aí eu estranhei [] só Deus lá no céu. Até uma irmã religiosa, falsa, traiu nós; ela era (em forma) de uma irmã, mas ela *tava* por dentro daquilo, {Era informante, levava as informações.} ela *tava* apoiando. Nós nunca (perdoamos). {Quem que é ela?} Uma *tar* de Doraci, [] {A tal Doraci lá, que apareceu e (sumiu)?} que, por *curpa* dela, quase mataram o Carlinho. {Dentro da igreja, né?} Eu que impedi, porque quem ia tomar o tiro era eu, mas eu fiz pra defender tudo lá. Se matasse eu, <som que da ideia de desdém>, pouco me lixava, mas, se matasse o fazendeiro ou matasse o padre [] Mas quase que aconteceu isso. Aí, o que que aconteceu, daí nós fomos, *chegemos* lá,

essa freira *tava* na porta do salão lá, do mesmo modo que ela fez aí, ficou na porta do salão. E nós ia lá dar os nome, dar os nome, (e fazia aqueles papel), fomos (registrando) tudo, aí eu desconfie da conversa de um que falou: “Por que que nós não fazemos ali na praça?”, aí o outro respondeu pra ele: “Não, ali na praça não. Se nós for fazer ali na praça, vão dizer o quê de nós?”; daí eu sempre sacava aquelas conversa (diferente). Aí viemos tudo contente, aquilo, nem (*diantar*), esse dia, ninguém *diantou*, porque nós *tava* feliz da vida, que nós ia receber tudo de mão (cheia). Aí o que aconteceu [] que esses dois home que ficaram, que não puderam ir nesse dia, eles mandaram recado pra eles que, no outro dia, ele que fosse pra fazer, porque não podia ficar ninguém [] e eles aguardaram até a chegada do ônibus. Aí eles foram, (dois) mais *véio*, sabe, foram, eles não conheciam a cidade. Tudo isso, até não conhecer as coisa, é bom pra gente, né; eles não conheciam a cidade, não conheciam onde era a casa paroquial, onde é que era pra ir, aí pegaram, se encaminharam pra prefeitura, foram pra prefeitura. Aí chegaram lá e deram pro seu Ari, que era o prefeito, que eles foram fazer esse papel só que eles não sabiam onde é que eles *tavam*, sabe, eles não conheciam o local, e esse papel era pra isso, era pra aquilo. O seu Ari pegou o papel, abriu e começou ler. Leu, leu, leu, leu, leu e falou: “Escuta, todo mundo [] assinaram esse papel?”. Ele falou: “Foi, faltaram nós dois”. “Então vocês dois não vão assinar, não vão assinar e *vorta* pras suas casa [] e avise a liderança lá que vocês *tão* (perdido). Mais uma vez, São Pedro caiu [] aí eles *vortaram* e já vieram avisando. Quando foi no outro dia, o que é que nós ia fazer? Como nós não tinha recurso pra fazer aquela (*vira*), aí o líder pegou, foi em Eldorado, [] a prefeitura pegou fez uma carta. Já *tava* lá no Rio Grande do Sul esses papel, e quando viesse o [] vinha pra cá. Daí entrou advogado, entrou as pessoas, sabe, que entende dessas coisa [] e pegaram e fizeram o desfecho, {Cancelaram.} cancelaram. Mas, nós, *óia*, desse tempo pra cá, eu fiquei com medo. Quando chega uma pessoa aí contando que ele é muito de cima, eu penso nisso. “Não, vamos conversar primeiro...” Mas nós *peguemos* cada boca quente... Mas tudo bem, ali ficou, mas, graças a Deus, agora, depois que o fazendeiro... também, aconteceu esse fato aí de morte, sabe, daí a justiça entrou mais forte pra defender o nosso lado. Daí também veio *acarmando*, *acarmando*, *acarmando*; dá pra gente se dizer que agora, quase de uns vinte ano pra cá já (Dona Jovita/ Galvão).



©Acervo NINC/SEE-SP

Placa da Associação Cultural do Quilombola Brotas - Itatiba - SP.

Associação

As associações de moradores são instâncias muito importantes para as comunidades quilombolas. Isso porque, para que as comunidades obtenham o reconhecimento legal de que são remanescentes de quilombos e para que consigam a demarcação, a certificação e a titulação de suas terras, é necessário que possuam uma associação de moradores devidamente registrada em cartório.

Então, dessa comunidade aqui, a organização começou depois que nós, o grupo de mulher, começamos, estudando a Bíblia que nós descobrimos os valores, foi na Bíblia que nós descobrimos que as mulheres da Bíblia, também eles, tiveram muita luta pra conseguir o direito deles. Então nós também estudamos as mulheres da Bíblia, onde começou a nossa organização de mulher. Começamos a trabalhar juntos, porque cada uma trabalhava pra si, ninguém trabalhava em grupo junto, dessa época pra cá, que a gente descobriu as mulheres da Bíblia, que eles trabalhavam sempre em grupo pra eles poderem conseguir as coisas, que uma pessoa sozinha é difícil, aí também nós começamos a trabalhar em grupo, depois do estudo bíblico. Isso foi de noventa [1990] pra lá, foi antes de noventa.

Porque, o ano de mil novecentos e noventa e dois, nós já tava formada em grupo, já tava mais organizada, que nós já começamos fazer um encontro de mulher em Eldorado pra comemorar o dia oito de março, que é o Dia Internacional da Mulher. A gente já tinha descoberto, já começamos fazer a reunião, todo ano a gente fazia uma viagem pra Eldorado, dia oito de março, pra comemorar o Dia Internacional {Vocês faziam junto com a dona Jovita?} Era tudo junto, cada comunidade se reunia e, aqui, eu já entrei nessa época como coordenadora, porque eu que arrumava as pessoas, arrumava ônibus pra ir nesse dia em Eldorado. Já venho coordenando as coisas aqui dentro da comunidade há bastante tempo, já trabalhei grupo de horta que nós trabalhava, comunitário, roça comunitária, horta, tudo eu já fui coordenadora desses trabalhos. E, depois, agora, de mil novecentos e noventa e quatro pra cá, eu passei a ser coordenadora da Pastoral da Criança, que até hoje sou coordenadora ainda da Pastoral da Criança aqui na comunidade. Então, aí, começou, a gente descobriu através das mulheres da Bíblia que a gente também tinha que se juntar, se juntar as mulheres também pra conseguir algum direito. (Esse grupo começou) só aqui em Sapatu, porque cada comunidade, a irmã Sueli, a irmã Ângela, elas que vieram dar o estudo bíblico pra nós. Nós tinha estudo bíblico, eu estudei cinco anos, eu estudei bíblia cinco anos, então eu já aprendi muitas coisas, conheci as mulheres da Bíblia, conheci a luta deles, pra depois nós começar a nossa, nós nos inspiramos na Bíblia. Cada vez que elas vinham, nós estudava um trecho bíblico, e foi aí que abriu a nossa mente. Essa Associação de Moradores surgiu quando nós trabalhamos com o grupo de horta, porque aí os homens tinham a associação, mas era de troca. De dia, os homens iam, trabalhava um, depois, aquele um que fazia a roça, fazia a roça e ia pagar o dia daquele outro. E assim foi, e, depois, houve um tempo que eles se desligaram disso aí, largaram mão desse serviço, não sei porquê. Ficavam medindo esforço, um ia pagar, outro não ia, um trabalhava pra um grupo, depois aquele um não vinha pra ele, então foram se dispersando. Aí, depois, formou essa associação que nós temos agora, que ela começou essa época. E, nessa época, nós tinha, nós era um grupo de dez mulheres que trabalhava, trabalhava com horta comunitária. E, aí, quando formou a associação, nós fomos as primeiras pessoas a entrar na associação pra poder registrar, pra poder fazer o registro da associação. Que queriam registrar, mas não tinha, o grupo dos homens não tava trabalhando, o grupo que tava trabalhando era só as dez mulheres. Então precisava, pra registrar a associação, de um grupo de mulher trabalhando, de um grupo trabalhando. Como era um grupo de mulher, entrou o grupo de mulher pra registrar a associação. Foi mais ou menos isso aí (no ano de mil novecentos e oitenta e nove a mil novecentos e noventa), mas a horta foi bem antes. A horta foi, não tinha a associação aqui ainda, começou na época da horta. Que até nós fomos chamados pra nós entrar na associação, fazer parte, ser sócio. Pra poder registrar a associação, precisava de um grupo trabalhando, e era nós que tava com o grupo trabalhando, era nós dez mulheres. [...] No tempo da horta, a gente trabalhava, o primeiro ano

nós trabalhamos com verdura e nós vendia pra prefeitura, vendia na Santa Casa e, depois, como teve a troca de prefeito, pararam de comprar. Aí, nós mudamos pra outro tipo de plantação, começamos a plantar verdura, mas a gente tava só perdendo, porque plantava pra vender, plantava bastante, não tinha mais comércio. Aí nós mudamos a plantar coisas que nós mesmos consumia, plantava mandioca, plantamos arroz, plantamos feijão, milho, nós plantamos de tudo depois que nós paramos com a verdura. O espaço da terra nós ocupamos com outras coisas, e esse nós mesmos consumia, porque nós, nessa época, tinha entrado mais uma pessoa, já era onze mulheres, então... o que nós plantava ali, nós dividia entre nós, então não se perdia nada, como no começo perdeu a verdura. Depois, mudamos pra outras coisas, e não perdia. Nós dividia lá mesmo, nós tirava mandioca e juntava de duas em duas mulher e fazia um pouco de farinha, outras duas ia, tirava mandioca e fazia outras farinhas e dividia entre eles, e assim vai. Nós trabalhamos. Dessa época pra cá, o grupo de mulher não parou mais. Nós não temos mais horta, mas nós temos outras coisas. Aí, depois disso, nós tivemos o curso de costura, dois cursos de costura também que nós fizemos, mas só que não deu certo, porque a pessoa pensava em entrar numa coisa que desse renda, a gente precisava, precisava de uma coisa pra ter renda. Aí a costura não foi em frente, aí desistimos da costura. Aí veio, entrou o artesanato, e no artesanato tem várias mulheres ainda que continuam trabalhando. (Dona Esperança/Sapatu)

Essa, lá embaixo, ela é fundada em mil, foi fundada em mil novecentos e noventa e oito. E aqui, que foi uma área que ficou à parte por questão política da época, eles não deixaram que os quilombo reconhecesse pra cá, pra cá tinha que ficar com os outro. Mas, através de estudo antropológico, acusou realmente que era tudo parte, fazia tudo parte do quilombo. Aí, quando eu estava em São Paulo, o próprio estado [] da Brigadeiro Luís Antônio e falou, *escreveceu* a gente, falou: “Ó, vocês têm direito, então é bom, dona Diva, a senhora...”. Em mil novecentos e noventa e seis, já havia uma grande reunião aí em Eldorado, aonde teria que dar um que realmente que os quilombo dessa área aqui, né, que tem entre, faz divisa com o parque, dissesse um que, que queria mesmo, porque o parque ia tomar conta, né. Aí ficava o parque e terceiro, daquela ponte que vocês atravessaram da [] pra cá, né, daqui pra cá ia ficar parque e terceiros, ficava os quilombo só ali naquela vilinha, né, amontoado ali. Aí eu procurei, pedi uma reunião com os secretário, a Florestal, enfim, esses representante, aí em Eldorado, na Câmara Municipal, e eles atenderam. Aí eu vim de São Paulo, junto com outras liderança, né, e fizemos a reunião lá, e eu assinei um requerimento requerendo essa parte pra cá, que dá seis mil oitocentos e setenta e cinco hectares de área e vai embora. É mato pra caramba, né, mas... (Dona Diva/Pedro Cubas)

“Na realização do I Encontro Nacional de comunidades Negras Rurais Quilombolas, realizado em novembro de 1995, em Brasília/DF. As comunidades negras rurais quilombolas alteraram a capacidade de mobilização regionalizada exercitada nas últimas décadas, colocando a problemática do negro do meio rural como questão nacional. Como mecanismo de organização, constituíram a Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ). A CONAQ foi criada no dia 12 de maio de 1996, em Bom Jesus da Lapa/BA, após a realização da reunião de avaliação do I Encontro Nacional de Quilombos. A CONAQ é uma organização de âmbito nacional que representa os quilombolas do Brasil.”

COSTA, Ivan Rodrigues. CONAQ: Um Movimento Nacional dos Quilombolas. Disponível em: <http://www.institutobuzios.org.br/documentos/CONAQ_UM%20MOVIMENTO%20NACIONAL%20DOS%20QUILOMBOLAS.pdf>. Acesso em: 14 jun 2014.

“A organização político-social destas comunidades teve início em meados da década de 1980, com o trabalho de base realizado pela Comissão da Pastoral da Terra (CPT). Nos anos 1990, foi criada a **EAAACONE** (Equipe de Articulação e Assessoria as Comunidades Negras do Vale do Ribeira), formada por lideranças das comunidades quilombolas do Vale e por apoiadores. Iniciava-se, assim, o processo de discussão e organização dos quilombolas do Vale do Ribeira. Também nesta década, foi criado o Movimento dos Ameaçados por Barragens (MOAB), composto por integrantes da Igreja Católica, ambientalistas, sindicatos urbanos e rurais, lideranças das comunidades rurais e, principalmente, representantes das comunidades quilombolas. O movimento faz parte até hoje do cenário político-social das comunidades quilombolas, indígenas e caiçaras locais no enfrentamento dos projetos de barragens (Hidrelétrica de Tijuco Alço, Funil, Batatal e Itaoca), no rio Ribeira de Iguape.

(Continua)



Placa indicando o Quilombo Cangume - Itaoca - SP.

Conheça algumas organizações quilombolas que trabalham para a garantia dos seus direitos:

Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq)

Equipe de Articulação e Assessoria as Comunidades Negras do Vale do Ribeira (Eaacone)



©Acervo NINCS/EE-SP

Artesanato feito por moradores do Quilombo Sapatu - Eldorado - SP.

Produção: roça, produtos artesanais e turismo étnico

Vemos nos relatos das/dos mais velhas/os das comunidades quilombolas que, no passado, as comunidades produziam tudo o que consumiam. Todos os alimentos eram produzidos pelos próprios quilombolas: plantavam, criavam galinhas e porcos, pescavam e caçavam. Das cidades, necessitavam apenas de alguns “cortes de pano” para as roupas, do sal, do fósforo e do querosene para as lamparinas. Tudo o mais era produzido na comunidade.

Hoje, a realidade é bem diferente. Com a criação de leis ambientais, que muitas vezes, desconsideram os modos de vida das populações tradicionais, e com a diminuição de suas terras, que foram tomadas por terceiros, grileiros, grandes empresários do setor de mineração ou por empresários interessados na construção de hotéis e condomínios, as/os quilombolas foram forçados a reduzir suas atividades produtivas, principalmente a produção de alimentos para consumo próprio.

As/Os quilombolas nos dias atuais vivem com poucos recursos e se veem obrigados a trabalhar fora, na lavoura de outros produtores, ou nas cidades, em casas de família e nos demais serviços urbanos. Ironicamente, as/os quilombolas que, juntamente com as/os indígenas, foram as/os responsáveis pela preservação de uma enorme área de Mata Atlântica

(Continuação)

A organização das comunidades quilombolas resultou na consciência de seus direitos. Mas ainda hoje, os remanescentes de quilombos vivem em constantes batalhas por seus direitos fundamentais.”

SILVA, Elson Alves. A educação diferenciada para o fortalecimento da identidade quilombola: estudo das comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira. Dissertação de Mestrado. PUC/SP, 2011. p. 37. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12577>. Acesso em: 9 jun 2014.

Terceiros: pessoas que compraram (alguns, poucos, de boa fé) terras que estão dentro de territórios quilombolas. Após a certificação de titulação da comunidade, os terceiros devem ser indenizados pelo governo e sair da terra, deixando-a aos quilombolas que têm direito sobre ela.

Grileiros: pessoas que, usando falsos documentos de propriedade, se apoderaram de terras que não são suas. Esse nome surgiu do fato de que essas pessoas, para produzirem os documentos falsos, colocam-nos dentro de uma caixa com grilos, para acelerar o processo de envelhecimento do papel, dando-lhes a aparência de antigos.



©Fernandes Dias/INESP (as duas fotos)

Detalhe da cozinha e do restaurante Quintal da Magdalena - Quilombo Caçandoca - Ubatuba - SP.

“O Circuito Quilombola do Vale do **Ribeira** é uma oportunidade única de fazer turismo de base comunitária e ao mesmo tempo conhecer a cultura afro-brasileira, participando de seu cotidiano observando seus conhecimentos tradicionais, visitando as belezas naturais e, principalmente, ouvindo as histórias de luta e resistência das comunidades, que contribuem até hoje para preservar as riquezas da sociobiodiversidade da região. São cachoeiras, rios como o Ribeira de Iguape e Pedro Cubas, cavernas, como a do Diabo com suas lagoas internas e milhares de estalactites estalagmites, formando verdadeiras esculturas, as casas do Artesão e de Pedra; as trilhas do ouro, os sambaquis, de grande interesse arqueológico, os portos De Fora e Abrão e muitos outros atrativos que vão encantar os visitantes. Já a gastronomia quilombola é um item à parte que ajuda a contar a história dos quilombos do Ribeira.”

CIRCUITO QUILOMBOLA DO VALE DO RIBEIRA. O que é Circuito Quilombola? Disponível em: <<http://www.circuitoquilombola.org.br/node/1/>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

existente no Vale do Ribeira e no litoral paulista, hoje estão acuados por uma legislação ambiental que criou parques e áreas de preservação ambiental dentro dos territórios quilombolas e proibiu atividades realizadas há séculos por essas comunidades, como a roça e a caça para consumo próprio.

Algumas comunidades, principalmente as que já foram certificadas e tiveram suas terras tituladas, vivem da plantação de banana e de palmito pupunha. Esse é o caso de algumas comunidades do Vale do Ribeira. Todas ainda criam galinhas e porcos (em pequeno número) para consumo próprio e fabricam artesanalmente, de maneira tradicional, alguns produtos como farinha de mandioca, doces de banana, de mamão e de laranja e pão. Além do artesanato da fibra da bananeira.

As comunidades também têm se organizado para a realização do turismo étnico, do qual a comunidade do Ivaporunduva é um exemplo. Ela possui uma pousada e recebe grupos de turistas e visitantes (em sua maioria, professores e alunos da educação básica e de universidades) e realiza oficinas temáticas sobre a história das comunidades quilombolas. Visitas monitoradas ocorrem em quase todas as comunidades, momento em que membros da comunidade fazem apresentação de danças (Nhá Maruca e Mão Esquerda, por exemplo), roda de viola e contação de causos. Alguns jovens das comunidades do entorno do município de Eldorado trabalham como monitores ambientais nos variados atrativos naturais da região, como a Caverna do Diabo e as muitas cachoeiras ali existentes.



Criação de galinhas nas comunidades do Vale do Ribeira - SP.



Pupunha nas comunidades do Vale do Ribeira - SP.

©Genivaldo Carvalho/MESP (todas as fotos desta página)



Roda d'água de engenho no Quilombo Fazenda Picinguaba Ubatuba - SP.



Quilombo Ivaporunduva - Eldorado - SP.



Detalhe de bananicultura e Rio Ribeira de Iguape.



Portal de entrada da cidade de Eldorado - SP.



Mandioca e cará, plantados pelas comunidades quilombolas.

©Acervo NINC/SEE-SP

Ai, era as coisa... porque as coisa era tudo daqui *memo*. O comprado era só o sal, o pessoal comprava, e a *querosena* pra acender lampião, porque essa lamparina que faziam, então acendiam pra gente *crarear* de noite, andava com o lampiãozinho, se não *ponhava* um lá, outro lá num lugar, pra gente *tá* fazendo as coisa naquele *crarinho* daquela *luzinho*, igual a vela quando a pessoa acende a *craridade* do lampião, igual a velinha, *mema* coisa, então, a gente, o jeito das coisa que a gente se mantinha com eles era tudo daqui *memo*. Então era... a gente *prantava* banana; dava pro gasto, porque não tinha (venda). *Prantava* mandioca, dava, *prantava* um (cajá), uma batata, tudo que era de aqui do mato, a gente *prantava*, dava, então a gente se mantinha com aquilo. Não tinha esse pão que tem agora, aí. Comprar um pão? Eu até nem ligo pra esse pão, não fui criada com isso, não acostumo (com o *tar* do pão), comer pão, não.

Tinha o café de garapa, moía a cana, tinha o (estraçador), moenda, porque tinha o moenda grande de moer com animal, moendão, moía com animal bastante, (quarava) pra fazer açúcar de fôrma, que diziam, os mais *véio* diziam, então faziam aquele... Tinha o forno, uma tacha grande, então eles *ponhavam* numa trempe *anssim* e era um barracão do [] dessa casa aqui inteiro, misturado dessa casa dela tudo, um barracão grande que tinha. Então, dentro era aquela moenda, moenda grande em cima, então tinha o cavalo já próprio pra virar aquela moenda. Então nós ia cortar a cana, era um dia inteiro que nós *tava* cortando cana, bastante gente, não era só eu, porque eu ainda era criança, mas *tô* fazendo a parte de eu porque... Mas os mais *véio* que iam, cortavam cana o dia inteirinho ali; três, quatro pessoa cortando cana. E, quando era outro dia, iam *bardear* tudo aquela cana, faziam aquele *amontoerão* de cana num salão assim. Aí, depois que *tava* tudo amontoadado aquela cana, nós ia macetar, bater a cana pra pôr na moenda pra moer. Aí nós pegava, que era até o primeiro, o mais *véio* escravo, que tinha quilombo, os quilombo mais *véio* que nós trabalhava, os mais *véio* trabalhava nele,

fazia bastante serviço. Era grande, esse homem, ele era negociante, era um dos maior que tinha aqui no bairro aqui, então tudo mundo *trabaiava* pra ele. Então, quando chegava assim véspera de feriado, ele mandava os camarada cortar aquela *canaiada* pra moer, ali moíam aquela cana. E já tinha ali dois pra *tá bardeando* aquela guarapa, *ponhando* naquele tacho pra *tá* aquela fogueira debaixo daquele tachão fervendo aquela guarapa e o cavalo moendo a cana. E o [] *ponhava* a cana lá naquela moenda e o cavalo andava tudo aquele salão, moía cana o dia inteirinho. Ali era a guarapa que *tava ponhando* naquele tacho, *tava* apurando, tiravam aquele um, já *tavam* tocando outro, faziam o melado, aquela calda da guarapa. Às vezes, tiravam de garrafão, esses garrafão grande, lata, sei lá, até nem lembro o que que era que eles *ponhavam* nele. Bastante, eles faziam de bastante, e *despois* apurava aquele açúcar. Porque o [] pra fazer o melado, que diziam, que essa calda grossa que faz da guarapa, eles tiravam separado. E, depois, quando era pra fazer açúcar, ainda apurava o açúcar *memo*, iam mexendo assim com um mexedor grande [] grande assim, mexendo no forno pra ir apurando aquele melado, aquele açúcar no forno pra fazer açúcar. Aí, quando apurava aquele açúcar, mas era um tachão grande, apurava aquele açúcar, desciam aquele fornão, aquela tachona e ficavam mexendo ele assim. Aí ia apurando, ia embolando aquele açúcar, ia embolando, ia embolando, embolando, embolando, até que ficava aquele, dava de esfriar e ficava aquela bola de açúcar *anssim*, que é açúcar de fôrma, que fala, falavam, agora eu acho que nem existe. Então, eles deixavam lá, depois tiravam numa fôrma grande, se não numa *vasia* lá que deixasse esfriar e *ponhava* lá de novo aquele tachão e colocavam outro tantão de guarapa pra ir, pra fazer. Faziam de tonelada de açúcar e deixavam, porque não tinha pra quem vender, quem comprava era os *memo* trabalhador que trabalhava pra ele que comprava aquelas coisa, porque, pra vender pra fora, não tinha comércio. Então era só pra uso, então ali a pessoa se mantinha com aquele um, quando queria comprar daquele açúcar apurado, comprava dele, *trabaiava* e comprava. Quando não queria, a pessoa tudo tinha seu *canaviazinho*, então moía a cana e fazia o café da mesma guarapa também, era a mesma coisa. Então era assim que nós vivia e se mantinha de lavoura nosso *memo*, *prantava* de tudo, a gente tinha de tudo. Quem *guentava* fazer roção grande, fazia. Quem não podia, fazia pequeno, mas sempre se mantinha daquela lavoura, tudo daqui do mato *memo*, e comprava somente o sal que ia comprar e a querosene, que a pessoa não tinha nada, e o fósforo, fósforo que era comprado, só. O resto das coisa era tudo daqui, tudo da lavoura e da roça *memo*. E tinha bastante *trabaiador memo*, tudo eram *trabaiador*, tudo, aquelas criançinha desse *portinho* já eram tudo incluído na roça. Fazia um puxirão aquelas criançada na roça, era bonito de ver, tudo molequinho assim, tudo *prantando*, era arroz, feijão, era milho. As pessoa mais *véio* pegava, quando eles não sabiam, que era igual esse molequinho [] ele pegavam [] então ele andava, chegava perto da mãe dele, a mãe pegava, fazia o buraquinho *anssim*, da cova no chão, mandava ele *ponhar* a *prantinha* lá, pra ele ir aprendendo já. Já ia se criando aprendendo já, naquele ritmo. Depois, quando



©Acervo NINC/SEE-SP

Rua no Quilombo Cangume - Itaoca - SP.

ficava de dez ano em diante, pronto, já era *trabaiador*, podia *trabaiar* pra *quarquer* um. Então tudo *trabaiava* aquele tempo e tudo tinha suas coisinha, não precisava *tá* se batendo pra trabalhar em fazenda, comprar coisa feita, tudo tinha do seu pra se manter com ele. Agora *tá* bom num jeito e ruim *ni* outro, porque ninguém quer *trabaiar* mais, quem tem vontade de *trabaiar*, *iguar* eu, que já sou bem *véio*, e tudo essa gentarada por aí, já que tem gente mais *véio* do que eu ainda, mas a gente não *guenta* mais, não *guenta* *trabaiar* mais. (Dona Maria Urbana/Pedro Cubas)

Eu sou José, José da Costa, nascido e criado no quilombo. O meu papai... o meu papai faleceu com cento e três anos de idade. Nós comemos sempre as coisas pura, sempre o que ele passava pra nós, comer as coisas pura, da terra, né, lavoura nossa que *prantava* aqui mesmo, né. Então, falando do que eles falaram no começo acerca da caça, a carne que nós comia era a carne de caça. O *véio* praticava mesmo pra tratar de nós com carne de caça. A gordura que nós comia era a gordura do porco, não tinha esse negócio de óleo que tem hoje, não tinha. Era tudo criado na roça. No arroz, no feijão, no milho, essas coisa tudo da roça, o café... O café era cana moída, bebia do café da garapa. Não tinha negócio de açúcar, era tudo natural mesmo. A mistura de café que nós usava era cará, mandioca, batata, essas coisa que nós usava. E, falando nas dança, o meu pai tocava em festa de casamento, violão, viola, gostava muito de tocar... Quando tocava nas festas de

casamento, essas dança que eles estão falando nelas, o *véio* tocava tudo elas e... Dança eu aprendi, não vou dizer que não, que eu aprendi. Só que no modo de dançar que eu vejo hoje na criançada, que eu acho diferente, que eu tinha uma dança que a turma mais *véia* falava de xote. Pegava a mão da dama com uma mão, levava ela lá, trazia, pegava com a outra mão, pegava na cintura, mas por fora, de longe, não chegava nem a encostar na gente, tirava por forinha. E eu era campeão nessa dança <risos>, gostava. Tinha vez que eu chegava no forró e muitas vezes era só eu que praticava, na minha cidade era só eu que praticava, vinha três, quatro moça, grudava *ni* mim pra dançar comigo, porque eu sabia dançar e os outros não sabia. Então ficava aquela fila de gente pra dançar só comigo. Hoje eu não faço mais isso, sabe, hoje não pertença a... como é que é... não faço mais isso. Mas eu sei fazer e sei explicar pras pessoas fazer também. Então é o seguinte, a nossa cultura aqui antigamente era essa. E outra, era carregada toda nas costas, nem *animar* não tinha direito. Meu pai nunca foi um homem de lidar com criação, então a criação dele era porco, galinha, essas coisa. Mas cavalo, assim, boi, ele não usava, a carga era carregada nas costa *memo*. Então nós saía lá dá... morava mais pra frente um pouco aqui, nós saía lá do sertão com carga nas costa, vinha pra cá e *vortava* a pé. Não tinha negócio de cavalo... e caminho de... de... de tropa *memo*, não tinha estrada, era tudo... a estrada aqui era um capinzal só. Quando passou o primeiro (corte), depois largaram mão, abandonou, ficou feito um capinzal. O pessoal andava (no meio do capim) aqui, com carga nas costa, moradores... É... de ponto em ponto tinha um morador na beira do caminho... Então a cultura era essa. E o café era *prantado* nosso mesmo, não tinha negócio de trazer esse café com química, que nós vê aí hoje. Hoje a gente vê mudança, muitas coisas a gente fica parado pensando, não sabe pra que caminho tomar pra sair. Porque eu *memo*, tem coisas que acontecem hoje que eu não sei sair dela. Mas... é, quando eu vinha estudar, eu vinha estudar eu tinha que passar vinte vez por dentro do rio, podia *tá* caindo gelo ou do jeito que fosse eu vinha descalço. Trazia comida em uma latinha, daquelas lata de óleo antiga, quadradinha. Quando ia comer, ela *tava* da cor desse livrinho aí, porque [] e eu morava muito longe, então eu não tinha tempo de estudar. Eu estudava uma semana do mês, o resto eu tinha que ajudar meu pai trabalhar pra cuidar dos mais pequeno, que tinha mais criança pequena e o *véio* já *tava*... Então a cultura nossa começou nessa medida. Hoje *tá* tudo facilitado, eu vejo o ônibus pegar os aluno na porta e levar de novo de tarde. E infelizmente as criança hoje não querem nada do que o governo *tá* oferecendo. Eu precisava que esse estudo de hoje fosse o tempo que eu comecei a estudar. Hoje, por misericórdia, eu entrei estudar aí com os professores vindo aqui mesmo, com um projeto do Banco do Brasil. Aí a diretora (Lígia) viu a minha letra, ela interessou em passar pro EJA, né, e já colocou direto na quinta série, eu era segunda série fraca. E nessa... nessa partilha hoje eu *tô* terminando o terceiro. Então, isso a gente pode passá, *tá* passando... mais ou menos isso. (José da Costa/André Lopes)



Etnomatemática

“Mesmo que na escola sejam ensinadas as unidades de medidas oficiais, em seu dia-a-dia as pessoas continuam fazendo uso de unidades não convencionais; por exemplo, x minutos a pé, referindo-se à distância e um quadro de 15 ou uma tarefa, para tratar de medidas agrárias. Assim, a matemática acadêmica é utilizada nas situações comerciais e nas transações bancárias, o que é imprescindível para todas as pessoas.”

VIZOLLI, I.; SANTOS, R. M. G.; MACHADO, R. F. Saberes quilombolas: um estudo no processo de produção da farinha de mandioca. *Bolema [online]*. 2012, vol. 26, n. 42b, pp. 589-608. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-636X2012000200009>>. Acesso em 30 jul. 2013.

As medidas de roça, que hoje nós vimos, que hoje em dia nós vimos que as coisa *tá* mudando bastante. Então o que acontece, (nós) media, nós batia roça, nós media roça; era alqueire, [], era braça, era tudo isso. A medida de semente era litro, meia quarta, meio alqueire e um falava com o outro e todo mundo entendia [] Todo mundo entendia quando falava “Quero (meia quarta) de semente”; não podia passar, não passava nem um pouquinho, porque a minha mãe, o nosso [] falava: “O negócio tem que ser justo!”. Então a gente *tá* vendo, quando fala educação diferenciada, a gente *tá* vendo tudo esse sistema. Então esse tipo de educação, esse tipo de respeito das coisa, o costume hoje em dia *tá* fazendo com que aquilo ali seja esquecido... Então a gente, como se diz, eu acho que o que eu tenho que passar é isso. Tem muita coisa pra falar, mas o que eu tenho que passar é isso! Obrigado. (Sr. Assis Pereira dos Santos/André Lopes)

Você conhece as unidades de medida apresentadas pelo sr. Assis?

Pesquise o que significam alqueire, braça, litro, meio alqueire e meia quarta. Aproveite para conversar com os moradores do quilombo e descubra se existem outras unidades de medida usadas na comunidade.

“Todos os povos, com sua cultura (etno) lidam com sua realidade e a explicam (matema), cada qual à sua maneira (tica). Essa constatação resultou na etnomatemática, que leva em conta as explicações próprias das comunidades, cotejando-as com as formas universais do conhecimento.”

D’AMBROSIO, Ubiratan. *Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993, pp. 10-15.

Então, até breve

Este livro buscou apresentar alguns trechos das muitas narrativas contadas nas rodas de conversa realizadas nas comunidades quilombolas visitadas pela equipe do Núcleo de Inclusão Educacional. Com esta iniciativa, buscou-se mostrar as/aos professoras/es das escolas quilombolas e das demais escolas um pouco do universo da vida quilombola no estado de São Paulo. Além disso, a intenção foi apresentar às crianças e adolescentes quilombolas que receberão este livro por meio da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo a vida que conhecem na prática, de maneira a auxiliá-los na vida escolar. Às/Aos alunas/os não quilombolas que também terão acesso a este livro na biblioteca de suas escolas, desejamos que procurem entender este rico universo e aprender com ele. As comunidades quilombolas preservaram tradições, fazeres e valores, dos quais muitos já foram perdidos pelas comunidades urbanas de hoje. Conhecer e valorizar essas histórias e esses conhecimentos faz de todos nós seres humanos melhores e mais sábios.

Eu agradeço tudo os senhores pela vinda... Aqui não é lugar muito fácil, por isso que, quando a pessoa vem, a gente agradece muito. Nós moramos num Sertão, assim, viu a lama que tiveram que enfrentar. Mas (se mais vezes) tiver oportunidade de vim, a gente recebe de braços aberto [] contando história, tem milhares de história que a gente pode, [] que um dia que tivesse assim, de bom tempo, que a pessoa pudesse vim com mais tempo pra gente caminhar um pouco, assim, sabe, naqueles lugar histórico. Tem a história e tem lugar histórico também, e isso é muito bom pro conhecimento nosso. Espero também em Deus que isso dê futuro pras criançada, porque o desejo que a gente tem é de bem-estar do que *tá* vindo. Porque nós já *tamo* dessas idade, o que já *passemos*, já *passemos*, não sabemos que ia passar, mas a gente sabe que a gente tem uma resistência de vida. Agora, os coitadinho que vem vindo agora, que carece de nós fortalecer com o nosso bom humor, bom exemplo, e isso que, no mais tudo bem! (Dona Jovita/Galvão)

João Mota: Ah, os daqui *trabaia* fora, na lavoura. Eu *memo* tenho dois, eu tenho um de vinte e um, um de dezenove e um de onze. Mas aí, terminou o estudo foi *trabaiar* [] numa fazenda, aí *despois* mandaram embora, agora acaba o seguro desemprego. Lá de vez em quando vão, mas não é que vão assim seguido, né, dizer que não vai, vai, mas não é... Porque o negócio aqui é o seguinte, que eles, os jovens aqui, eles querem *trabaiar*, mas (de tarde) querem saber quanto dá. {Quer receber!} Agora, na roça [] nem sabe que, à moda que eu *tô* falando, *prantei* lá, não vou colher. Então isso um pouco que desanima, né. {Eles têm pressa.} Isso, então. {Eles querem ter o dinheirinho todo final de semana pra...} Isso! Porque cada caso é um caso. É que, no meu tempo, nin-

guém pensava, ah... se tivesse dinheiro, *tava* bom, se não tivesse... Mas hoje a coisa mudou, né. Eu *memo*, eu me criei lá no *corquinho*, se eu falar meu... eu não tenho vergonha de contar meu crime. Mas ó, eu vesti uma calça, andava só com {{short}} por aqui, vesti uma calça comprida tinha dezesseis ano, que eu *guentei* comprar. *Carcei* sapato, que eu *guentei* comprar, que eu não sabia nem o número, comprei um sapato de *prástico*, que tem, ó, fez calo. {Comprou sapato pequeno?} É. <risos> Eu não sabia o número, ó, e comprovo pra não dizer que é mentira. Ó o calo que fez, isso faz mais de {Fez um calo de tão pequeno que era o sapato?} Isso. <risos> Pelo tempo, *tá* pequeno, mas isso aqui ficou grande, não dava {E o senhor usou assim mesmo, apertado?} É, mas {Só tinha aquele.} não dava pra usar, porque fez um calo e cresceu. {Nem um buraquinho o senhor fez []} Pra senhora ver, eu *tava* com dezesseis ano, hoje *tô* com cinquenta e oito, né, então é {Quase quarenta ano} Isso, então pra mim *tava* bom, né, porque a situação aquela vez era aquilo, né. Mas não é que eu *disconcordo* que, com certas gente que fala, vem aqui e diz “Não tem que seguir”, a cultura tudo bem. Agora, vortar o tempo que a gente se criou, Deus o livre, não tem como vortar. Agora, nossa cultura, tem de preservar ela, isso eu concordo com *quarquer* um. Agora, cultura tem que preservar; você saber de onde é sua cultura, da onde cê, né, de que tipo cê viveu, agora, mas não que isso vai querer pro *fio* da gente, isso não. Pro *fio* da gente, a gente quer *mióra*, né. {Sim.} Só ele sabendo como foi a cultura dele, esse é um direito, todo mundo tem de saber alguma coisa, não pode ter vergonha, que eu digo, eu, *descarço*, não tinha, que aquele tempo quem não tinha recurso pra comprar roupa, hoje não, cada peça de roupa... Não dava, coberta, eu me ensacava dentro de um saco de [], eu acho que eles nem conhece, ensacava lá *drento*, deitava numa esterinha perto do fogo e lá ficava. Um frio que hoje não faz, fazia um frio que Deus o livre [] que é *corquinho*, porque o lugar, tudo lugar que o cara vai, pisava na água, *trabaiava* cedo pisava naquelas água fria, o pé da gente ficava gelado, né. Mas eu, né, o importante que a gente se criou, né. {Ficou forte, daí, né.} {*Tá* aqui hoje pra contar história, né, seu João?} É, o importante é isso. Então tem gente que se envergonha de contar do crime. Eu não. Foi, a realidade foi essa, né, então a realidade tem que ser dito, né. Não adianta o cara ficar envergonhado porque hoje *tô* num mundo *desenvorvido*, né, mas, aquele tempo, não era. Se aquele tempo a realidade era essa pros quilombola, que tudo mundo conhece a maior parte da história quilombola, né, então {Tem mais é que contar, né, porque passou por tudo isso e conseguiu vencer, né. Valoriza ainda mais a história do senhor!} É!

Laurentino/Nhunguara: Valoriza mais a história do estudo, uma grande coisa que todo mundo abriu os *óio*. Antigamente, falava em presidente, tudo

mundo baixava a cabeça, falava em prefeito, ah, era um bicho. Quer dizer que tudo mundo *tava* com os *óio* fechado, né; agora tudo mundo abriu os *óio*. Coitado do presidente não tão tirano. {É.} Então é uma coisa que eu sempre falo, a leitura abriu os *óio* de tudo mundo. Que nem eu me lembro de Franco Montoro, Getúlio Vargas, era quem comandava, não tinha esse negócio de esperar por fulano; ele dizia: “É assim”, “É assim”, “É assim”. {É que aquele tempo era a ditadura, né,} É, hoje não. {não tinha democracia.} Então a leitura abriu os *óio* de tudo mundo, o presidente *tá* lá, mas *tão* com os *óio* nele, né. <risos> Aquele tempo era, baixava a cabeça, hoje não, *tão* com os *óio* neles, né. {Já sabe dos direitos que tem, né.} É, dos direito, o certo é [], então, hoje em dia, as pessoa *tão* quase sendo igual um ao outro. {Direitos humano é pra isso, né, como diz o [] dos direitos humano, aí, o ser humano tem que ser, não pode dizer que (é diferente), até porque...} A leitura foi muito bom, porque limpou muito...

João Mota/Nhunguara: Outra coisa que a gente fala da cultura quilombo-la que tinha, porque, do tempo deles, do tempo dele, já sou criança, sou mais novo até do que o filho dele, mas uma coisa que hoje até fica difícil pra gente contar, umas história passada, porque os pai, aquele tempo, não tinha contato muito com o filho, assim. Aí ele chegava aqui, a moda que nós *tamo* aqui, se eu chegasse ali na porta, tinha que ficar. “Que que cê *tá* escutando aqui?”. Era só conversa dos mais *véio*, então lá que a gente tinha um tio que a gente tinha contato, ele que ia contar as história, mas o pai e mãe não contavam, então a gente não tinha aquele direito, né, de saber. Hoje não, nos direitos humanos, a maior coisa é a gente sentar com a família e conversar, né. O que *tá* errado, não é feio o filho chamar a atenção do pai: “Ah, pai, *tá* errado”, só que nós temos que ter justificativa no que que *tá* errado. Não adianta falar: “Ah, mas *tá* errado”. {É a maneira de falar também, né?} É, “*tá* errado”, mas pra onde que *tá* o erro, não tem justificativa, não tem um certo tipo de falar. E quem *tá* errado também justificar porque que ele *tá* falando que *tá* errado, não adianta falar que *tá* errado, mas não tem justificativa no que que *tá* errado, como é que nós vamos corrigir? Agora, se justificar, vamos tentar corrigir. {Conversar, né.} Isso, conversar pra poder {Aceitar.} Isso, mas...

Então eu também agradeço porque foi uma oportunidade que eu vi que a gente lutando sempre chega. Porque eu sempre tive essa vontade de nossas criança, nossos, se não for os filhos, mas netos, bisnetos, conhecer um pouco das nossas história, porque é importante conhecer as história da família. É uma coisa que ele vai saber da onde ele veio, qual era, que tipo foi o passado, né. Então é uma coisa que eu sempre pensava e, agora que a gente *tá* vendo que {Devagar vai chegando.} vai chegar lá, que eles vão conhecer, os parente, sobrinho, “Ah,

esse aqui foi meu tio". Porque muitos tem vergonha de falar de que maneira foi o criame, mas eu falo, pra mim, isso, o importante é que eu tô aqui, o mais importante é isso, que eu tô aqui. Essas fase ruim, fase boa que passou, isso faz parte da nossa vida, é nosso dia a dia, é bom até pra experiência. Cada fase ruim que a gente passa, que a gente [], é uma experiência da vida que vai... {Melhorando, melhorando.} (João Mota [João Catá]/Nhunguara)



©Acervo NINC/SEE-SP

Quilombo do Nhunguara - Eldorado - SP.



©Silvane Silva

Igreja Nossa Senhora do Rosário - Quilombo Ivaporunduva - Eldorado - SP.

Referências bibliográficas

SUMÁRIO

Referências bibliográficas

- ALENCASTRO, Luis Felipe de. *O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ANDRADE FILHO, Sílvio V. de. O vocabulário e a criatividade da “cupópia”. Em *PAPIA (Revista de Estudos Crioulos e Similares)*, n. 13: 168–179, 2003, Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/view/93/115>>. Acesso em 29 jul. 2013. (Texto adaptado.)
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *Quilombolas: Tradições e Cultura da Resistência*. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.
- ARRUTI, José Maurício. *Mocambo: Antropologia e história de formação quilombola*. Bauru: Edusc, 2005.
- AULETE, Francisco J. C.; VALENTE, Antonio L. S. *iDicionário Aulete*. Rio de Janeiro: Lexikon, [s.d.]. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/>>. Acesso em 25 jul. 2013.
- BOTAO, Renato e NORTE, Silvane. *A educação escolar quilombola no Estado de São Paulo: novas diretrizes*. Revista Comunicações, Piracicaba, ano 21, n.1,p.153-166, 2014.
- _____. *Educação Escolar Quilombola e identidade Cultural em São Paulo*. EM: Africanidades e Relações Raciais: Insumos para Políticas Públicas na Área do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas no Brasil.Org. Cidinha da Silva, Fundação Cultural Palmares, 2014.
- CASTRO, Yeda P. de. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade do Salv. (Org.). *Pasta de textos da professora e do professor*. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.
- CONRAD, Robert Edgar. *Tumbeiros: O tráfico de escravos para o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CUNHA, Manuela Carneiro. *Negros, estrangeiros: Os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- D'AMBROSIO, Ubiratan. *Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- DOMINGUES, Petrônio e GOMES, Flávio. *Histórias dos Quilombos e memórias dos Quilombolas no Brasil: Revisitando um diálogo ausente na Lei 10.639/03*. Revista ABPN, v.5, 2013.
- FLORENTINO, Manolo. *Em Costas Negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FREITAS, Décio. *Escravos e senhores de escravos*. Rio Grande do Sul: Mercado Aberto, 1983.
- _____. *Palmares: A guerra dos escravos*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas: Mocambos e comunidades de senzala no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- KARASCH, Mary C. *A vida os escravos no Rio de Janeiro:1808-1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KLEIN, Herbert S. *A escravidão africana – América Latina e Caribe*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LEITE, Ilka Boaventura. *Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas*. Textos e Debates. Florianópolis: NUER/UFSC, n. 7, 2000, pp.333-54.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- _____. *Kitábu: O livro do saber e do espírito negro-africanos*. Rio de Janeiro: Senac, 2005.
- _____. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- _____. *Oibomé: a epopeia de uma nação*. Rio de Janeiro: Agir, 2010.
- LUIZ, Viviane. *O quilombo de Ivaporunduva e o enunciado das gerações*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CEB 16/2012. *Diário Oficial da União*, Brasília, 20 de novembro de 2012, Seção 1, p. 8. Disponível em: <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf>. Acesso em: 3 jul 2014.
- _____. Resolução CNE/CEB 8/2012. *Diário Oficial da União*, Brasília, 21 de novembro de 2012, Seção 1, p. 26. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>>. Acesso em: 3 jul 2014.
- MOURA, Clóvis. *As injustiças de Clio*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- _____. *Dicionário da escravidão negra no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2004.
- _____. *Quilombos: Resistência ao escravismo*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *Rebeliões da senzala*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

- MOURA, Glória. As festas nos quilombos contemporâneos e afirmação da identidade étnica. *Anais do XXI Encontro Anual da ANPOCS*. 1997. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5216&Itemid=360>. Acesso em: 3 jul 2014.
- MUNANGA, Kabengele. *Origem e histórico do quilombo na África*. Revista da USP. n. 28, São Paulo, 1995.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. *O negro revoltado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- NASCIMENTO, Lisângela Kati. *O lugar do Lugar no Ensino de Geografia. Um estudo em escolas públicas do Vale do Ribeira-SP*. São Paulo, Editora Humanitas, 2017.
- _____. *Identidade e Territorialidade: os quilombos e a educação escolar no Vale do Ribeira*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2006.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: Ritos funerários e revolta popular no Brasil do século XIX*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *Rebelião escrava no Brasil: A história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Elson Aves. *A educação diferenciada para o fortalecimento da identidade quilombola: estudo das comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira*. Dissertação de Mestrado. PUC/SP, 2011.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas: Editora Unicamp, 2001.
- THOMAS, Hugh. *The Slave Trade- the story of the Atlantic Slave trade- 1440-1870*. New York: Simon Schuster, 1997.
- UNESCO. *Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*. 2003. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acesso em 24 set. 2017.
- _____. *Declaração universal sobre a diversidade cultural*. 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2013.
- VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos - Do século XVII ao XIX*. São Paulo: Editora Corrupio, 1987.
- VIZOLLI, I.; SANTOS, R. M. G.; MACHADO, R. F. Saberes quilombolas: um estudo no processo de produção da farinha de mandioca. *Bolema [online]*. 2012, vol. 26, n. 42b, pp. 589-608. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-636X2012000200009>>. Acesso em 30 jul. 2013.

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239q São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Núcleo de Inclusão Educacional.
Narrativas quilombolas: dialogar – conhecer – comunicar / Secretaria
da Educação, Núcleo de Inclusão Educacional; organização, Silva, Silvane;
Botão, Renato Ubirajara dos Santos; textos, Santos, Acácio Sidinei
Almeida; Norte, Sérgio Augusto Queiroz. – São Paulo : SE, 2017.
124 p : il.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7849-741-5

1. Educação quilombola 2. Quilombos 3. Prática pedagógica 4. São Paulo (Estado) I. Silva, Silvane. II. Botão, Renato Ubirajara dos Santos. III. Santos, Acácio Sidinei Almeida. IV. Norte, Sérgio Augusto Queiroz. V. Título.

CDU: 376.74(815.6)

IMPrensa Oficial do Estado S/A – IMESP

Projeto gráfico e diagramação

Teresa Lucinda Ferreira de Andrade
Vanessa Merizzi

Tratamento de imagem

Leonidio Gomes
Tiago Cheregati

**Impressão e acabamento sob a responsabilidade
da Imprensa Oficial do Estado S/A – IMESP**

